



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES
AMAZÔNICAS**

SILVINO SIRNÁWE XERENTE

**DASÍPÊ AKWÊ/XERENTE WASKUZE
HISTÓRIA DO DASÍPÊ XERENTE**



PORTO NACIONAL – TO

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES
AMAZÔNICAS

SILVINO SIRNÁWE XERENTE

DASÍPÊ AKWê/XERENTE WASKUZE

HISTÓRIA DO DASÍPÊ XERENTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas – PPGHISPAM, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História da Populações Amazônicas.

Orientador: Prof. Dr. Odair Giralдин.

PORTO NACIONAL – TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

X6d Xerente, Silvino Simãwe.

Dasípê Akwê/Xerente Waskuze : História do Dasípê Xerente . / Silvino Simãwe Xerente. – Porto Nacional, TO, 2022.

103 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em História das Populações Amazônicas (PPGHSPAM), 2022.

Orientador: Odair Giralдин

1. Ritual. 2. Memória. 3. Dasípê . 4. Xerente. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SILVINO SIRNÃWE XERENTE

DASÏPÊ KWÊ/XERENTE WASKUZE

HISTÓRIA DO DASÏPÊ XERENTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas – PPGHISPAM, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História da Populações Amazônicas.

Data da aprovação: 24/06/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Odair Giralдин.
Orientador / UFT

Prof (a). Dr (a). Regina Célia Padovan
Convidado 1/ UFT

Prof. Dr. André Luis Campanha Demarchi
Convidado 2 / UFT/PPGCOM

Mãtô mnĩ, awẽ, awẽ! (Já vem, a aurora, a aurora!)

Mãtô mnĩ, awẽ, awẽ! (Já vem, a aurora, a aurora!)

Tãkã tô, wanĩm bdã! Akwẽ, akwẽ! (Este, é o nosso dia! Xerente, Xerente!

Tãkã tô, wanĩm bdã! Akwẽ, Akwẽ! (Este, é o nosso dia! Xerente, Xerente!

(Música composta pela anciã Belcina Tkidi Xerente escrita por Silvino Sirnãwe Xerente, cantado com maracá a noite durante o “Dasĩpê”, a grande festa dasĩpê).

Dedico este trabalho de pesquisa a todos e todas os Akwê nōrĩ, wawê nōrĩ, principalmente para o meu pai, Pedro Smisuite e minha mãe, Maria Pizadi e também a minha esposa companheira de luta, Ilza Kuzêidi. Dedico também aos meus filhos Moises Wakuke, Adriana Krtidi, Mauricio Pasiku, Damares Tkadi e a minha netinha, Debora Kêti,

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus (*Waptokwazarwe*) por ter me acompanhado nessa caminhada e também porque tem me abençoado dando saúde e sabedoria.

Quero agradecer também a minha esposa Ilza Kuzêidi Xerente, aos meus 4 filhos, Moises Wakuke Xerente, Adriana Krtidi Xerente, Maurício Pasiku Xerenre, Damares Tkadi Xerente e minha netinha Debora Kêti Xerente que moram na minha casa. A minha esposa foi uma guerreira junto com meus filhos por ter me incentivado a concluir o meu estudo de mestrado.

Agradeço ao meu orientador, Doutor Odair Giraldin, por ter me ajudado, orientando, incentivando com paciência, para eu concluir o meu curso.

O meu pai Pedro Smisuite, minha mãe Maria Pizadi e também o meu tio Abraão Ssumêkwa Xerente, agradeço porque me aconselharam muito para eu estudar.

Aos meus irmãos Antônio Wdêkruwê Xerente, que não está mais nessa terra, e Sérgio Ssâpte Xerente, que também me deram apoio para eu concluir o meu estudo em mestrado.

As minhas irmãs Maria Helena Wokrârê, Maria Alice Krattudi e Betânia Kuzadi, que me incentivaram muito para eu estudar e na minha viagem para terminar o meu estudo.

O meu sogro, Valdir Sitmõwe, e a minha sogra, Jurene Kubadi, bem como todos os seus filhos que também me deram apoio para eu concluir o meu estudo de mestrado em história.

Agradeço a comunidade da aldeia Salto Kripre. Eles também acompanharam o meu estudo quando me deram maior apoio incentivando para eu estudar, para fazer viagem da minha aldeia a cidade de Porto Nacional, porque a comunidade da minha aldeia também é a minha família querida que me ajudaram muito desde a época da minha graduação quando eu estudei em Goiânia na Licenciatura Intercultural da UFG e, agora, no meu mestrado em História, na UFT.

Agradeço especialmente aos anciãos e as anciãs da minha aldeia Salto Kripre, bem como a todos os anciãos e anciãs de todas as aldeias, que me receberam nas suas aldeias, nas suas casas, para eu fazer pesquisa sobre a festa *dasîpê*.

Ao povo Akwẽ/Xerente, que deram todo apoio quando ouviram que eu passei a estudar mestrado em história na cidade de Porto Nacional e também quando eu estava indo à cidade de Porto Nacional para eu estudar, alguns deles falavam pessoalmente me incentivando para eu concluir o meu estudo.

Quero agradecer a Escola Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (Cemix Warã), que me deu todo apoio quando tive resultado que passei para fazer mestrado em História na cidade de Porto Nacional. A todos os funcionários da escola agradeço de coração, especialmente ao diretor, o senhor Nilson De Brito Xerente, que me deu todo apoio. Na época quando ingressei no curso do mestrado, eu era secretário na escola, quando tive a oportunidade de aprender um pouco sobre a organização da secretaria da escola. O diretor foi um incentivador no meu estudo, dando-me todo apoio na viagem que eu fazia, pois quando eu passei na seleção, eu trabalhava na escola até as 10:30 e depois eu ia para cidade de Porto Nacional para eu estudar. Por isso eu tenho maior prazer e imensa gratidão com cada servidor da Escola Centro de Ensino Médio indígena (Cemix Warã). Assim, quero agradecer a todos e a todas amigas e amigos professores(as) indígenas e não indígenas que trabalham naquela Escola.

Agradeço também a Diretoria de Ensino de Miracema do Tocantins e a todas as pessoas que conheci naquele local, as quais são pessoas muito especiais. Quando lá eu ia resolver assuntos da Escola Cemix Warã, sempre me receberam com muito carinho.

A diretora, Maria do Socorro da Silva, da DRE de Miracema, ela foi uma das pessoas que colaborou para eu estudar o mestrado em História. Ela também assinou a minha carta para eu entrar de licença, por isso agradeço a ela e a cada setor que fica naquele local, principalmente o setor onde cuidam das 48 Escolas Indígenas que ficam na reserva Akwẽ e Funil.

Quero agradecer a todos(as) os meus colegas do mestrado onde conheci todos eles na sala de aula, quando eles me ajudaram muito nos trabalhos, para eu entender algumas palavras em português quando eu precisava de alguns deles.

Agradeço ainda a Universidade Federal de Goiás, no curso da Licenciatura Intercultural Ensino Superior Indígena, que acolheu alguns povos do Brasil para concluir o Ensino Superior. Eu fui uma dessas pessoas, quando lá estudei a graduação de 2007 a 2011. Depois fiz a especialização na proposta política pedagógica, de 2012 a 2013, juntamente com alguns dos meus parentes indígenas. Fico muito grato pelos professores(as) que me

ensinaram, aumentaram o meu conhecimento, pelo qual aprendi valorizar mais os saberes do meu povo Akwẽ.

Faço um agradecimento especial a professora Maria do Socorro Pimentel da Silva (*in memorian*) que foi uma mulher guerreira lutando nas causas dos povos indígenas do nosso país. Junto com seus colegas criaram a Licenciatura Intercultural indígenas, na qual até 2019 quase 300 indígenas de vários povos indígenas do Brasil já concluíram o Ensino Superior na Licenciatura Intercultural Indígenas na UFG, na cidade de Goiânia. Lá conheci vários povos de culturas diferentes, sendo que a maioria dos parentes eram professores(as). Foi a Licenciatura Intercultural Indígena que abriu mais a minha mente que me permitiu aumentar a minha aprendizagem, conhecimentos e saberes tradicionais de cada povo.

Agradeço também a secretária da Educação do Estado do Tocantins que cuidam dos povos indígenas do Tocantins, todas as pessoas que trabalham diretamente com os povos Indígenas, especialmente a secretaria específica onde hoje tem a direção de um índio, o Wasiã Karajá sendo que há muito tempo precisava ter um indígena como coordenador das Escolas Indígenas, junto com a sua equipe que ele tem para fazer um bom trabalho administrativo.

Agradeço ainda a professora Cleide Araújo Barbosa, uma mulher guerreira nas causas indígenas e demais pessoas que estavam com ela. Foram essas pessoas que me deram oportunidade de eu dar aula no magistério indígena. Eu fui aluno do magistério indígena que capacita os professores indígenas do Estado do Tocantins, e depois dei aula no mesmo curso para os professores Akwẽ.

Agradeço a Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional, onde tive oportunidade de estudar e concluir o meu mestrado em História. Agradeço a todos (as) os (as) professores (as) que me deram aula. A cada um (a) deles (as) deixo um carinho especial, pois nesse curso aprendi mais sobre as histórias dos povos indígenas do nosso Brasil.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo geral compreender e expor sobre a festa dasĩpê. A motivação para esta pesquisa se dá pelo fato deste pesquisador ser indígena Akwẽ e professor na sua comunidade. Trata-se de uma pesquisa com a metodologia de pesquisa oral e bibliográfica realizada com os anciãos e anciãs, conhecedores dos saberes tradicionais do seu povo Akwẽ. Foram entrevistados vários anciãos e uma anciã de algumas aldeias diferentes, onde fomos para podermos gravar, fazer filmagem, tirar fotos do ancião para, assim, entendermos o dasĩpê e os aspectos que se mantêm, como a nomeação feminina, nomeação masculina, corrida de tora pequena, corrida de tora grande carregado de duas pessoas (corrida de tora Krãnkã), discursos dos anciãos, discursos das anciãs, pinturas corporais, os clãs das metades e as quatro associações masculinas, bem como as alterações ocorridas ao longo dos anos, principalmente na comida tradicionais e no uso da tecnologia. Todos os saberes tradicionais são repassados entre as diferentes gerações nos dias que acontece a festa dasĩpê. À noite os jovens Akwẽ vão no Warã (ou pátio) para ouvir os anciãos contando as histórias, ensinando as cantorias e as músicas. Através da pesquisa, colocamos no papel, escrito, o que acontece na festa dasĩpê, para um dia os jovens Akwẽ e os leitores lerem e lembrar ou conhecer sobre o dasĩpê.

Palavras-chaves: Ritual, Dasĩpê, nomeação, memória.

ABSTRACT

The present dissertation has the general objective of understanding and exposing about the dasĩpê festival and the motivation for this research is given by the fact that this researcher is an indigenous Akwẽ and a teacher in his community. It is a research with the methodology of oral and bibliographic research carried out with the elders, who know the traditional knowledge of their Akwẽ people. We interviewed several elders and an elderly woman from some different villages where we went so that we could record, film, take pictures of the elder in order to understand the dasĩpê and the aspects that remain, such as female nomination, male nomination, small log race, large log race carried by two people (Krãkrã log race), speeches of the elders, speeches of the old women, body painting, the clans of the moieties and the four associations, as well as the changes that have occurred over the years, mainly in the traditional food and does not use technology. All traditional knowledge is passed on between the different generations on the days that the dasĩpê takes place. At night the young Akwẽ go to the Warã (or patio) to listen to the elders telling the stories, teaching the chants and songs. Through research, we put on paper what happens at the dasĩpê festival, so that one day the young Akwẽ and readers can read and remember or learn about dasĩpê.

Keywords: Ritual, Dasĩpê, naming, memory

ROWASKU KTURÊ

Dasîpê tê krkmâsbirâi pibumã za wawê nõrî kâtô dakmãdkâwa za simã tsikburô, Warã wa za simã tsikburôikw. Ahâmre za 30 ptã nã za tsîpês tanêkôwa mrêpranê wai nã za tsîpês. Tahã tô mâkrãwi za aimô romkmãdã simã tê sakrakw, tazi za kbure romkmãdã simã kba waskukw, nha bdã za aimô sîpsê kba pibumã kâtô dure tê kmã krãinîstu psê kba mnô pibumã. Tazi romkmãdã simã kba tê sakra mnô, mârî za tahã dasîpsê wa krãiwatbro pibumã. Smîsi si za wawê tmmêzus, kbure mrmêzus pari, za smîstu sîm romkmãdkã nã sidukrkw, takêkôwa tô smîsi za wawê romkrêptãkw, îsake tdêkwa tê romkrêptkã wa za kbazi tdêkwa kmã sda kã, tanêkôwa kmã wakrã wawê wadi nõrî arkiwi tsikburô, mârî kã mrmêkô snã za waparkw. Tahã dasîpsê wa za baktô nîsi, kwatbremî nîsi, Brupahi nã baktô nîsi, Wakrtidi nã baktô nîsi, Krkodi nã batkô nîsi, Tpêdi nã baktô nîsi, Wake nã baktô nîsi, Waikwadi nã baktô nîsi, kwatbremî nîsi, kuîwdê ktôrê, kuiwdê nîtro, kâtô padi za dure tahã dasîpsê wa krãiwatobr. Dawanã ptã nã za danôkuikwai nõrî ponkwanê smîstun, tanôrî tô sisdanãrkwai mē za smîstun. Îsake tdêkwai hãwa îkuiwa za kbazi tdêkwai nã kmã kuiwa. Are Kuzãp tdêkwai hãwa îkuiwa za wahirê tdêkwai nã za kmã kuiwa, tanôrî za dasîpsê wa nîpîi psêkw, tanôrî za wawê nõrî waihkã psêkw. Danôhuikwai nõrî zatô krsikwanî psêkw, kbure ro tê kmãkwamãr pibumã, tanôrî dasîpsê mba dam sazêi psêdi. Smîsi pdã môr pari, hãre za tanôrî wdakurn dazakrui mba krnêm kba pibumã, Akwê nõrî dazakrui mba tê spopkrku mnô pibumã, Akwê nõrî kra mnô mnî dasîpsê ku tê kwasar mnô pibumã, baknô kâtô kwatbremi mnô. Ponkwanê pdã nēm pari za tokto baktô nîsi kkmã sbirnã. Romzakrãre za mrêpranê tanêkôwa sikwaîpsê za baknô sisin. Are rowahã za dure mrêpranê tanêkôwa sikwaîpsê za dure sisin, tahã baknô dat sisi mnô wa kmã sikuiwa, kbazi kra dat sisi wa îsake tdêkwa kmã kuiwa, tane snã za aikte nisize kmã pês, baktô nîsi krãiwatbro pari za kuiwdê ktôrê kmã ssakrê, ambã kâtô pikôi nõrî za kmã ssakrê. Tahã baktô nîsi tô bdã kahã snã za aimô wawê kâtô wapte mnôrî za aimô tê sisikw. Are tahã dasîpsê wa za dure wakrti nã danîsi krãiwatobr, tanêkôwa Brupahi nã danîsi, kâtô danîsi îwadi mnô za krãiwatobr. Kbure baktô nîsi tê kmã krãinîstu kba mnô wi za ambã nõrî mrãi ku zas. Mrãi wa za ponkwanê tanêkôwa mrêprane ptã nã za ambã nõrî kâtô wawê nõrî za nõkrêkw. Tazi za kbure ambã nõrî siwawi psêkw, za sikbukrãkw, kâtô si têkrãkw, tapari za wairrî ku trwarbekw.

Dammê waskukturê: dasîpê, kwatbremî kâtô baktô nîsi, dakrãiwaihuze.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Motivos clânicos e relação de <i>ĩsisdanãrkwa</i>	33
Foto 1	Os anciãos no começo da festa	35
Foto 2	Entrevista com o ancião Luiz <i>Kmõwamrĩ</i> Xerente da aldeia Mirassol <i>Kuiwdêpisi</i>	43
Foto 3	Entrevista com ancião Juraci Saporzanẽ Xerente da aldeia <i>Kuiwdêhu</i>	46
Foto 4	Maria Pizadi Xerente	48
Foto 5	Mensageiros (<i>danõhikwai nõrĩ</i>)	49
Foto 6	Corrida de tora aldeia Funil Sakrêpra.	52
Foto 7	Cântico da tora pequena	52
Foto 8	Anciã Maria Pizadi (minha mãe)	56
Foto 9	Tora grande <i>Kwidê nitro</i>	67
Foto 10	Canto da Tora dupla	67
Foto 11	Grupo <i>Ĩsake tdekwa nõri</i> (grupo que vai gritar o nome)	71
Foto 12	Grupo <i>Kbazi tdekwa nõri</i> (grupo que vai confirmar o nome gritado)	71

TABELAS

Tabela 1	Nomes próprios masculinos do clã Kuzâp tdêkwa, Kuzâp tdêkwai snĩ ambâ nōrai sise	86
Tabela 2	Nomes próprios masculinos do clã Kbazi tdêkwa, Kbazi tdêkwai snĩ ambâ nōrai sise	87
Tabela 3	Nomes próprios masculinos do clã Krito tdêkwa, Krito tdêkwai snĩ ambâ nōrai sise.	88
Tabela 4	Nomes próprios masculinos do clã Wahirê tdêkwa, Wahirê tdêkwai snĩ ambâ nōrai sise.	89
Tabela 5	Nomes próprios masculinos do clã isake tdêkwa, isake tdêkwai snĩ ambâ nōrai sise.	90
Tabela 6	Nomes próprios masculinos do clã Krãiprehi tdêkwa, Krãiprehi tdêkwai snĩ ambâ nōrai sise.	91
Tabela 7	Nomes próprios femininos, que podem se batizadas as meninas pikōi nōrai sise.	92

Minha história

Eu, Silvino *Sirnãwê* Xerente, sou filho do Pedro *Sm̃suiite* Xerente e Maria *Pizadi* Xerente. Meu pai é do clã *kbazi tdêkwa* (dono do algodão) e minha mãe é do clã *wahirê tdêkwa* (dono dos talos). Tenho quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres e todos eles pertencem ao clã *kbazi tdêkwa* (dono do algodão). Sou casado com a Ilza *Kuzêidi* Xerente, também do clã *kbazi tdêkwa*. Atualmente moramos na aldeia Salto *Kripre*. No ano 1993 nós nos casamos nesta mesma aldeia Salto e ali tivemos nossos quatro filhos: Moises *Wakuke* Xerente, Adriana *Krtidi* Xerente, Mauricio *Pasiku* Xerente e Damares *Tkadi* Xerente e também temos uma netinha, Debora *Kêti* Xerente, que mora com a gente. Nasci na aldeia Centro *Nrôwdêpisi* a 11 km da cidade Tocantínia, sendo que até hoje existe aquela aldeia.

Atualmente moro na aldeia Salto *Kripré*, que foi fundada em 1993. Naquele ano a aldeia só tinha 9 famílias e hoje temos aproximadamente 115 famílias, com uma população de mais ou menos 450 a 500 pessoas, entre crianças e adultos. A aldeia Salto cresceu muito desde sua fundação, pois vieram famílias de várias aldeias aqui morar. O primeiro cacique da aldeia foi meu sogro, Valdir *Sitmôwê* Xerente, do clã *kbazi tdêkwa*. Ele, com mais 8 famílias, foi as primeiras pessoas da aldeia Salto *Kripre*. O Valdir *Sitmôwe* Xerente saiu da aldeia Porteira, onde era cacique, além de mais algumas famílias que vieram de outras aldeias, como as aldeias Cercadinho *Kâwakmôrê*, aldeia Varjão *Sdarãpa*, aldeia Bela vista, aldeia Recanto *Krite*.

Mas antes dessas famílias vieram morar na aldeia, já tinha um casal *Akwê* morando no local, que era um lugar que naquela época não tinha cacique, apenas eram moradores: são eles Diocrides *Simsari* e dona Izabel *Waikwadi* de Souza, com seus quatro filhos. Já tinha alguns anos que eles estavam morando naquele lugar, onde hoje se tornou a Salto *Kripre*, uma das maiores aldeias. Do ano 1993 até 1998 nome da aldeia em *Akwê* era *Sadunôrmkwa*. O nome da aldeia foi mudado em *Akwê* no ano de 1998 por que na aldeia foram construídas algumas casas de alvenaria e cobertas com telhas como a casa de escola, banheiro e 24 casas de moradia. Daquele dia os mais velhos colocaram nome, em *Akwê*, *Kripre* que significa casa vermelha. Essas casas de telhas foram construídas através de um projeto do governador José Wilson Siqueira Campos, junto com a roça mecanizada com a plantação de arroz, milho e mandioca. Foram derrubados 10 hectares de mata virgem para fazer esse plantio.

Desde o ano de 1993 já teve umas sete pessoas como cacique liderando a aldeia Salto Kripre. O primeiro cacique foi senhor Valdir *Sitmōwē* Xerente, do clã *kbazi tdêkwa*; o segundo foi senhor Pedro *Warō* Xerente, do clã *wahirê tdêkwa*; o terceiro foi o Santino *Sitmōru* Xerente também do clã *wahirê tdêkwa*; depois foi de novo senhor Valdir *Sitmōwē* Xerente (segundo mandato dele); o quarto foi o senhor Augusto *Sōweko* Xerente, do clã *kbazi tdêkwa*; o quinto foi o senhor Valdir *Sitmōwē* Xerente, do clã *kbazi tdêkwa* (foi o terceiro mandato dele do clã *kbazi tdêkwa*); o sexto foi o senhor Valci *Sinã* Xerente do clã *kuzâp tdêkwa*; o sétimo foi senhor Lenivaldo *Srãpte* Xerente, do clã *kbazi tdêkwa*, ele que é filho do senhor Valdir *Sitmōwē* Xerente. O oitavo, agora o atual cacique, é o senhor Vanderlei *Simripte* Xerente do clã *wahirê tdêkwa*.

Aqui quero explicar um pouco sobre como ocorre a troca de um cacique. Os anciãos se reúnem com outros anciãos de todos os clãs que são parceiros (*dasisdanãrkwa*), para discutir sobre a troca do atual cacique. No outro dia de manhã cedo eles chamam a comunidade da aldeia para fazer a troca do cacique. Então eles chamam o atual cacique e faz a troca naquele dia. O ancião do clã *kbazi tdêkwa* pega na mão do parceiro dele da metade oposta que é *isake tdêkwa*, e vice-cacique vai ser do clã *kbazi tdêkwa*. Os dois senhores são apresentados para as pessoas presentes na reunião que a partir daquele dia os dois homens dos clãs parceiros vão se tornar líder e comandar aldeia por tempo indeterminado.

Quando acontece a troca de cacique ninguém da comunidade não pode falar nada, porque os dois anciãos dos dois clãs fazem discursos. Nos discursos os dois anciãos falam para as pessoas presentes respeitarem o cacique e vice dele, até um dia de eles serem trocados por outra pessoa. Assim acontece a troca de caciques no povo Akwê. No passado os caciques eram somente as pessoas de mais idade, acima de quarenta anos. No entanto, no ano 2000 começaram a colocar os mais jovens (com cerca de vinte e cinco anos), dependendo dos anciãos que conversaram na reunião entre eles. Também quero dizer que para ser cacique, pode ser de qualquer clã de uma das duas metades (*Doi* ou *Wahire*).

Tocantínia é a cidade onde os Akwê fazem compras. Também é onde os Akwê votam e também todos os Akwê se encontram na hora de fazer compra, mas principalmente na hora de receber os seus salários ou as aposentadorias: professor (a), agente de saúde, agente de saneamento, técnicos de enfermagem, bolsa família. É ali também aonde vão, todas as segundas-feiras, vender os seus artesanatos indígenas.

A cidade de Tocantínia é um lugar que a maioria das necessidades dos Akwê se resolve. Mas também tem a cidade de Miracema onde vão resolver questões como receber pagamento no Banco do Brasil, Banco da Amazônia, Caixa Econômica Federal, Banco Bradesco, além de também comprar móvel de casa, que não se encontra em Tocantínia, bom como realizar conserto de carros.

Meus pais moraram em várias aldeias comigo. Moramos na aldeia Centro onde eu nasci, depois moramos na aldeia Serrinha, que não me lembra direito pois eu era criança. Depois meus pais mudaram para a aldeia Funil *Sakrêpa*, onde moramos alguns anos. Também não me recordo bem. Pois foi quando eu era menino (*turê*).

Depois eles se mudaram para a aldeia Porteira *Nrôzawi*, onde comecei a estudar pela primeira vez na minha vida para eu aprender ler, escrever em português e aprender ler e escrever na língua materna. Comecei a estudar o primário na aldeia Porteira (*Nrôzawi*) e depois meus pais mudaram para a aldeia Cercadinho *Kâwamkôrê*, onde continuei a estudar. Isso foi no ano de 1985 e, com 10 anos de idade, comecei a estudar. Em seguida meus pais mudaram para lugar chamado Zé Brito onde moramos vários anos juntamente com mais algumas famílias. Aquele lugar não era considerado aldeia e meus pais moraram naquele lugar para trabalhar na roça de toco, mas eu continuei estudando na aldeia Cercadinho onde tinha Escola. Ficava na aldeia Cercadinho de segunda feira até sexta feira a tarde, quando meu pai me levava para lugar chamada Zé Brito. Hoje esse lugar se tornou aldeia.

Na aldeia Cercadinho *Kâwamkôrê* terminei o ensino fundamental primeira fase, tendo feito até a 5ª série que hoje é chamado de 5º ano. Nessa aldeia aprendi a falar em português, mas também estudando a minha própria a língua materna, pois também tinha meu professor Akwê para me ensinar na língua materna. Ele era do clã *wahirê*, de nome Pedro *Warô* Xerente. Porém hoje ele não é mais professor, pois deixou a atividade na educação e mora na mesma aldeia Salto *Kripre*, onde eu moro.

Depois estudei na cidade de Tocantínia. No colégio Batista estudei um ano, onde reprovei direto, porque fiquei com 5 matérias. Me recordo que foi com a disciplina matemática, português e mais três matérias. No colégio Batista estudei no ano 1990, depois parei de estudar e fiquei 10 anos sem estudar. Voltei a estudar no ano 2000 no colégio Oscar Sardinha no município de Miracema quando estudei na EJA 6º ano até 9º ano. Depois, estudei no colégio Frei Antônio (em Tocantínia) onde concluir o meu ensino médio no ano 2005.

Depois de muitos anos ficando sem estudar, retornei a estudar no ano 2000 em Miracema do Tocantins. Lá estudei a noite, quando também eu enfrentei muitos desafios e dificuldades para eu estudar em Miracema na escola Oscar Sardinha. Estudei 6º EJA, quando eu ia tinha que atravessar na balsa e, com os meus colegas Akwê, andávamos caminhando para o colégio. Muitas vezes eu ia com chuva chovendo e andando até chegar à escola Oscar Sardinha. E quando terminava as aulas as 10:00 hora da noite eu voltava pra Tocantínia, atravessava de balsa de volta até chegar mais ou menos as 11:00 as 12:00 da noite na casa alugada. As vezes eu e mais alguns colegas íamos até a aldeia, aonde nós chegávamos as 1:00 as 1:30 da manhã. E se nós dormíssemos na cidade, cada um ia de acordo com suas tarefas, que alguns trabalhavam como eu que trabalhava na agente de saúde, na minha aldeia Salto Kripre.

Então eu tinha que trabalhar dia todo na aldeia até chegar o horário de eu ir à cidade que fica distante 13 km da aldeia onde eu moro. Isso eu fazia todos os dias para eu estudar em Miracema do Tocantins. Eu saía da aldeia mais menos as 16h00min horas para eu chegar com tempo em Tocantínia, tomar banho e atravessar de balsa e ainda andar de bicicleta 2 km da beira do Rio Tocantins até chegar à escola onde estudava. Porque eu tinha que trabalhar para sustentar a minha família e ajudar pagar o aluguel na cidade de Tocantínia. Em 2001 parei de estudar, por que eu tive acidente no qual quebrei meu dedo polegar, por isso parei de estudar naquele ano e retornei em 2002 a estudar até concluir o meu ensino médio no ano 2005.

Também continuei na casa alugada junto com os meus colegas da aldeia Salto Kripre, até terminar de estudar Ensino Médio. Em 2002 estudei no Colégio Frei Antônio na cidade de Tocantínia até terminar o meu Ensino Médio, quando mudei até a minha profissão. Deixei de ser agente de saúde e comecei a trabalhar na Educação onde estou atualmente. Em 2006 comecei a trabalhar como professor no Centro de Ensino Médio Cemix *Warã* (CEMIX), onde trabalhei até 2021. No Cemix trabalhei como professor, como coordenador financeiro e secretário. Atualmente (início de 2022) estou lecionando apenas na escola *Waïkarnãse*, na aldeia Salto onde moro com minha família.

Cemix *Warã* foi uma escola que me ajudou muito para ser professor, mas também foi onde aprendia a ser coordenador financeiro e secretario da escola. Em 2007 fiz a prova para eu estudar em Goiânia, na Licenciatura Intercultural da UFG. Lá eu estudei durante 4 anos. Estudava presencialmente nas férias no mês de janeiro e mês de julho. Também do

mesmo ano fiz concurso no Estado e passei, sendo que hoje sou professor concursado. Para mim foi uma grande experiência, pois que foi pela primeira vez que eu saí da minha aldeia para cursar o nível superior.

Não é fácil para um indígena sair da sua aldeia para estudar e concluir o curso superior. Isso porque a maioria dos indígenas é casada e, por isso, quando ele sai da sua aldeia e deixa a sua família, fica muito preocupado. Porque somente o pai ou mãe pode cuidar da sua família. Mas os indígenas precisam estudar e trabalhar para cuidar da sua própria família e do seu povo. Hoje já tem muitos indígenas estudando fora da sua aldeia.

Nesses anos que estudei na Licenciatura conheci muitos outros povos indígenas e também conheci muitos professores e professoras não indígenas e me preparei na área de educação. Todos os professores e professoras indígenas, que estudaram na Licenciatura Intercultural, aprenderam muito sobre a educação não indígena, mas foi muito legal para todos os indígenas e não indígenas se conhecerem naquela cidade de Goiânia.

O espaço que a UFG abriu para os indígenas foi um grande avanço para os povos indígenas, onde a maioria dos saberes indígena foi descoberta. Para muitos indígenas os conhecimentos estavam encobertos, porque não podia compartilhar com outras pessoas. Mas a partir daquele ano de 2007 muitos indígenas expandiram os seus conhecimentos, que começaram a compartilhar com seus colegas indígenas e os professores não indígenas.

Também quero compartilhar que estudei o mestrado Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas – PPGHISPAM, na Universidade Federal do Tocantins, na cidade de Porto Nacional. Fiz a prova no ano 2019 quando tinha duas vagas para os indígenas oferecidos pela cota de ação afirmativa e conseguir ingressar no mesmo ano. Estudei um ano presencial, quando eu ia de moto da minha aldeia até a cidade de Porto Nacional estudar a partir das 14h00min horas, até as 18h00min horas. Estudava duas vezes por semana, quinta feira e sexta feira. Voltava de moto sábado de manhã, ou até mesmo voltava na sexta a noite depois das 18:00 horas. Viajava a noite até a minha aldeia, mais o menos as 9:00 horas da noite. Viajar a noite de moto é muito perigoso, mas graça a Deus (*Waptokwazawre*) me cuidou nas viagens para terminar o meu estudo presencial.

Depois veio a pandemia da doença de COVID-19 que deixou muitos dos entes queridos a saudades para o seu povo, que dificultou muito para os estudantes não indígenas principalmente para os indígenas. Acabei de concluir as minhas aulas na modalidade remota *online* que não foi bom para mim, porque não poderia conversar pessoalmente com os meus

professores (as) e com meus colegas do curso de história. Mas foi muito bom estudar a Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas – PPGHISPAM no meu Estado do Tocantins, conhecer os professores e professoras do curso em história, conhecer os meus colegas (a) na sala de aula, coisas vou guardar eles no fundo do meu coração.

Tive muita aprendizagem com os meus professores (as) do curso de mestrado, que tiveram muita paciência comigo como único indígena da etnia Xerente do povo Akwẽ, na sala de aula e, depois porque não foi fácil estudar a língua portuguesa, mas consegui alcançar o meu objetivo de terminar a minha pós-graduação de mestrado. Hoje, com certeza estou aumentando o meu conhecimento sobre a história do Brasil e principalmente as histórias indígenas do nosso Brasil.

Da minha aldeia até chegar à cidade de Porto Nacional são 153 km e levei muito susto na estrada de Tocantínia a cidade de Porto Nacional, mas consegui concluir o meu mestrado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 REDE DE HISTÓRIAS DO POVO AKWÊ E SUA FESTA DASIPÊ NOMEAÇÃO MASCULINA E FEMININA E SEUS CÂNTICOS	27
2.1 Dasípê	28
2.2 Os anciãos (wawê nōrĩ).	35
2.3 Os mensageiros (<i>danōhĩkwai nōrĩ</i>)	50
2.4 O papel das mulheres Akwê na festa dasípê (pikōi nōrĩ dasípê wa)	56
2.5 Os cantos de nomeação feminina (Danōkrê baktō sisi wm hã)	59
2.5.1 Brupahi nōkrêze	61
2.5.2 Waikwadi nōkrêze	61
2.5.3 Sibaka nōkrêze	62
2.5.4 Smĩkadi nōkrêze	63
2.5.5 Hirê nōkrêze	64
2.5.6 Sipridi nōkrêze	65
2.5.7 Tkidi nōkrêze	65
2.5.8 Waktidi nōkrêze	66
2.5.9 Krkodi nōkrêze	66
2.6. Corrida de tora grande e dupla (kuĩwdê)	67
2.6.1 Kuiwdê ktōrê nōkrêze	68
2.7 Quem são os cantores (Nōkwa mnōrĩ brza danōkrê kwani)	70
2.8 Corrida de tora pequena e dupla	70
2.9 Finalização do Dasipê	71
3. NARRATIVAS SOBRE A ORIGEM DO DASIPÊ	74
3.1 Como surgiu o dasípê	74
3.2 Comparação entre o dasipê no passado e no presente	75
3.2.1 Festa dasípê do passado	75
3.2.2 Festa dasípê atual	80
3.3 Kunmã waskuze: a história do fogo	81
3.4 Nomes pessoais por clãs	86
3.5 Músicas executadas na nomeação masculina e feminina	94
3.5.1 Nomeação de Wakedi	94

3.5.2 Cantos executados quando se tem a nomeação do nome feminino <i>Wake</i>	98
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
4.1 História do contato com não-indígena e prática do dasîpê	101
4.2 Reflexões sobre a prática do dasîpê atualmente	103
4.3 Conclusão	104
REFERÊNCIAS	107

1. INTRODUÇÃO

Gostaria de iniciar dizendo que sou pesquisador indígena Akwê. Nasci e cresci no meio do meu povo e também conheço um pouco da minha cultura. Por esta razão pretendi expandir a história sobre a festa *dasîpê*, falando sobre as histórias que acontecem na festa.

Neste trabalho trataremos sobre a festa *dasîpê*, que é uma tradição milenar que o povo Akwê vem praticando para nomear as meninas e meninos. Além da nomeação de nomes específicos para meninas e meninos, no *dasîpê* também acontece de os anciãos contar histórias no *Warã* (pátio) a noite para os jovens. Na festa *dasîpê* acontece a corrida de tora pequena todos os dias, à tarde, e também acontece a corrida da tora grande (*Ïsitro*) carregada de duas pessoas na final da festa *dasîpê*.

Para acontecer a festa *dasîpê* os anciãos se reúnem para decidir quais temas que vão acontecer na festa *dasîpê*. Eles se reúnem a noite, no *warã* ou pátio da aldeia, onde a festa *dasîpê* vai acontecer. No passado a festa *dasîpê* levava mais ou menos 30 dias podendo ir até 3 meses, porque tinham muitas crianças meninas e meninos para serem nomeados. Hoje diminuiu muitos dias o período de realização da festa porque os Akwê fazem *dasîpê* de dois em dois anos e, por isso, leva mais o menos 15 a 30 dias. Na década de 70 tinham menos aldeias, que faz a diferença para hoje, 2022, que tem mais o menos 100 aldeias nas Terras Indígenas Xerente e Funil. Hoje as festas *dasîpê* geralmente são feitas em várias aldeias. Na década de 1960, quando acontecia a festa *dasîpê*, todas as aldeias se juntavam para participar da festa *dasîpê*, porque também existiam poucas aldeias, mais ou menos entre 10 e 20 aldeias.

No primeiro dia os anciãos escolhem os dois mensageiros (*danôhuikwai nôrî*). Eles são dos clãs diferentes das metades opostas (*Doi* e *Wahire*) que são os parceiros, (*dasisdanãrkwa*). São eles que comandam a festa *dasîpê* juntamente com os anciãos. Mas quem manda mesmo na festa *dasîpê* são os anciãos. Eles que organizam, dão ordem, falam para os dois mensageiros para ajudar os anciãos. Depois de serem escolhidos os dois mensageiros, eles vão às aldeias vizinhas, convidando as pessoas das aldeias para participarem da festa *dasîpê*. São os mensageiros também que buscam o jenipapo, carvão, para todos os Akwê que chegarem na festa *dasîpê* fazerem pintura corporal.

Cada clã pinta os seus clãs parceiros. Todos os meninos são pintados com a pintura do clã do pai. Se o pai é do clã *kbazi tdêkwa*, os filhos são obrigados se pintarem na pintura

do pai cumprindo que o povo Akwê são patrilineares¹. No dia seguinte os cantores que são os anciãos, juntos com os homens, começam a batizar as meninas, as *tarê nõrĩ*. Todos os dias de manhã eles batizam 3 a 4 meninas e a tarde eles continuam batizando a mesma quantidade. Todos os dias a tarde, depois de batizarem as meninas, tem corrida de tora pequena como para as crianças, mulheres e os homens. Depois de passar muitos dias, ou melhor, de batizar todas as meninas, os homens entram no mato para cantar, mais o menos dois ou três dias, para eles batizarem os meninos os *turê nõrĩ*.

Nesses dias que acontecem a nomeação das meninas, também pode acontecer nomes específicos tanto para as meninas quanto para o menino, porque todas as vezes que acontece a festa *dasĩpê* tem de que acontecer o ritual de um nome específico, nome feminino *Krkodi*, *Brupahi*, *Tpêdi*, *Predi* ou *Wake*. Também pode acontecer o batizado do menino com nome *Wakedi*. E quem batiza o menino são as mulheres. Elas cantam vários dias.² Elas cantam em fileira e uma delas, a primeira que fica na ponta da fila, segura e toca o maracá.

No dia que vão batizar os meninos (os *turê nõrĩ*) todos os homens se pintam, passando carvão no rosto e nas pernas. Cada homem tem de ter um pauzinho mais o menos um metro de comprimento para eles usarem quando eles se cruzam no pátio. Cada parceiro do seu clã pinta outros parceiros, porque não pode se pintar os mesmos clãs. Então um homem passa carvão nas pernas e na cara do seu parceiro. As mulheres que vão participar da nomeação masculina, os seus parceiros fazem arco e flecha para elas usarem na nomeação. Colocam os cocares na cabeça dela. Isso para as duas mulheres e o homem que vão puxar o grito, ou confirmar o batizado do menino.

Depois de se enfeitaram, todos que estão presentes naquele local eles saem do mato para o pátio da aldeia para batizar todos os meninos que os pais trouxeram para festa *dasĩpê*. Os grupos que vão batizar os meninos saem na última fileira dividida em dois grupos. Esses grupos são também os clãs diferentes. Se tiver o clã *kbazi tdêkwa*, os parceiros vão ser o *ĩsake tdêkwa*; se for do clã *kuzâp tdêkwa*, os parceiros vão ser os membros do clã *wahirê tdêkwa*. Assim acontece o batizado dos meninos na festa *dasĩpê*.

No outro dia a festa é encerrada com a corrida de tora grande que pesa mais ou menos 120 kilos que é carregada de duas pessoas. Nessa corrida de tora grande tem dois grupos: o *Htâmhã* com pintura de jaboti (*kukãihã*) e *Stêromkwa*, pintura da cobra (*amkeparu*). Esses

¹ Ou seja, o pertencimento ao clã é transmitido pelo lado paterno. Todos os filhos, masculinos ou femininos, de um homem, pertencerá ao seu clã.

² Veja a relação dos cantos executados para nomeação do nome *Wakedi* nas páginas 89 a 91.

dois grupos são formados pelos membros das associações chamadas *dakrsu*. A forma de afiliação a cada *dakrsu* se dá da seguinte maneira. O filho ou filha mais velho(a) de um homem é colocado(a) no *dakrsu* do pai e no grupo de corrida dele. Por exemplo, se ele for *Akêmhã*, seu filho (ou filha) mais velho(a) também será desse *dakrsu* e correrá com a tora *Htâmhã*. Seu segundo filho (ou filha) pertencerá ao *dakrsu krara* e correrá no grupo oposto, *Stêromkwa*. O terceiro filho (ou filha) pertencerá ao *dakrsu Krêêkmõ* e correrá com a tora *Htâmhã*. O quarto filho (ou filha) pertencerá ao *dakrsu Ainãrowa* e correrá com a tora *Stêromkwa*. Se houver um quinto filho (ou filha), recomeça com o *dakrsu* do pai e, assim, sucessivamente.

Todos os filhos mais velhos são obrigados correr na pintura do pai. Se o pai é do grupo *Htâmhã* e da pintura jaboti (*kukãihã*), o seu filho mais velho vai correr no mesmo grupo de com a pintura do pai. O segundo filho vai para o grupo *Stêromkwa* e da pintura *amkeparu*.

É obrigatório acontecer a corrida da tora grande na parte da manhã. Depois dos corredores colocarem a tora grande no pátio, eles ainda colocam o nome *Waikwadi*, que significa (peixe piranha) com direito da dança do *padi* (tamanduá) no meio do círculo. Os homens que vão se vestir de *padi* são os homens que já foram mensageiros na festa *dasîpê*. São eles que podem se cobrir com a palha de bacaba.

Esses dois homens dançam enquanto os cantores estão cantando com cântico que é cantado para receber os dois *padi*, quando eles recebam *padia* no meio da roda, eles ficam dançando e vão até onde estão os homens sentado com a comida, qua vão trocar com seus parceiros. Esses homens que correram com a tora dupla, quando os dois *padi* acharam a comida que é oferecida para os dois *padi*, quando eles acharem a comida eles pegam essa comida e saiam correndo do meio das pessoas, quando eles entregam a comida para as mulheres deles. Lembrando que os mensageiros que atuam na festa *dasîpê*, na próxima festa eles não podem ser mais mensageiros. Da mesma forma, os grupos que gritaram batizando os meninos, eles também não podem repetir na próxima festa *dasîpê*.

Depois vem a troca de comida entre os clãs parceiros, cada clã pega a comida do parceir e deixa a comida dele para o parceiro que é (*waasisdanãrkwa*). Para encerrar a festa *dasîpê* os anciãos de cada clã que estiveram presentes na festa *dasîpê*, fazem discurso dando conselhos para cada membro do seu clã e assim também a todas as pessoas que estão presentes e que ouvem a discussão de cada ancião para respeitar r valorizar a sua cultura.

Assim traremos nessa pesquisa os resultados que foram feitas com vários anciãos de algumas aldeias. Essa pesquisa nos deu possibilidade de contribuir para o melhor entendimento para continuar com a festa *dasîpê*.

A nosso território era muito grande, mas foi invadido pelos não indígenas. Apesar de ser um território grande, os Akwê não tinham terra demarcada, para trabalhar só pra eles, porque eram expulsos pelos fazendeiros que foram tomando nossas terras e assim não tinha onde trabalhar para ter a sua comida suficiente.

Para sair a demarcação da terra, houve muitas brigas que os nossos anciãos enfrentaram. Alguns os mais velhos até chegaram a apanhar de facão pelos não indígenas, principalmente pelas disputas da terra que os não indígenas que moraram na chamada área grande. Antes de sair a demarcação da área grande, que corresponde a Terra Indígena Xerente, alguns dos índios foram baleados pelos fazendeiros que não aceitavam os Akwê colocar roça perto da fazenda dele. Mas um desses fazendeiros foi morto por vários Akwê junto com mais duas pessoas que trabalhavam para ele. Isso aconteceu quando era de manhã bem cedo, quando que eles chegaram nos índios, armados, dizendo para eles saíam daquele lugar mais rápido possível. Então começaram as brigas, pois os Akwê tinham mais o menos 30 a 40 índios naquele dia.

Depois daquela briga os órgãos responsáveis (FUNAI) tomaram providência o mais rápido possível, foi quando então que começou a demarcação para os Akwê morarem na sua terra demarcada e homologado. Mas não foi fácil para o Akwê morarem juntos com não indígenas. Eles sofreram muitos, porque não eram respeitados e reconhecidos como primeiro habitante do Brasil. Hoje os Akwê têm essa terra para os seus filhos morarem e trabalharem na sua terra para sustento do seu dia a dia. Mas até hoje continuam com preconceitos dos não indígenas, e também com invasão dos caçadores, invasão dos madeireiros.

Assim, o povo Xerente tem seu território demarcado definitivamente desde o ano de 1991. Foram demarcadas duas terras em momentos diferentes, mas que, juntas, totalizam 183.245,902 hectares. “A primeira, denominada Área Xerente, chamada pelos indígenas de Área Grande, foi delimitada pelo Decreto 71.107, de 14 de setembro de 1972, demarcada pelo Decreto 76.999 de 8 de janeiro de 1976 e homologada pelo Decreto 97.838, de 16 de junho de 1989, com extensão de 167.542,105 hectares. A segunda área, chamada Funil, foi delimitada pela Portaria 1.187/E/82 de 24 de fevereiro de 1982 e homologada pelo Decreto 269 de 29 de outubro de 1991, com extensão de 15.703,797 hectares” (SILVA, 2015, P. 1).

2 REDE DE HISTÓRIAS DO POVO AKWÊ E SUA FESTA DASIPÊ NOMEAÇÃO MASCULINA E FEMININA E SEUS CÂNTICOS

Antigamente, o sol e lua andavam juntos na terra. Um dia eles falaram um ao outro: “hoje é um dia triste e silencioso. Vamos fazer um homem para serem os Akwê”. Assim Sol, Deus *Waptokwazawre*, falou para a lua e ela concordou: “então vamos fazer com o barro que fica embaixo da água. Pegue um pouco que eu vou transformá-lo em homem”. Deus *Waptokwazawre* pegou o barro e fez um bonequinho parecido com a imagem de um homem, que ele soprou em seu nariz para respirar e a boneca respirou. Assim deu origem ao primeiro homem Akwê.

Um dia eles testaram o homem para ter a menstruação, porém não deu certo para o homem menstruar, pois ele havia se sujado todo. Assim, Deus *Waptokwazawre* deixou até ficar grávido, que também não foi possível ser aprovado. Ai, eles falaram entre si que não dava certo assim. Daí eles falaram que faltava a companheira para o homem. E eles colocaram uma moça em cima da árvore que fica onde eles pegavam água. Então, quando foi de manhã cedo, um homem foi pegar água. Ele pegou a cabaça e foi à fonte para pegar água. Chegando lá ele viu uma mulher tão linda no fundo d’água e voltou depressa para avisar os outros. Quando todos foram ver se era verdade, viram a sombra da mulher na água e mergulharam para pegar a imagem da mulher. Eles mergulhavam e não conseguiam. Assim fizeram, mas ninguém conseguiu.

Quando a suçuarana chegou, ela subiu logo na árvore onde a mulher estava e desceu com ela e os homens que estavam debaixo da árvore avançaram em cima da moça. Fizeram relação sexual com ela até matarem a mulher. Então cada um pegou um pouquinho de seu sangue e deixaram o sangue da moça na casa dentro do cofinho. Daí tudo estava tranquilo e foram caçar, passando alguns dias no mato. A alimentação havia acabado. Então o ancião chamou mensageiro chamado *wapsãika* para ver como iam à aldeia. De repente quando voltou naquele lugar estava cheio de novidade, pois aqueles cofinhos deixados com sangue da moça haviam se transformados em mulheres e crianças nas casas. Assim, em cada casa tinha mulheres e cada uma era mais linda de que a outra. Somente aqueles que haviam amarrado bem amarrado o pacote no cofinho foi que sua mulher era menos vistosa. Então, ela se tornou seriema, daí surgiu o cântico de cerimônia de *wakrti nōkrêze*.

Assim, em cada casa havia as criançadas, chamando os seus pais. Assim, eles começaram a se multiplicar e daí a pouco também começaram a se reunir na casa dos rapazes solteiros. E depois fizeram o discurso e aconselhamento sobre a novidade. Assim, surgiu o povo Akwê, povo forte, humilde e trabalhador. Assim contaram o senhor Valdeciano Kasumrã Xerente e Antônio Mmĩrkopte Xerente, em 18/07/2014 (BRITO E XERENTE, 2014)

Os Xerente era um povo seminômade, vivendo da pesca, da caça, da cultura rudimentar do milho (branco, vermelho e preto). Depois, à medida que os Xerente foram se fixando por mais tempo em determinados lugares, começou o cultivo do inhame, da mandioca, do arroz, batata doce, fava, feijão andu, abobora, macaxeira, banana, mamão, amendoim e de outros vegetais comestíveis. Depois do contato, permaneceram no seu território tradicional, mas com a chegada dos invasores a área de perambulação do povo Xerente foi se restringindo, tornando-se o seu modo de vida mais sedentário e a alimentação passou a ser principalmente de produtos da lavoura.

Os Xerente trabalhavam muito e até hoje eles praticam a roça de toco de onde eles tiram toda alimentação para sobreviver. Hoje ficou melhor ainda que os Xerente têm a sua terra demarcada. A terra demarcada ajudou muito o povo Akwê a trabalharem sossegado e seguro para praticarem os seus cultivos e tem a vivência digna sem muita preocupação que tiveram muitos anos antes da demarcação da sua terra. Diz os anciãos que os Akwê trabalhavam, mas quando eles queimavam a roça no jeito de plantar a roça, vem o dono da fazenda para expulsar os Akwê, porque a terra pertence ao fazendeiro. Por isso os Akwê não tinham terra suficiente para trabalhar. Hoje os Akwê têm a sua terra demarcada para trabalhar, plantar os legumes para sobreviver e viver sem essa preocupação de que qualquer fazendeiro pode tomar a terra pronta para fazer seu plantio.

2.1 Dasĩpê

A festa *dasĩpê* acontece no povo Akwê a cada dois a três anos. Os anciãos contam que antes durava de um mês a três meses e agora, no século XXI, está acontecendo de dois a três anos mais menos e durando de 15 a 30 dias. Ela acontece para poder nomear (batizar) as *tarê nõrĩ* (meninas) e os *turê nõrĩ* (meninos). Quem comanda a festa *dasĩpê* são os

anciãos dos seis clãs. Lembrando que são só os dois anciãos de dois clãs que comando os cânticos. Isso pode ser do clã das listras, *isake tdêkwa*, *wahirê tdêkwa*, ou *krãaiprehi tdêkwa*. Agora se não tiver um desses clãs pode ser de qualquer clã do seu parceiro que se respeito muito, são dos clãs *kbazi tdêkwa*, *kuzâp tdêkwa* ou *kritoi tdêkwa*. Se um clã do *wahirê tdêkwa* começa a cantoria, quem responde é o clã do *kuzâp tdêkwa*. Isso por motivo que os Xerente são muito dualistas, na verdade para comandar a festa *dasîpê* são os quatro anciãos dos quatro clãs da metade pelo respeito que eles têm.

São eles que colocam a ordem para escolher os dois mensageiros que também são dos dois clãs. São sempre os anciãos que escolhem quem serão mensageiros naquela festa *dasîpê*. No passado eram quatro mensageiros: dois homens e duas mulheres. Porém hoje só temos os dois mensageiros que são os homens que comandam a festa *dasîpê*. Os seis clãs (três de cada metade) se pintam com as suas próprias pinturas corporais, para cada um dos parceiros (*wasisdanârkwai nôrî*) se reconhecerem.

Depois que os anciãos se reúnem é que vai acontecer a festa *dasîpê*. Eles escolhem os dois mensageiros, os quais são pintados com a pintura específica deles para poderem ir a todas as aldeias vizinhas para convidar as famílias para participarem da festa *dasîpê* naquela aldeia. A festa sempre acontece quando tem muitas meninas e meninos para serem nomeados. São os anciãos, juntos com os homens, que fazem a nomeação das meninas. Um dos mensageiros vai na frente guiando os homens nas casas e fazendo círculo, com nomes que os pais já escolheram no dia que a menina ou menino nasceu. Os anciãos cantam na hora que eles nomeam as meninas, com os grupos de homens que ajudam os anciãos na cantoria.

Também tem as quatro associações (*dakrsu*) que existem no povo Akwê. Essas quatro associações masculinas são os *Akemiahã*, *Krêrêkmô*, *Krara* e *Ainãrowa*. Essas quatro associações também pertencem na corrida da tora grande carregada pelos dois homens. Na tora grande carregados de duas pessoas, duas associações que se reúnem, como *Akemiahã* e *Krêrêkmô* formam o grupo *Htâmhã*, tendo como pintura a *kukãihã* (casca de jaboti). Já as associações *Krara* e *Ainãrowa* formam o grupo de *Stêromkwa* com a pintura *amkeparu* (cobra sucuri). Lembrando que essas associações não têm pintura corporal específica. Essas quatro associações são apresentadas na festa *dasîpê*, ou melhor, cada pessoa (homens e mulheres) podem se apresentar com nomes de umas dessas associações para todas as pessoas presentes saberem que ele ou ela pertencem uma delas. Muitas vezes os anciãos colocam em filas todas as pessoas das quatro associações, para que todas as pessoas presentes se

conheçam e que todos saibam que essa pessoa pertence àquela associação. Talvez os jovens fiquem em dúvida se já sabem a qual associação ele ou ela pertencem, mas naquele dia da festa *dasîpê* todos tem que se declarar para outras pessoas saberem.

Duas dessas quatro associações, que são *Ainãrowa* e *Krara*, têm função muito importante, pois somente essas duas associações podem batizar as meninas à noite cantando com sua própria cantoria. Essas duas associações batizam as meninas à noite quando os anciãos e os mais jovens (*wapté*) não derem conta de batizar as meninas (*tarê nōri*) durante o dia. A nomeação da noite acontece nas casas normalmente tal como acontece durante o dia. Canta-se nas três casas, sendo que o tio da menina tira ela nessa terceira casa, sendo que em seguida vão batizar as outras meninas. A diferença que existe nesta nomeação noturna é que o tio não precisa pagar com a comida para sua parceira, que pintou a sua sobrinha.

Os mensageiros são os principais homens que vão ajudar os anciãos na festa *dasîpê*. São eles que tem mais aproximação dos anciãos e que tem acesso a eles. Sem os mensageiros e os anciãos, além das demais pessoas, sem eles não acontece a festa *dasîpê*.

Na nomeação dos meninos não são os anciãos que nomeiam os meninos. São dois homens e duas mulheres que são escolhidos para realizar a nomeação dos meninos (*turê nōrî*), “batizando” todos os meninos que estão presentes na festa *dasîpê*. Forma-se um grupo com um homem e ao menos uma mulher, de clãs da metade *wahire*. Estes se posicionam no lado leste, onde o sol nasce. Forma-se outro grupo com um homem e ao menos uma mulher de clãs da metade *Doi*, que ficam no lado oeste, onde o sol se põe. Estes grupos de pessoas são escolhidos de acordo com os dois clãs que se respeitam muito (*dasisdanârkwai nōrî*). Se um grupo for *kbazi tdêkwai nōrî*, o outro grupo vai ser os *îsake tdêkwai nōrî*. Se um grupo for *wahirê tdêkwai nōrî*, outro grupo vai ser o *kuzâp tdêkwai nōrî*. Também no caso de pais que não foram na festa *dasîpê*, pode algum dos parentes dele apresentar o nome do menino que não foi levado naquela festa *dasîpê*. Ele fala o nome para o ancião e ele apresenta o nome do menino para os grupos que gritam o nome e outro grupo confirma o nome de cada menino.

Quem vai ser nomeado é apresentado ao grupo *wahire* que está no lado do nascente que é quem grita os nomes dos meninos (*îsake tdêkwa*, *wahirê tdêkwa*, e *krâiprehi tdêkwa*). E quem responde confirmando o nome, são da metade *Doi* (clãs *kbazi tdêkwa*, *kuzâp tdêkwa*, e *krito tdêkwa*). Nesse caso não podem ser trocados os clãs. Por exemplo, não pode acontecer de os clãs dos círculos (*Doi*) gritar os nomes dos meninos (*turê nōrî*), pois que essa tarefa e

esse direito pertencem só aos clãs das listras (*Wahire*), os quais podem gritar colocando os nomes dos meninos, os *turé nōrĩ*.

A corrida de tora grande é uma competição entre os dois grupos (formados por homens ou mulheres), representando os grupos *htâmhã* e *stêromkwa*. Cada grupo corre carregando tora de buriti que pesa mais ou menos 120 quilos, sendo que essa tora grande só pode ser carregada de duas pessoas. Então corre sempre os dois homens carregando com a tora grande cujo comprimento são mais ou menos 2 metros e meio. As toras são esculpidas e ornamentadas pelos mensageiros (*danōkuikwai nōrĩ*) de ambas as equipes, sob a orientação dos anciãos. Quem prepara as toras *ĩsitro* são os mensageiros. Eles que vão no brejo, derrubam os dois pés de buriti e cortam em duas toras grandes. Para eles tirarem do brejo, chamam alguns homens para ajudar para eles colocarem as duas toras grande no lugar onde a corrida vai começar, para os dois grupos correrem na manhã seguintes.

A corrida da tora grande só pode acontecer na parte da manhã. As duas toras não podem amanhecer sozinha, por isso à noite sempre os dois pajés dormem onde estão as duas toras. São eles que amanhecem juntos para que nenhum espírito dos falecidos não possa colocar a mão ou se sentar em cima da tora. Somente os pajés podem ver esses espíritos. De manhã quando os homens chegam para carregar as toras, eles vão embora ou podem até correr com a tora. Nunca pode acontecer a corrida de tora grande carregada de duas pessoas na parte da tarde, porque desde antigamente essa corrida vem acontecendo na parte da manhã, por volta das sete a oito horas da manhã.

As toras grandes (*isitro*) carregadas pelos dois homens são cuidadas pelos mensageiros. Eles que cuidam, acabam de arrumar, colocam a palha de palmeira sobre as quais são colocadas as duas toras, pois elas nunca são colocadas no chão. Existe todo seu cuidado pelos mensageiros, com ajuda de outros homens.

Os homens que vão correr começam a se pintar logo quando começa a amanhecer, usando o carvão com a pintura de *Htâmhã* que é pintura de jaboti (*kuikãihã*) e pintura de *stêromkwa* que é a pintura da sucuri (*amkeparu*). Com essa pintura os dois grupos se identificam e são conhecidos e, assim, os meninos desde pequenos já conhecem a pintura que ele vai correr quando crescerem.

Muitas vezes os anciãos de cada grupo (*htâmhã* e *stêromkwa*) vão até onde as toras foram colocadas pelos mensageiros, para eles incentivarem, aconselhar os homens que vão correr com a tora dupla. Depois, quem autoriza a corrida são os mensageiros ou então até

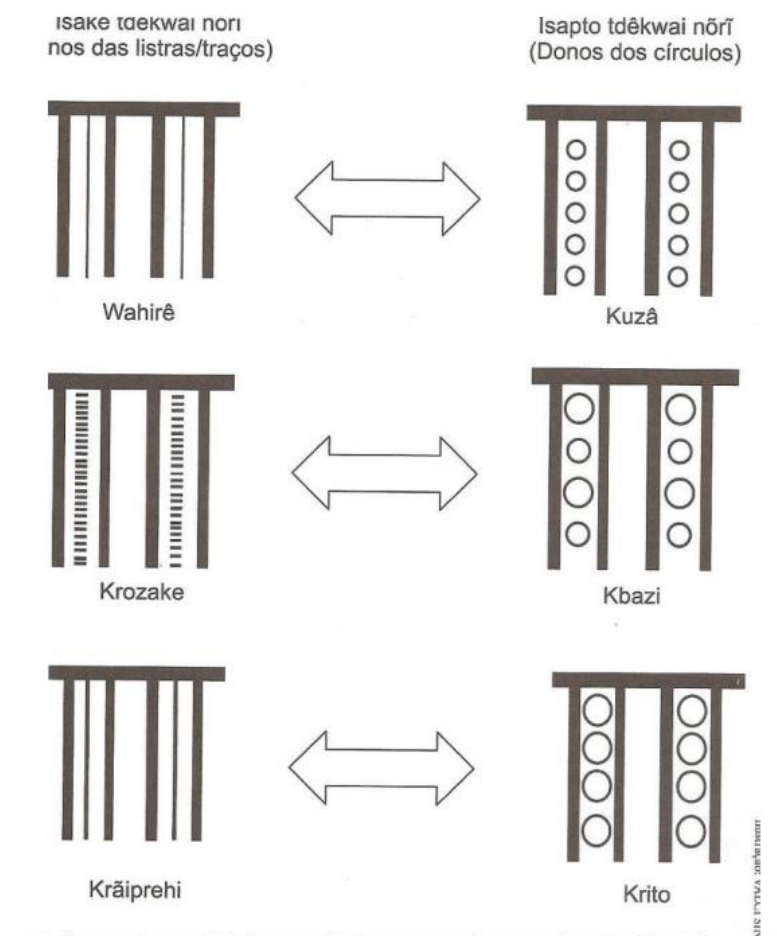
mesmo o ancião de qualquer dos grupos *htâmhã* ou *stêromkwa*. Depois que algum dos mensageiros gritar três vezes, os homens começam a correr com a tora. Eles vão só se revezando até ver quem chegará primeiro no pátio da aldeia, onde estão as pessoas esperando. Quem chegar primeiro são considerados vencedores daquela festa *dasîpê*.

Essas práticas vêm acontecendo, desde antigamente, em todas as aldeias ou lugares por onde os Akwê vivem e viveram e continua acontecendo com todas as pessoas das comunidades das aldeias. Quando se reúnem, no dia que acontece a festa *dasîpê*, chegam muitas famílias Akwê levando os seus filhos para serem batizados pelos anciãos e os homens. Segundo Nimuendajú (1942), os Akwê se organizam (como os demais povos Jê) em duas metades. Cada metade é originalmente composta por três clãs. Os clãs *kuzâ*, *Ïsibdu* e *kbazipre* formam a metade *Siptato*, que hoje é a metade *Doi* (que tem o círculo na pintura corporal), enquanto a metade *Sdacrã* (hoje chamada de *Wahire*) abarcam os clãs *îsake tdêkwa*, *wahirê tdêkwa*, *krãiprehi tdêkwa*, sendo a pintura corporal marcada pelo uso do traço horizontal ou vertical.

Nas aldeias tradicionais antigas, cada clã tinha um lugar distintivo no arco das casas da aldeia: os *kuzâp tdêkwa* e *krãiprehi tdêkwa* na direita e esquerda da saída oriental, os *îsibdu* e *Isaure* no centro, e o *kbazipre* e *Isrurie* no Oeste. Segundo ainda Nimuendajú duas outras tribos, de natureza diferente, foram subsequentemente adicionadas como clãs suplementares: o *Prasé* para a metade *Siptató* e o *krozaké* para a metade *Sdacrã*.

No passado todas as aldeias eram feitas em formato de semicírculo, que representava *Warã* para os mais velhos, e se conhecia facilmente porque todos os três clãs que são da metade *siptato tdêkwa* moravam no lado poente que são: *Kuzâ tdêkwa*, *Kbazi tdêkwa*, e *Krito tdêkwa*. E no lado da nascente moravam os três clãs que são eles: *Wahirê tdêkwa*, *îsake tdêkwa*, e *krãiprehi tdêkwa* e todas as mulheres das duas metades moram com seu esposo, porque antigamente não se casavam com os mesmos clãs, para que tem respeito pelos parceiros. Quando um homem se casa ele vai morar na aldeia ou na casa do sogro, onde o pai da menina mora. Assim todos os homens da metade de três clãs tinham maior respeito pelas suas esposas e as esposas tinham maior respeito pelos esposos. Atualmente a maioria das aldeias não são mais feitas em semicírculos. Poucas são feitas em formato que representam as aldeias do passado.

Figura 1 - Motivos clânicos e relação de ïsisdanãrkwa



FONTE: SINÃ, in: WEWERING (2012)

Todos participam da festa *dasîpê*. As crianças, jovens, as mulheres, os homens, as anciãs e os anciãos da maioria das aldeias, que se dirigem para a aldeia onde acontece a festa *dasîpê*. Ela é importante porque é nela que os jovens aprendem muitas histórias contadas pelos anciãos e pelas anciãs uma vez que eles e elas são as principais fontes de conhecimentos tradicionais para os jovens.

À noite todos os anciãos que estão presentes na festa *dasîpê*, membros de todos os clãs, eles contam muitas histórias para os jovens que estão presentes. Assim acontece também com os cantos de nomeação masculino (*turê nōrĩ*) e feminino (*tarê nōrĩ*) e alguns nomes específicos, como a nomeação com o nome da seriema (*Wakrtidi*), nome do peixe *Waikwadi* (peixe Piranha) e a nomeação com nome significado peixe e só pode ser batizada com esse nome na final da festa *dasîpê*.

O nome *Wake* que é batizada só uma menina na festa *dasîpê*, é ligado a natureza, que é relacionada a tirica. Quando uma menina ganha o nome de *Wake*, o grupo de homens canta uns três dias para concluir que aquela menina foi batizada com nome *Wake*.³ Todos os dias de manhã eles cantam e a menina que está ganhando o nome vai dançando no meio dos homens, acompanhada com a pareceira da menina (*wasisdanârkwa*) dançando junto com ela ao lado dela. Nesse caso a menina não é retirada do meio da dança, mas sim ela tem que completar até ao final, até os homens terminarem de cantar as músicas que são cantadas na nomeação *Wake*. No último dia o tio da menina oferece comida em troca do colar de sementes de tirica. Essa oferta de comida é obrigatória acontecer. Mas só podem pegar comida aqueles que têm colar feito e pronto para colocar no braço do tio da menina. Assim se encerra o batizado da menina que ganha nome de *Wake*.

O nome *Wakedi* é batizado um menino na festa *dasîpê*. O nome *Wakedi* significa tem tirica sim, muita tirica. Quem batiza o menino são grupos de mulheres como já havia falado anteriormente. Elas cantam três dias para batizar o menino que está ganhando o nome *Wakedi*. Todos os dias essas mulheres cantam as músicas durante três dias. Os jovens aprendem também os cantos da tora pequena, cantada na hora de buscar a tora e na hora que eles chegam com a tora na aldeia, tanto masculino quanto feminino *Brupahi* (andorinha).

Nome *Krkodi* significa macaco, que é o nome específico que a menina recebe. *Tpêdi* (peixe) também é outro nome específico que a menina recebe, assim como. E também tem o nome *Predi* (cor vermelho) que a menina recebe. Todos esses nomes femininos têm cânticos específicos, sendo que cada um deles tem cânticos diferentes. E cada nome também tem performances específicas que são realizadas na hora que as meninas são batizadas. Por exemplo, quando uma menina é batizada com nome *Brupahi*, os grupos de homens se preparam fora da aldeia mais o menos 500 metros, embaixo de um pé de árvore grande. Os dois mensageiros fazem limpeza para os homens se enfeitarem. Os homens colocam algodão no corpo, tiram os talos de buriti e depois saem na direção da aldeia. Todos os homens seguram os talos de buriti na hora que eles cantam nas casas até terminarem a cantoria.

Os grupos de homens juntam com os anciãos e eles cantam nas casas para batizar a menina com nome *Brupahi*. Todos os nomes femininos têm um mensageiro para andar na frente dos grupos de homens. Eles vão cantando nas casas para batizar a menina. Tem vários nomes femininos que são grupos de homens, junto com os cantores, que colocam nomes nas

³ Veja as letras dos cantos de nomeação de *Wake* nas páginas 92 a 94.

meninas. Cada nome específico das meninas tem cântico diferente e, como vimos, até mesmo mudam de dança ou local onde elas recebam os nomes. Mas a maioria dos nomes femininos são cantadas nas casas, em círculos, com a menina dançando com a tia no meio do círculo.

2.2 Os anciãos (wa wē nōrī)

Foto 1 – Anciãos no começo da festa



Fonte: SIRNÁWE (2015)

Os anciãos são os principais responsáveis pela festa *dasîpê*. Sem eles a festa *dasîpê* não pode acontecer, porque são eles que passam todos os saberes tradicionais para seu povo. Eles são os principais guardiões do povo Akwẽ pois são cheios de conhecimentos. Eles são as principais bibliotecas no seu povo Akwẽ. São eles que orientam os mensageiros para trabalhar, que definem todas as regras que vão ser cumpridas na festa *dasîpê*, isso com ajuda dos mensageiros. Todas as pessoas que estão na festa *dasîpê*, precisam obedecer a estas regras criadas pelos anciãos e isso acontece só oralmente. Mas são obedecidas por todas as pessoas que estão na festa *dasîpê*. Tanto adultos como as crianças respeitam os anciãos, assim como também as anciãs são obedecidas pelas mulheres mais novas. Quando elas

mandam para ajudar cantar, as mais jovens obedecem, principalmente na hora que elas batizam o menino (*turê nōrĩ*).

Todos os anciãos, junto com o cacique da aldeia e de todos os clãs, se reúnem no Warã, para acontecer a festa *dasĩpê*. Cada ancião de cada clã orienta os seus clãs para eles obedecerem a outros clãs, respeitar os seus parceiros que cada clã. Só para confirmar que são os anciãos que fazem planejamento de todos os temas que vão acontecer na festa *dasĩpê*, são eles que repassam para os mensageiros, a cada dia, o que vai acontecer, seja durante o dia ou até mesmo à noite para eles saberem para o dia seguinte. Esse planejamento não é escrito no papel, tudo que acontece são passados oralmente, mas são muito respeitados e obedecido pelas pessoas que estão na festa *dasĩpê*.

Todos os anciãos dormem no *warã* ou pátio. À noite no pátio eles repassam todos os saberes tradicionais para os jovens, para aqueles que querem aprender sobre a sua cultura. No *Warã* se aprendem sobre respeito, como fazer discurso no casamento, como fazer discurso dando conselho no meio da aldeia, aprende também sobre as cantorias do feminino e masculino, aprende todas as músicas das toras pequenas, e da tora grande carregado de duas pessoas, aprende fazer pintura corporal, aprende a cantar todas as músicas que são cantadas na festa *dasĩpê*, tanto masculinos como femininos. Cantos específicos para os nomes femininos e masculinos, histórias sobre *dakrsu* sobre os seis clãs que os Xerente têm. Assim os anciãos vão dando conselhos para valorizar a sua própria cultura e demais histórias que acontecem na festa *dasĩpê*.

De manhã bem cedo qualquer um dos anciãos anda no meio da aldeia fazendo discurso, dando conselhos para os jovens, mulheres e homens. Antes de fazer discurso qualquer ancião de qualquer clã da metade, ele vai andando e cantando no meio da aldeia, para que todos as pessoas que estão na festa *dasĩpê* possam ouvir a fala do ancião. A fala do ancião orienta as mulheres, para fazer comida na hora certa, fazer nova pintura nos filhos e no próprio marido, incentivar os filhos para participar mais da festa *dasĩpê*, principalmente na corrida de tora pequena, que acontece na parte tarde, chamam os jovens para ajudar os anciãos na cantoria, na hora que eles começam a batizar as meninas. O canto que o ancião canta é assim: *kun trê ro nōmrō, kune trê ro nōmrō, kune trê ro nōmrō, kune trê ro nōmrō, kune trê ro nōmrō*. Então ele começa a falar para todos aqueles que estão na festa *dasĩpê*.

Todos os dias podem trocar o ancião para falar de manhã incentivando as pessoas que estão na festa *dasĩpê*. Todo dia se repete a fala que outro ancião falou dia anterior. Na

fala dele, manda pintar as crianças, pegar lenha, pegar água no ribeirão, fazer café da manhã mais cedo para os homens.

Todo dia de manhã bem cedo os homens se juntam com os anciãos no Warã para batizar as meninas (*tarê nōrĩ*). Eles chamam os homens para chegar no Warã com bastão para começar a batizar as meninas. O bastão que os homens usam é obrigatório para cada pessoa que participa na nomeação das meninas. O bastão que eles usam é para bater no chão e fazer barulho. Todos batem o bastão no chão antes de eles começarem a cantoria. Depois um dos anciãos começa a cantar e outros homens acompanham a cantoria. Sem bastão não pode acontecer o batismo das meninas. Já os anciãos podem usar suas próprias bordunas, mas os outros homens não podem usar bordunas, sendo que os outros homens são obrigados a tirarem um bastão para ele usar até terminar o batismo das meninas. E essa é uma das regras que os anciãos colocam na festa *dasĩpê* para os todos os homens usarem.

Os anciãos têm toda autoridade de aconselhar, escolher alguns grupos de homens para caçar no mato, esperar caça a noite ou até mesmo esperar em cima de pé de pequi florando, pé de merindiba, para matar alguma caça para as pessoas comerem enquanto estiverem na festa *dasĩpê*. Ou também eles podem escolher uma mata bem fechada onde eles podem matar muitas caças. Nessa mata eles colocam o fogo ao redor, ou melhor em círculos, e deixam só um espaço para sair as caças onde eles possam flechar ou até mesmo atirar com espingarda. Também podem escolher um grupo de homens para pescaria. Eles pescam uns dois dias para pegar muitos peixes para as pessoas que estão na festa *dasĩpê*. As caças que os caçadores conseguem matar são divididas entre todas as famílias, ou pessoas que estão presente na festa *dasĩpê*. Assim também os peixes que os homens pegaram nos dias da pescaria, são distribuídos entre as famílias, ou então os próprios mensageiros fazem o moqueado de peixe ou carne de caça para todos comerem juntos. Essa regra são os anciãos que dão ordem aos dois mensageiros para falarem às famílias presente todos comerem juntos.

Na festa *dasĩpê* acontece moqueado porque a carne é pouca. Assim são poucos os peixes que os pescadores pegam e por isso eles fazem moqueados, mas os mensageiros não fazem sozinhos, chamando algumas mulheres para ajudar na moqueado. Eles pegam lenhas, cortam em pedaços para as mulheres, buscam mandioca na roça e ralam, enxugam a massa de mandioca no tipiti e depois fazem moqueado. Os mensageiros ajudam na distribuição para as pessoas presentes. Nesse caso do moqueado, ganham até as crianças para que todos

possam comerem juntas mostrando a união e paz entre os clãs (*dasisdanārkwa/wasisdanārkwa/wasiwaze*) e as crianças verão com seus próprios olhos, as pinturas dos seus parceiros e a união do povo Akwẽ.

Os anciãos também organizam para nomeação dos meninos, mas isso somente depois de eles batizarem todas as meninas que os pais levaram na festa *dasĩpê*. Depois eles entram no mato onde o mensageiro fez a limpeza para os homens que entram para cantar os sete cantos que são cantados durante dois ou três dias. Todo dia de manhã e a tarde eles cantam para cantar as sete músicas cantadas no mato, eles cantam todos em círculos. Cada pessoa segura o seu bastão, batendo o pé direito e batendo o bastão no chão ou até mesmo segurando o seu bastão andando em círculo.

Todos os homens que estão em círculo cantam, enquanto eles andam para a direita e voltam a esquerda, até terminarem de cantar todas as sete músicas. Depois de cantar todos as músicas eles descansam mais ou menos meia hora, para depois eles cantarem de novo. Nesse intervalo os anciãos e demais pessoas bebem água, comem alguma coisa como batata moqueada, banana, beiju com carne moqueada ou assado. E aqueles que gostam de fumar fazem cigarro para fumar. Depois eles tornam a cantar de novo. Ao meio-dia os dois mensageiros buscam as comidas para cada pessoa que está no mato.

Segue abaixo as letras das sete músicas cantadas pelos anciãos e os homens no mato.

Canto 1

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Hê, hê, tô kbure dizô watar ãĩĩnmãsi.

Canto 2

Ãnãpra mrmẽdi, mrmẽdi, mrmẽdi bâ.

ãÑãpra mrmēdi, mrmēdi, mrmēdi bâ.
 ãÑãpra mrmēdi, mrmēdi, mrmēdi bâ.
 ãÑãpra mrmēdi, mrmēdi, mrmēdi bâ.
 ãÑãpra mrmēdi, mrmēdi, mrmēdi bâ.
 ãÑãpra mrmēdi, mrmēdi, mrmēdi bâ.
 ãÑãpra mrmēdi, mrmēdi, mrmēdi bâ.
 ãÑãpra mrmēdi, mrmēdi, mrmēdi bâ.

Canto 3

Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.
 Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.
 Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.
 Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.
 Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.
 Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.
 Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.
 Hê, hê, ainãza hrâdi bâ ãwatar ãhârâ.

Canto 4

Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.
 Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.
 Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.
 Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.
 Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.
 Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.
 Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.
 Hĩro waitēsi, waitēsi, waitēsi, bâ.

Canto 5

Hê, hê, kurbe kuiwa ku hinãpra hrâ mōnō.

Hê, hê, kurbe kuiwa ku hinãpra hrâ mōnō.
 Hê, hê, kurbe kuiwa ku hinãpra hrâ mōnō.
 Hê, hê, kurbe kuiwa ku hinãpra hrâ mōnō.
 Hê, hê, kurbe kuiwa ku hinãpra hrâ mōnō.
 Hê, hê, kurbe kuiwa ku hinãpra hrâ mōnō.
 Hê, hê, kurbe kuiwa ku hinãpra hrâ mōnō.

Canto 6

Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.
 Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.
 Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.
 Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.
 Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.
 Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.
 Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.
 Dibaza hrâdi hrâdi, hrâdi bâ.

Canto 7

Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.
 Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.
 Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.
 Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.
 Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.
 Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.
 Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.
 Hê, hê, rorê hrâwêki, hrâwêki. Tôsza tê wazaihrâ kōdi.

Isso eles cantam umas três vezes de manhã e três vezes a tarde. Por volta das 16:00 horas todos homens saem do mato, para participarem da corrida de tora pequena. Todo os dias os jovens, masculinos e femininos, e as crianças, correm com a tora pequena. Essa corrida de tora pequena serve para treinamento para os homens se preparando para correr com a tora grande (*ĩsitro*) carregado de duas pessoas que acontece no último dia da festa

dasîpê. Os anciãos também saem do mato para ver os homens e mulheres correndo com a tora pequena e a corrida de taquara. A corrida de taquara é feita tanto masculino quanto feminino e consiste em corrida no pátio carregando uma pequena taquara nas quais são conhecidos os jovens como mulheres e homens que correm mais rápido do que outros.

À noite alguns dos anciãos andam no meio da aldeia discursando, falando e chamando todos os homens para participarem dos cantos da tora dupla (*îsitro*). Toda a noite eles cantam junto com os homens presentes no *Warã*, ou no pátio, os cânticos da tora grande que são carregados de duas pessoas.

No terceiro ou no quarto dia, todos os homens que entraram no mato onde os mensageiros fizeram a limpeza embaixo de uma árvore, começam a se enfeitar. Se pintam no rosto passando carvão tirado do mato ou até mesmo eles fazem carvão queimando uma câmara de pneu de bicicleta ou de moto, mas no passado não tinha esse carvão feita de câmara. Cada clã fica em fila para os seus parceiros fazerem a pintura, tanto nas pernas como no rosto. O clã *kbazi tdêkwa* passa o carvão nas pernas e no rosto do clã *îsake tdêkwa*, assim como o clã *kuzâp tdêkwa* passa carvão nas pernas e no rosto dos membros do clã *wahirê tdêkwa*. Já os membros do clã *krâiprehi tdêkwa* pintam os seus parceiros do clã *krito tdêkwa*.

Aqui desejo fazer um parêntese para abordar mais calmamente sobre os clãs parceiros. Ou seja, a relação de *dasisdanârkwa*, *wasisdanârkwa* ou *wasiwaze*. Como escreveu o pesquisador indígena João Kwanhâ Xerente (2020), no passado os Akwê/Xerente consideravam que o clã *Kbazi tdêkwa* era parceiro do *Krâiprehi tdêkwa* e que o clã *Kritoi tdêkwa* era o parceiro do clã *îsake tdêkwa*. Mas, por motivo que o clã *krâiprehi tdêkwa* quase foi extinto, eles começaram se pintar com as pinturas do clã *wahirê tdêkwa*. Assim, o clã *Kbazi tdêkwa* se tornou parceiro do clã *îsake tedêkwa*. Desta forma, até hoje os mais novos do clã *Kbazi tdêkwa* consideramos o clã *îsake tdêkwa* como parceiro (*dasisdanârkwa/wasisdanârkwa/wasiwaze*).

Cada clã tem seu clã parceiro. Eles se tratam de *wasisdanârkwa* que remete a um tratamento de respeito mútuo e recíproco entre si. O clã *Wahirê* faz parceria com o clã *Kuzâ tdêkwa*, já o clã *Krozake tdêkwa* faz parceria com o *Krito tdêkwa* e o *Krâiprehi* faz parceria com o *Kbazi tdêkwa*. Esses clãs parceiros atualmente têm provocado muita discussão em torno deles, pois como o *Krâiprehi* tinha deixado de assumir a sua identidade por vários anos, então o *Krito tdêkwa* e *Kbazi tdêkwa* faziam parceria somente com o *Krozake*. Após a retomada da identidade do *Krâiprehi* no ano de 2007, no *Dasîpê* realizado na aldeia Zé Brito,

pairou dúvidas com qual clã ele faria esse respeito recíproco. Alguns diziam que o clã parceiro era o *Krito* enquanto outros diziam que era o *Kbazi*. Mas o que importa foi a retomada a sua identidade e do grafismo corporal que tinha sido esquecido por vários anos.

Depois de todos os clãs se pintarem os anciãos de cada clã fazem discurso para os seus jovens respeitarem os seus parceiros, valorizar a sua cultura, guardar todas as regras que os anciãos fizeram oralmente, para todos respeitarem os que estavam presentes na festa *dasîpê*. Afinal todos os jovens viram com seus próprios olhos, durante a festa *dasîpê* e nessa hora os jovens também conhecem qual clã que tem maior números de pessoas e qual clã tem número menor de membros. Ainda, os anciãos costumam fazer a tabela mostrando todos os clãs parceiros (*dasisdanârkwa/ wasisdanârkwa/wasiwaze*).

Retornando ao ritual, após os homens se pintarem no mato, antes de saírem eles cortam um pau curto na metade da altura da pessoa, com comprimento de mais ou menos 1 metro, para eles usarem como bastão na hora que eles se cruzam quatro vezes. Isso eles fazem quando chegam no *warã* (pátio). Esse cruzamento que os homens fazem quatro vezes é para que ficam de volta no mesmo lugar onde começou.

Nesse cruzamento tem regra para ser cumprido. Quando eles se cruzam não podem se encostar um no outro ou então bater bastão dele no outro bastão da pessoa que está ao lado dele, porque é muito perigoso para qualquer um homem encostar ou bater bastão do outro colega. Dizem os mais velhos que desde antigamente, não se podia fazer isso. Porque quando um homem se encostar no outro homem qualquer uns deles pode morrer a qualquer momento.

Por isso essa regra é muito rigorosa para o povo Akwê. Nessa nomeação masculina também tem a participação das duas mulheres para ajudar de batizar os meninos (*turê nōri*), pois, como diz, sem ela não pode acontecer o batizado dos meninos. As mulheres Akwê sempre estão presentes na festa *dasîpê*, principalmente na nomeação masculina, feminina e quando elas batizam o menino com nome *Wakedi*.

Foto 2 - Entrevista com o ancião Luiz *Kmōwamri* Xerente da aldeia Mirassol–*Kuiwdêpisi*



Fonte: SIRNĀWE (2021)

Fiz entrevista com o ancião Luiz *Kmōwamri* Xerente sobre a festa de *dasîpê* que os Akwê fazem. Ele mora na aldeia Mirassol *Kuiwdêpisi*, distante cinquenta quilômetros da minha aldeia. Fui duas vezes na aldeia desse ancião, quando então gravei ele falando com meu celular, fiz filmagem, tirei fotos, tudo com celular. Pedi a ele autorização para eu tirar fotos, fazer filmagem e fazer gravação. Fiz pergunta para ele sobre *dasîpê* do passado, como acontecia e quantos dias durava para terminar a festa *dasîpê*. E também quem são os responsáveis para comandar a festa *dasîpê* e quem participava dela. Também perguntei sobre o que ele acha da festa *dasîpê* atual e se teve algumas mudanças na festa *dasîpê*.

O ancião começou a contar história sobre a festa *dasîpê* que ele participava muito e gosta de participar, que sempre aconteceu no povo Akwê e que vem acontecendo e ainda continuamos fazendo o que é nosso, que nosso *Waptokwazawre* (Deus) deixou para o povo Akwê. A nossa cultura é muito bonita cheio de tradição. Ele confirmou que na festa *dasîpê* chegam muitas pessoas de outras aldeias, para juntos participarem. No passado para acontecer a festa *dasîpê*, os Akwê daquela aldeia, se reuniam para marcar a data, o mês para acontecer a grande festa *dasîpê*. Vários Akwê se reúnem levando os seus filhos e filhas para

batizar, como as meninas (*baktõ nõrĩ*) e os meninos (*turê nõrĩ*). Todos os anciãos da aldeia se reuniam no *Warã*, junto com o cacique da daquela aldeia para todos confirmarem que vai acontecer a festa *dasĩpê*, eles combinam quantos dias vai demorar e o que vai acontecer na festa *dasĩpê* como por exemplo quais nomes específicos femininos que vão acontecer.

Cada ancião dos clãs parceiros *dasisdanãrkwa* fazem discurso segurando a borduna apoiada no chão. No discurso ele fala para que todos os anciãos presentes na reunião daquela aldeia se ajudem uns aos outros na organização juntos os mensageiros, receber as pessoas de fora e falar para as pessoas respeitarem os dois mensageiros e, assim todos juntos terminarem a festa *dasĩpê* até a data final que eles marcaram. Depois levantar outro ancião do clã parceiro dele, (*dasisdanãrkwa*) confirmando a fala do parceiro que fez discurso. Assim pode outro ancião fazer discurso confirmando a fala dos dois anciãos e pode outro também fazer discurso. Mas o certo é que só os dois podem fazer discurso. Quando os dois terminam de fazer discurso, ninguém não pode falar nada, toodos ficam calados. Na manhã seguinte os anciãos chamam as pessoas presentes na festa *dasĩpê* para participarem da escolha de dois mensageiros. Alguns dos anciãos pega na mão de um homem e traz na frente de todo mundo para as pessoas verem. E outro ancião pega na mão de outro homem e traz perto do outro que foi escolhido.

Os homens que foram escolhidos são dos clãs diferentes que são os parceiros *wasisdanãrkwa* e se respeitam muito. Se um homem é do clã *kbazi tdêkwa*, outro homem é do clã *ĩsake tdêkwa*. Se um homem for do clã *kuzâp tdêkwa*, o outro homem tem de ser do clã *wahirê tdêkwa*. Assim acontece a escolha dos mensageiros. Depois os anciãos chamam as primas irmãs dos mensageiros para fazer brincadeiras em que elas os empurram, puxam o cabelo deles, enquanto as outras primas irmãs do homem o protegem, os dois mensageiros têm que estar na brincadeira, por isso tem as primas, tias do clã do homem que foi escolhido para proteger o seu primo irmão ou melhor dizer o clã do homem. Essa brincadeira é obrigatória de acontecer com os dois mensageiros escolhidos. Quando alguns dos anciãos dar ordem para parar, as mulheres têm que parar na hora obedecendo a ordem dos anciãos, lembrando que tudo isso acontecem na oralidade. Depois os dois mensageiros escolhidos eles são mandados avisar nas aldeias as pessoas que querem participar da festa *dasĩpê*, principalmente aqueles que querem batizar os seus filhos. Chegando de volta na aldeia, os mensageiros começam a trabalhar buscando leite de pau do mato, jenipapo, lenhas para fazer fogo a noite para os anciãos. Assim eles são os homens que trabalham muito mais que outras

peessoas que estão na festa *dasîpê*. Os anciãos de outras as aldeias que estão presentes na festa *dasîpê*, eles contam as histórias todas as noites e também cantam as músicas cantadas na nomeação feminina e masculina, os cânticos das toras pequenas e grandes, cânticos específicos na hora de batizar as meninas, cânticos de *Wake* e *Wakedi*.

Na verdade, a festa *dasîpê* acontece no meio do povo Akwê para batizar as meninas, os meninos, para fazer a corrida da tora pequena, corrida da tora grande e para expor as quatro associações (*dakrsu*) e para conhecer a pintura do seu parceiro (*wasisdanârkwa*) e para contar histórias para os jovens Akwê no *Warã* ou pátio, além da corrida de taquara, e troca de comida entre os parceiros. Os anciãos mandam alguns homens caçar e/ou pescar para fazer mistura e, muitas das vezes, os Akwê fazem até tingujada para matar muito peixes. Tudo podem acontecer na festa *dasîpê*. Os anciãos são as maiores autoridades no povo Akwê. Eles são os principais conhecedores das suas histórias para passar para geração nova. No passado a comida era tudo natural, colhida da roça. A carne era só de caça do mato. Os homens e as mulheres eram muito fortes e trabalhavam mais na roça. Não conhecíamos as comidas da cidade. Nós fazíamos muita caminhada, chegando a andar até oitenta a cem quilômetros para participar da festa *dasîpê*. É diferente de hoje e, no passado, a festa *dasîpê* durava até três meses.

Hoje continua acontecendo a festa *dasîpê*, mas diminuiu muitos dias. Hoje nós fazemos com quinze dias ou trinta dias. Hoje as comidas são diferentes. Não é mais comida tradicional, como carne de caça, peixe, que os Akwê pegavam muito no passado. Hoje na festa *dasîpê* os Akwê comem mais carne de gado, peixe de criatórios. Os moradores das aldeias que ficam na beira do Rio Tocantins, eles ainda matam caças e peixes, mas são poucos. Mas tudo isso são resultados da Usina Hidrelétrica de Lajeado, dos fazendeiros que estão ao redor do nosso território, dos caçadores caçando dentro na reserva Xerente. Por isso hoje na festa *dasîpê* faltam carne de caça do mato, peixe dos rios e córregos. Mas os Akwê continuam trabalhando na roça de toco, onde plantam mandioca, macaxeira, banana, milho, arroz, inhame, batata doce, cana, mamão.

O ancião finalizou a entrevista dizendo assim: *Queria dizer em relação da nossa festa dasîpê, que não teve mudança na nomeação feminina ou masculina, no respeito pelos clãs, na pintura corporal, na corrida da tora pequena, na corrida da tora grande, nas quatro associações (dakrsu), nas cantorias dos nomes específicos e demais eventos que acontecem na festa dasîpê. Foi muito bom você como pesquisador Akwê, veio saber sobre a festa dasîpê.*

Você gosta e vai escrever para guardar escrita porque na nossa época era só oralmente. Isso é a minha fala como ancião. Tenharêê!

Também fiz a entrevista com o senhor Juraci *Saparzanē* Xerente da aldeia *Kuiwdêhu*. Também fiz a mesma pergunta que eu fiz ao ancião Luiz *Kmōwamri* Xerente. E ele me diz que tudo que acontece na festa *dasîpê* foi deixado por Deus, o nosso *Waptokwazawre*. Ele começou a contar sobre a festa *dasîpê* que os *Akwē* sempre fizeram e continuam fazendo atualmente porque, segundo ele, os *Akwē* amam fazer a festa *dasîpê* e batizar todas as meninas (*tarê nōri*) e também batizar os meninos mostrando e praticando o que é nosso. No passado o *dasîpê* demorava muitos dias acontecendo a festa, mas hoje são feitas em poucos dias, mais o menos quinze a trinta dias.

Foto 3 - Entrevista com ancião Juraci *Saparzanē* Xerente da aldeia *Kuiwdêhu*



Fonte: SIRNĀWE (2021)

Para Juraci *Saparzanē* os *Akwē* são os maiores preservadores da sua cultura. Os *Akwē* gostam muito de praticar o que são deles como festa *dasîpê*. Ele afirma: *participei muito da festa dasîpê acho muito lindo os Akwē participando da festa dasîpê, todos anciãos Akwē gostam da sua cultura eles passam tudo o que acontecem na festa para os jovens. Por isso eles fazem a festa dasîpê sempre para os Akwē não esqueceram da sua cultura. A nossa cultura é muito rica. É muito bonito quando acontece, quando os Akwē se reúnem naquele dia, porque ali é o lugar de ser aprender. Para acontecer a festa dasîpê no povo Akwē, os anciãos daquela aldeia se reúnem no Warã para discutir o que vai acontecer na festa fora*

da nomeação feminina e masculina e corrida da tora pequena e tora dupla carregada de duas pessoas.

Ele confirma que na festa *dasîpê* que povo Akwê faz tem nome específicos como *Krkodi*, *Tpêdi*, *Brupahi* e demais nomes. O nome *Waikwadi* é único nome que uma menina pode ganhar e é batizada no último dia da festa *dasîpê*, enquanto os homens cantam com cântico *Waikwadi*, tem a dança do *padi* (tamanduá), no meio do círculo quando os homens junto com os anciãos cantam. Nome *Waikwadi* significa peixe piranha. Sem esse nome a festa *dasîpê* não pode terminar. Ele fala que na festa *dasîpê* devem acontecer as pinturas corporais dos mensageiros, a nomeação feminina e masculina, a corrida da tora pequena, corrida da tora grande carregados de duas pessoas, as quatro associações, a troca de comida entre os clãs parceiros (*dasisdanârkwá*), a dança do *padi*, os nomes *Waikwadi* feminino e, para se encerrar, os discursos dos anciãos presentes na festa *dasîpê*.

O ancião Juraci *Saparzanê* finalizou explicando um pouco sobre as quatro associações (*dakrsu*) falando que essas quatro associações que não tem pintura, mas para os Akwê são muito importantes na sociedade porque sem elas não pode acontecer a corrida da tora dupla (*kuiwdê nîtro*), nem a nomeação das meninas (*tarê nôri*).

Foto 4: Entrevista com anciã Maria Pizadi Xerente, da aldeia Salto Kripre



Fonte: SIRNĀWE (2021)

Perguntei ela sobre o papel das mulheres Akwē na comunidade e, principalmente, na festa *dasîpê* e se elas também podem ajudar em outros momentos. Assim foi a resposta que ela me deu.

Vou falar aqui a função das mulheres Akwē na comunidade e também na festa dasîpê. Nós, as mulheres Akwē, ajudamos muito na nossa casa e também na festa dasîpê. Nós conversamos muito com os nossos filhos, para respeitarem os mais velhos. Para quando ficarem adultos e ficarem como ancião, ou anciã, ser respeitados igualmente eles respeitam quando está crescendo, mudando de ciclo de vida até ser considerado ancião, aquele que conhece muito da sua cultura, quando é jovem vão aprendendo sobre a nossa cultura que nosso Waptokwazawre deixou para os Akwē. Nós as mulheres que cuidamos mais dos nossos filhos, explicamos sobre o respeito, casamento, trabalho, discursos, cantorias e outras coisas que a gente nois mulheres ensinamos.

As mulheres que carregam as crianças quando fomos na festa dasîpê. A gente pega as lenhas para cozinhar para os nossos maridos, pegamos água no ribeirão, levamos os nossos filhos para banhar no ribeirão, fazemos a pintura corporal nos nossos filhos. Também fazemos pintura corporal nos nossos parceiros, participamos da corrida de tora

pequena as tardes. Fazemos beiju cedo para os homens comerem com carne ou peixe assado ou moqueado. Assim nós as mulheres Akwē ajudamos muito os nossos maridos, como na casa e na festa dasîpê. Eu mesmo sei muita coisa sobre a festa dasîpê. Sei cantar todas as músicas que são cantados, quando batizamos o menino com nome Wakedi. Quando batizamos um menino com nome Wakedi, ajuntamos muitas mulheres, mais o menos vinte a trinta mulheres, para nos cantar as músicas cantadas no batismo. Nós a mulheres Akwē também somos conhecedoras dos saberes tradicionais do povo Akwē. Também participamos na nomeação das meninas, porque sem a participação das mulheres não pode acontecer o batismo das meninas. Nós mulheres também participamos da nomeação dos meninos e somos nós que ajudamos quando são batizados todos os meninos que estão presentes na festa dasîpê. As mulheres Akwē que fazem cofos para nós carregarmos as crinças e lenhas. Também fazemos esteira, para os nossos maridos descansar ao meio-dia. Essas são as mulheres Akwē que ajudamos os homens em várias momento principalmente que os nossos maridos precisam de nós. Então o papel das mulheres Akwē é muito importante, nois não somos só um saco vazio, mas sim somos colaboradoras em todos os momentos, nas nossas casas, nas caçadas principalmente na festa dasîpê.

Foto 5 – Mensageiros (danõhikwai nõrĩ)



Fonte: SIRNĀWE (2019)

2.3 Os mensageiros (*danōhikwai nōrĩ*).

Depois da reunião dos anciãos e cacique da aldeia no *Warã* (pátio), na manhã seguinte bem cedo são escolhidos os dois mensageiros para trabalhar e ajudar os anciãos na festa *dasĩpê*. Eles são escolhidos de acordo os clãs parceiros (*dasisdanãrkwa*) e são pintados com as pinturas próprias dos mensageiros, só eles podem ter essa pintura corporal. Se um dos escolhidos for do clã *kbazi tdêkwa*, o companheiro dele vai ser do clã *ĩsake tdêkwa* que são clãs que estão relacionados pelo costume do *sisdanãrkwa* ou *wasidanãrkwa*. São escolhidos os dois mensageiros, porque os dois clãs se respeitam muito e são muito respeitados na festa *dasĩpê*. Ao serem escolhidos os dois mensageiros, todos anciãos da aldeia presentes chamam as pessoas daquela aldeia para todos participarem da escolha dos mensageiros, porque os mensageiros são os primeiros que são escolhidos para andar nas aldeias convidando as famílias para participar da festa *dasĩpê*.

Como foi explicado pelo ancião da aldeia Mirassol, Luiz *Kmōwamri* Xerente, na hora que os dois mensageiros são escolhidos, de cada clã vem as primas-irmãs dos dois clãs. As primas-irmãs protegem o seu primo-irmão para as outras mulheres de outros clãs não caçoarem dele, não fazerem brincadeiras sem graça, derrubar ele no chão, puxar com cabelo, empurrar ele etc. Cada mulher protege o primo irmão e essa brincadeira demora alguns minutos (de 02 a 03 minutos). A brincadeira é rápida e serve para todas as pessoas presentes verem as escolhas de dois mensageiros. Depois qualquer um dos anciãos explica para que os dois mensageiros são escolhidos, para os dois serem respeitados. Quem não respeitar os dois mensageiros vai também desrespeitar os anciãos que vão estar presentes na festa *dasĩpê*.

Depois da escolha e das brincadeiras, os dois mensageiros são aconselhados para trabalharem durante a festa *dasĩpê*. Primeiros serviços que os mensageiros vão fazer, será irem de aldeia em aldeia e convidar cada família, de casa em casa, para elas participarem da festa *dasĩpê*, informando em qual aldeia está acontecendo. E as famílias que vão participar da festa *dasĩpê*, elas, no passado, iam a pé levando as crianças para serem batizados (terem os nomes confirmados), tanto femininos quanto masculinos. Porque os pais colocam os nomes nas crianças Akwê, na hora que eles nasceram, mas precisam ser confirmados publicamente na festa *dasĩpê*.

Os mensageiros, chegando de volta na aldeia, eles continuam trabalhando em atividades de cortar tora de buriti para as corridas das crianças e os jovens (masculinos e femininos). As pessoas que estão na festa *dasĩpê* correm com a tora todos os dias a tarde.

São eles também que buscam pau de leite, jenipapo, carvão e fazem até os talos de taboca ou talo da palha piaçaba para as pessoas que estão presentes na festa *dasîpê* se pintarem, como crianças e adultos. Eles buscam as lenhas para os anciãos acenderem a fogueira a noite no *Warã* (pátio da aldeia). Eles que levam as comidas para os anciãos, pegam águas para os anciãos que estão no *Warã*. São eles que dirigem os círculos das pessoas na hora da nomeação das meninas (*tarê nōrî*) e são os mensageiros que andam na frente dos homens que cantam na nomeação das meninas na hora que batizam (*tarê nōrî*).

São eles que chamam os jovens nas casas de manhã e a tarde. Isso depois de manhã bem cedo, quando alguns dos anciãos, discursando e andando ao meio da aldeia, convidando os jovens (*wapte nōrî*), para participarem das atividades que acontecem naquele dia na festa *dasîpê*. Todos os dias os mensageiros têm que trabalhar para ajudar os anciãos e para animar as pessoas que estão presentes na festa *dasîpê*. Eles são os que mais trabalham e são respeitados na festa *dasîpê*.

Todos os dias eles que cortam as toras de buriti pequena no brejo para a corrida que acontece a tarde. Eles vão no brejo, derrubam dois pés de buriti, um para mulheres e a outro para os homens. Os dois pés de buriti são cortados todos os dias no brejo, porque não podem correr com a tora cortada no dia anterior. Por isso são cortadas todos os dias, dois pés de buriti em dois pedaços, lembrando que se a festa *dasîpê* tiver trinta dias de duração, os mensageiros cortam sessenta pés de buriti. Também são cortadas muitas vezes os pés de coco babaçu, ou um pé de bacaba, cortam em dois pedaços são preparados para as meninas, que é uma tora bem pequena com o comprimento de 80 centímetros, com peso de 40 a 50 kilos. Ela é escavada com fundo de 5 centímetros retirando o miolo do tronco de buriti, para as pessoas que vão carregar segurar a tora, para ela não cair da pessoa que está carregando. Dois pedaços grandes são preparados para os homens adultos correrem. O comprimento das toras para os homens é de 1 metro e o peso chega a mais o menos 70 a 80 kilos. As toras também são cavadas de 5 centímetros para os segurar, para a tora não cair. Os mensageiros colocam as toras a distância de 2 km da aldeia para as mulheres e 3 km para os homens. As primeiras a correrem com a tora são as mulheres. E tem os mensageiros das mulheres que acompanham elas carregando as sandálias para todas as mulheres. Depois a correrem são os homens. Como as mulheres, os homens também levam e jogam as toras no pátio da aldeia.

As duas equipes, tanto das mulheres como dos homens, são repartidas pelos mensageiros, para que aquelas ou aqueles que correm mais rápidos que outros, não correrem

juntos desequilibrando a disputa. Tanto as mulheres quanto os homens, muitas vezes também foram as duas equipes dos casados (as) contra solteiras (os).

Foto 6 – Corrida de tora aldeia Funil Sakrêpra.



Foto 7 - Cântico da tora pequena



Fonte - desconhecida - grupo de whatsapp comunidade Akw Fone: SIRNĂWÊ (2015)

Todos os dias, antes de buscar a tora pequena, os anciãos cantam junto com as mulheres e depois com os homens. Essa cantoria acontece no *Warã* ou no pátio da aldeia. Depois quem sai na frente são os mensageiros até onde eles colocaram as toras.

As duas toras dupla de buriti *ĩsitro* também são preparadas pelos mensageiros *danõhuikwai nõrĩ*. Eles vão no brejo para cortar o pé de buriti, depois de derrubado, cortam o pé de buriti em dois pedaços grandes, mais o menos 2,25 mt (dois metros e vinte cinco centímetros). Depois eles preparam a tora para ser retirado do brejo. Os mensageiros, mais alguns homens, levam as duas toras grandes no lugar onde eles vão trabalhar para acabar de prepará-las para a corrida.

No mato, onde as toras são colocadas, eles acabam de preparar as duas toras. Lá eles passam urucum e colocam algodão nas duas toras e acabam de cavar as duas toras, para que os homens que vão correr possam segurar bem para evitar a queda da tora. Porque quando cai a tora, é muito perigoso. Pode até machucar a pessoa que está correndo com a tora. É difícil cair a tora grande carregada por duas pessoas. Por isso todos homens são aconselhados para dormir no *Warã*, na noite que antecede a corrida. Porque na cultura Akwẽ quem não dormir no *Warã* e dormir em casa ao lado da mulher, esses homens podem deixar cair a tora

e podem se machucar. Por isso os mais velhos aconselham os homens que vão correr com a tora *ĩsitro*. Essa regra é repassada em todas a festa *dasĩpê* e tem que ser cumprida.

Para correr com a tora dupla os homens dormem no *warã* e à noite eles ficam cantando em círculo, os dois grupos junto com as mãos dados uns aos outros mostrando a uniões entre os dois grupos como da pintura do *Htãmhã* (pintura do *kukãihã* casca de jaboti, [jaboti]) e pintura *stêromkwa* cobra (*amkeparu*). Todos os homens, junto com os anciãos, puxam a cantoria para as pessoas que vão correr com a tora. Isso eles fazem mais o menos seis vezes durante a noite, sendo que até meia noite eles fazem três vezes. Depois da meia noite eles fazem mais três vezes até o dia amanhecer. De manhã bem cedo os homens que passaram a noite no *Warã*, eles começam a se pintar com a pintura de cada grupo. Um grupo com a pintura do *Htãmhã* e outro com a pintura do *stêromkwa*. Além de se pintarem, também amarram fita de buriti na cabeça e aqueles que correm mais rápido do que os outros, eles colocam na cintura o chocalho feito com semente de pequi, ou com unha de veado do mato, que é para fazer barulho quando correm com a tora dupla.

Para correr com a tora dupla não tem limite de pessoas por grupo. Como a tora *ĩsitro* é carregada de duas pessoas, um grupo pode correr com até quarentas pessoas ou até mais. A pintura que eles usam no corpo são da mesma pintura da tora que eles vão correr e essa pintura só pode pintar no corpo e não em outra parte do corpo. Lembrando que a ponta da tora é mais pesada do que o “rabo” que é fina pois foi esculpida. Não é qualquer pessoa que pega a ponta que é mais pesada. Principalmente os jovens a idade de treze a quinze anos não podem pegar a tora. Mas para aqueles jovens que todos conhecem que conseguem carregar a tora, que pesa cento e vinte quilos, os homens incentivam os jovens para pegar a tora, porque eles já conhecem os jovens que conseguem pegar o peso de cento vinte quilos. Os mais jovens começam a pegar a tora na parte da ponta, por que é menos pesada e com isso eles vão perdendo o medo de pegar a tora grande

A pessoa pode carregar a tora grande mais o menos de trinta a sessenta metros. Isso depende de cada pessoa que é forte e preparada fisicamente para pegar a tora grande. Mas que está na ponta da tora, a pessoa pode correr mais de sessenta metros. Os Akwẽ usam remédio do mato, como um preparativo para no dia da festa ele correr bem, mais rápido e não deixar cair a tora no chão. Desde crianças os Akwẽ preparam os seus filhos para quando pegar tora grande ele estar preparadíssimo. Todos esses remédios são tirados do mato e são feitos pelos tios do rapaz ou pelas tias do rapaz. Aquelles que sabem sobre esses remédios do

mato não podem passar o nome e nem mostrar para aqueles que quer saber. Algumas preparações dos Akwê são bem conhecidas como quando eles usam riscando as duas pernas do rapaz com as unhas do pé de seriema. Quando um Akwê mata uma seriema, ele corta os dois pés dela e colocam no sol para ficar bem seco os pés com a unha. Depois eles riscam os meninos de sete até doze anos de idade. Esses meninos podem correr mais rápido do que outros quando começar com a tora pequena e depois com a tora grande carregados de duas pessoas. Mas as maiorias dos remédios os Akwê não podem passar para quaisquer pessoas, porque sempre os mais velhos têm esse costume de não passar para outros, para que outros clãs não saber do remédio, de não fazer igual eles fazem para os seus filhos, ou até mesmo os clãs ou família não saber das plantas medicinais, isso as maiorias das vezes os conhecimentos são guardados em segredos para ninguém de outras famílias não saber.

Como vimos, o filho mais velho pertence o grupo do pai. Se o pai é do grupo da pintura *Htâmhã* jaboti (*kukãihã*) ou da pintura *Stêromkwa*, sucuri (amkeparu) o filho mais velho é obrigado se pintar no grupo do pai, e o segundo filho se pinta no outro grupo. Essa pintura vale tanto para masculino e feminino. Assim todos os pais que têm filhos, eles têm de cumprir as regras que os nossos antepassados deixaram para que os mais novos venham aprendendo e também vão passando de geração em geração.

Os mensageiros acabam de arrumar a tora dupla *ĩsitro* onde são colocadas, a distância é mais o menos de dois a três km, para serem carregadas até a aldeia, onde os velhos e demais pessoas estão esperando no *Warã* ou pátio da aldeia. Todas as pessoas que participaram da festa *dasîpê* assistem a chegada da tora grande que são carregadas de duas pessoas. Vale a pena lembrar que no Brasil só o povo Akwê que faz a corrida com a tora grande carregada de duas pessoas *ĩsitro*, que pesam mais de 120 quilos, depois de eles colocaram no pátio todos os homens que correram no grupo *Htâmhã* e *stêromkwa* cantam juntam em mãos dadas uns aos outros.

Também tem a tora grande *krãnrã* que pesa ainda mais do que a tora dupla mais o menos 150 quilos com comprimento de 3 metros, a tora grande *krãnrã* são carregadas mais de duas pessoas, ajudando a pessoa que está segurando a tora, todos homens que estão no grupo ajudam uns aos outros para a tora não cair no chão.

A tora dupla *ĩsitro* é disputada no final da festa *dasîpê* no povo Akwê. O último dia que acontecem as nomeações femininas, masculinas, e outras nomeações que os anciãos decidiram antes da festa *dasîpê*. O grupo que perde a corrida fica com muita raiva, igual

perder uma partida de futebol. Por isso a tora dupla *ĩsitro* é muito importante para o povo Akwẽ. Atualmente não tem mais a corrida da tora dupla carregada pelas mulheres, porque diminuiu muitos dias para ser feita a festa *dasĩpẽ*.

Os materiais usados na preparação da tora dupla são machado, facão, urucum, carvão, pau de leite, algodão e palha de piaçaba, para os mensageiros enfeitarem a tora *ĩsitro*. Os homens que vão correr com a tora dupla, eles passam a noite no *warã* ou no pátio da aldeia cantando os cânticos das duas toras *ĩsitro*. Os dois grupos, que são *Htãmhã* e *Stêromkwa*, durante a noite eles se provocam, dançando na direção do outro grupo. Depois o outro grupo faz a mesma coisa. Enquanto um grupo fizer isso, o outro grupo não pode responder na mesma hora. O grupo espera terminar para depois responder, para que outro grupo fica quieto. Assim um grupo pode fazer duas ou até três vezes na direção do outro grupo, e outro grupo também faz a mesma.

De manhã bem cedo os homens dos *Htãmhã* e *Stêromkwa* começam a se pintar com a pintura de cada um. E aqueles homens que correm mais rápido do que outros, eles colocam até material que se chama de *popra* (chocalho) feito de semente de pequi, eles colocam na perna, para quando correr o chocalho fazer barulho. Eles também cantam antes de buscar a tora dupla, para depois sair da aldeia até onde que as toras estão. Quem sai primeiro na direção são os membros do grupo *htãmhã*, depois vão os *stêromkwa*. Todos saem na fileira, até chegar na tora onde os mensageiros colocaram as duas toras grande.

2.4 O papel das mulheres Akwẽ na festa *dasĩpê* (*pikõĩ nõĩ dasĩpê wa*)

Foto 8 - Anciã Maria Pizadi (minha mãe)



Fone: SIRNÃWÊ (2015)

As mulheres também são pessoas importantes na festa *dasĩpê* para ajudar. Elas que cuidam das crianças e todos os dias elas pintam os seus filhos, filhas, netos e netas. Acompanham os seus filhos ao banhar no ribeirão e mandam eles para pegar água no ribeirão. Muitas vezes elas pegam lenha, pilam arroz, pilam massa de mandioca para fazer grolado, fazem paçoca com carne seca, lavam as vasilhas, colheres e panelas, correm com a tora pequena junto com as outras mulheres todas as tardes. Tudo isso elas fazem na festa *dasĩpê*.

Elas também cantam, quando fazem a nomeação *Wakedi* no menino. Elas também participam da cantoria de maracá à noite juntamente com as outras mulheres. Algumas vezes elas precisam dar sua opinião, ajudar os seus maridos para lembrar cânticos de um nome específico, sobretudo de um nome feminino. As anciãs também têm conhecimentos profundos e ensinam e passam esses saberes tradicionais sobre festas, cantos e rituais para os mais novos, além de ensinar as suas filhas e netas a fazerem vários artesanatos para aprender de fazer igual a ela.

Muitas vezes são as mulheres que fazem o moqueado de carne de caça. Elas preparam lenhas, pedras, palhas e terra para fazer moqueado. Elas também fazem berarubu, com carne de caça, ou peixe. Elas buscam mandioca mansa ou macaxeira na roça. Primeiro elas tiram a casca da mandioca, e depois ralam e enxugam com tapiti, ou *wasde* que é feita com embira de um pau que fica na beira do mato. Depois elas colocam lenhas e, por cima, elas colocam pedaços de cupinzeiro para aquecer. Depois de esquentar, elas quebram os cupinzeiros e abrem para colocar o berarubu, que é chamado de *Orkbu* em Akwẽ *mrmrẽze* (língua akwẽ). Elas colocam as folhas de bananas e colocam a massa de mandioca sobre as folhas. Fazem uma primeira camada de massa e colocam os pedaços de carne, ou pedaços de peixes sobre a primeira camada. Depois colocam a segunda camada de massa cobrindo as carnes ou peixes. Em seguida enrola a massa com a palha de folha de banana e coloca no meio do cupinzeiro quente e cobre para impedir a saída do calor e fumaça não sair. Deixa passar mais o menos uma hora e meio a duas horas e depois elas tiram o berarubu que está cozida e pronto para comer. Isso as mulheres fazem na festa *dasĩpê* ou até mesmo na casa. Berarubu é uma comida típica do povo Akwẽ, comida mais gostosa de ser comer. Hoje em dia o povo Akwẽ oferece esse prato para os não indígenas quando eles recebem uma autoridade como governador, prefeitos ou professores das universidades.

As mulheres também são muito importantes quando os homens batizam as meninas. Sem elas não pode fazer a nomeação das meninas (*tarê nõri*) e sem elas também não pode batizar os meninos, porque são elas que dançam com a criança. Segura a menina no colo e vai dançando com a criança até o tio da menina tirar do círculo. Também na hora de batizar os meninos, são elas que gritam junto com seu clã e a outra mulher também grita junto com homem na hora que está confirmando o nome de um menino. Na verdade, são as tias das meninas que dançam com a menina recém-nascida ou quando as crianças já andam, elas acompanham a menina. Elas ficam por traz da criança arribando as duas pernas e levantando o calcanhar. Isso até quando a menina é tirada do meio do círculo.

Como citei anteriormente, a menina que é batizada é retirada na terceira casa onde é a casa do parente do tio da menina. Se não tiver, assim mesmo tem que tirar, porque é conselho dos anciãos para os tios das meninas que são batizadas. Quem tira a menina é o tio dela. Esse tio é irmão da mãe da menina. As anciãs também são consideradas as nossas bibliotecas e são também as guardiãs do nosso povo Akwẽ.

As mulheres são conhecedoras de contar as histórias para seus filhos e filhas, netos, netas. São elas que educam as crianças na sua própria casa. Tudo da cultura elas repassam para os seus filhos, para depois as crianças verem a festa *dasîpê* com seus próprios olhos e eles já sabem o que estão acontecendo na festa *dasîpê*. Elas que começam a falar sobre respeito da sua cultura, os saberes tradicionais e valorização da cultura, como casamento, discurso, fazer artesanatos, respeitar os seus parceiros. Se for menino já começa a participar, quando um ancião está contando história para os jovens ele deve participar das reuniões. Isso quando o menino está com idade depois dos dez anos de idade.

As *pikô* também ensinam as filhas para aprenderem o que está acontecendo na festa *dasîpê*, para elas já estarem ouvindo as cantorias que as mulheres cantam quando elas batizam o menino com nome *Wakedi* e cânticos da tora pequena, porque tem cantorias próprio das mulheres para a corrida da tora, que só as mulheres cantam em círculos antes de elas buscarem a tora. E depois que elas chegam com a tora, elas cantam em círculo e anciã podem estar junto com elas puxando a cantoria. Principalmente na hora que colocar nome específico no menino (*turê*), elas precisam aprender todos os cantos que são cantados na nomeação do *Wakedi*. Esse é um nome que só as mulheres podem batizar o menino com nome *Wakedi*, o qual é colocado no começo da festa *dasîpê*. Também só pode ser batizado só um menino com nome *Wakedi* e só uma menina pode ser batizada com nome *Wake*. O nome *Wake* que é feminino ou *Wakedi* que é nome masculino só podem ser batizados uma menina ou um menino. Lembrando que não é toda festa *dasîpê* que são batizados a menina ou menino com esses nomes, porque são nomes específico que são muitos para ser batizados. Enquanto os homens colocam muitos nomes femininos, pois que a maior parte dos nomes femininos quem batizam são homens. Assim também os nomes femininos só um grupo de homens que pode colocar nome *Wake* batizando uma menina, o que acontece ser batizada só uma menina também no começo da festa *dasîpê*.

Por isso a participação das mulheres na festa *dasîpê* é muito importante, pois ajudam muito na organização. Elas também podem ajudar os anciãos a lembrar de alguma história ou até mesmo com a música de nomeação feminino, que os anciãos não estejam lembrando ou está com dúvida. Elas lembram os anciãos para prosseguir a festa *dasîpê*, por isso a participação das mulheres Akwê, tanto das mais novas até as de mais idade, que são anciãs contadoras das histórias e colaboradoras na festa *dasîpê*.

As anciãs Akwê também fazem discurso igual os anciãos. Elas cantam várias músicas, ajudando o seu próprio marido que está organizando ou puxando as cantorias para outros anciãos. Porque na cultura Akwê as mulheres não têm direito, não tem voz para falar ou dar uma opinião nos espaços públicos, como no *Warã* ou no patio. Mas, para mim como pesquisador, elas também são as principais conhecedoras das histórias no meio do nosso povo Akwê. Elas precisam dar sua opinião, ajudar na festa *dasîpê*. As anciãs também têm muito conhecimentos de ensinar de fazer vários artesanatos para as filhas, fazer cofo, balaio, tapiti e outras artesanatos. Os parceiros da criança que pintam a menina também é o papel dela. Por isso sempre vou defender as mulheres Akwê porque sem elas não pode acontecer a festa *dasîpê*. Elas que colocam algodão, coloca fita de buriti na cabeça da menina que vai ser batizada e depois levam no *Warã* para ser batizada pelos anciãos. E juntam com as jovens que ajudam anciãos nos cantos.

2.5. Os cantos de nomeação feminina (danôkrê baktô nîsi wamhã)

De manhã bem cedo alguns dos anciãos fazem discurso no meio da aldeia, falando para todos os homens e os jovens que estão participando da festa *dasîpê* chegarem no *Warã* para fazer a sua pintura corporal nova. Todos os dias os homens fazem a pintura nova. Isso cada clã faz a pintura nova nos seus parceiros (*dasisdanârkwa*) e avisando os pais que vão começar os batizados das meninas. As mulheres que são parceiras da menina (*wasisdanârkwa*), ela que vai enfeitar a criança e os tios da menina que vai acompanhar o batizado da sobrinha que precisa ficar perto dela, para quando cantar nas três casas, o tio que pega na mão da sobrinha tirando do círculo. As meninas são enfeitadas muitas vezes em casa ou até mesmo no *Warã* (ou pátio), com sumo de jenipapo ou pau de leite do mato, com a pintura nova, sendo colocadas bolinhas de algodão presas com cola do pau de leite, sendo também amarrada uma fita de buriti na cabeça da menina. Quem faz esse trabalho são as mulheres *dasisdanârkwa*, parceira da menina por respeito que temos na cultura Akwê. O pai da menina tem que fazer pagamento para a mulher, com comida, farinha com a carne moqueado ou peixe. Depois a menina é levada no *Warã* para ser batizada pelos grupos de homens junto com os anciãos. Quando já está tudo pronto, os homens e os anciãos e um dos mensageiros, saem na direção da primeira casa para batizar a menina. Eles saem do *Warã* rumo as casas, cantam na primeira casa, na segunda casa, mas na terceira casa o tio da menina

tira a menina do meio do círculo que está sendo batizada. E os anciãos continuam cantando nas outras três casas, que tem outra menina para ser tirada do círculo pelo tio da menina. Essa segunda menina que faz companhia da outra menina que esta sendo batizada, só é mesmo para se fazer companhia, porque não pode ser batizada só uma menina, porque precisa ser de dois e a outra menina que se faz de companhia tem que ser da parceira dela (*wasisdanārkwa*), Porque é obrigado ter duas meninas para que uma menina está sendo batizada e a outra fazendo companhia, quando termina de batizar uma menina, já tem duas meninas esperando no Warã para ganhar nome. Eles cantam em círculo e cada homem segura o seu bastão e os anciãos segurando suas próprias bordunas.

Todos os homens e anciãos que estão com seu bastão, batem no chão acompanhando a cantoria que estão cantando. Quando eles cantam em frente das três primeiras casas, vimos que o tio da menina pega na mão da sua sobrinha e tira no meio do círculo, isso quando outro cantor começa a cantar sozinho puxando a cantoria para que todos os homens começam cantar junto. Lembrando que todas as músicas cantadas eles repetem três vezes para terminar e seguir para a outra casa. Porque quando os homens cantam uns três vezes, eles dão uma pausa para um cantor sozinho começar o canto. Isso eles fazem todas as vezes que batizam uma menina e são obrigados a dar a pausa. Mas os homens continuam cantando em mais três casas, quando é tirada a última menina.

Depois de três dias acabam de batizar a menina com nome *Wake*. Depois desses três dias começam batizar outras meninas, também com grupos de homens. Para colocar o nome na menina não tem limite de pessoas para cantar junto com aqueles que estão batizando as meninas.

E os anciãos continuam batizando as meninas. Isso eles podem batizar três meninas na parte da manhã e três meninas na parte da tarde. Durante muitos dias eles batizam as meninas com os nomes que os pais escolhem antes de acontecer a festa *dasîpê*. Eles fazem isso todos os dias até acabar de batizar todas as meninas que estão na festa *dasîpê*. Lembrando que para batizar as meninas todo homem de todos os clãs pode participar na cantoria quando eles batizam as meninas. Cada menina que foi batizada com os nomes que os pais escolheram, são do clã do pai que é um dos seis clãs das duas metades.

2.5.1 Brupahi nōkrêze

O nome *Brupahi* é uns dos nomes específicos que é batizada só uma menina na festa *dasîpê*. Os homens vão no lugar afastado da aldeia para eles se enfeitarem com algodão colado no corpo e amarram uma fita de buriti na cabeça, usando um talo de buriti na mão. Nesse caso os homens não usam bastão, eles usam talos de buriti e fita de buriti na cabeça. Só os anciões que podem usar as suas bordunas. Nessa nomeação não tem limete de pessoas para cantar, também podem participar de qualquer clã da metade. Isso eles ficam fora aldeia mais menos um quilometro. A parceira da menina (*dasisdanârkwa*) que enfeita a menina que vai ser batizada, também tem pagamento para ela. Quem paga com a comida é o tio da menina. Depois eles vão andando em círculo fazendo barulho igual revoada de andorinha até chegar na primeira casa, lebrando que sempre tem um mensageiro andando na frente dos homens. Quando eles começam a cantar, todos cantam junto. Depois de terminar a cantoria, todos os homens vão na direção de outra casa.

O canto do nome específico *Brupahi* é o que segue abaixo.

Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.

Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.

Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.

Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.

Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.

Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.

2.5.2 Waikwadi nōkrêze

Nome feminino *Waikwadi* significa peixe piranha. A menina é batizada no último dia da festa *dasîpê*, depois da corrida da tora grande *îsitro*. Os homens chegam com a tora mais menos as 8:30 da manhã. Todos cantam em círculos com mãos dados uns aos outros mostrando para as pessoas presentes que são unidos. Depois as duas crianças são enfeitadas igual as outras que ganham os nomes durante a festa *dasîpê* sendo que a mulher parceira que pinta a criança é *dasisdanârkwa wasiwaze*, que tem muito respeito. Se a criança é filha do *kbazi tdêkwa* ela é pintada pela mulher do clã *isake tdêkwa*. Outra é pintada e enfeitada pela mulher *kbazi tdêkwa*. Porque quando a menina é batizada, quem dança com a menina é a

parceira da criança (*dasisdanārkwa*). Essas duas crianças têm que ter parceiras na hora que elas são batizadas.

E aquela mulher que pintou e colocou algodão na menina, ela recebe o pagamento, como mencionei anteriormente. Essa é a lei que os nossos anciãos vêm sempre praticando e tudo acontece na oralidade. São feitos os pagamentos quando qualquer mulher, de quaisquer clãs que são da medade que faz trabalho, tem direito de receber pagamento pelo trabalho que ela fez. Principalmente na festa *dasîpê* elas têm direito de receber pagamento. O tio da menina tem que pagar com comida, como mencionado anteriormente. O nome *Waikwadi* é único nome que é batizado a menina no final da festa *dasîpê*. É também único nome que tem dança de *padi* no meio do círculo, onde os homens estão cantando. Não pode ser batizada uma menina no final da festa *dasîpê* sem a dança dos dois *padi* (tamanduá) no meio do círculo.

E a letra abaixo é do canto de *Waikwadi*.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

Waikwadi waitê, ãzô airti mōnõ.

2.5.3 Sibaka nōkrêze

Nome *Sibakadi* significa pássaro garça. Podem ser batizadas várias meninas com nome *Sibakadi* na festa *dasîpê*, mas a menina é enfeitada pela parceira (*dasisdanārkwa*), ela que dança com a menina e tio da menina acompanha ela no círculo. Quando os cantores cantam nas três casas o tio pega na mão da menina e tira ela no meio do círculo e os homens continuam cantando mais as três casas, para completar o batizado das meninas. Como já mencionei anteriormente, sempre tem duas meninas no círculo, mas a outra menina está só acompanhando como a parceira pelo respeito (*dasisdanārkwa*). Os cantos do nome *Sibakadi*

são cantadas nas casas com grupos de homens e um mensageiro na frente para puxar a fila e fazer o círculo em frente da casa. Como vinha dizendo que os homens, juntos com os anciãos, eles batizam três meninas na parte da manhã e três na parte da tarde. Lembrando que todos os nomes femininos são nomes próprios relacionados à natureza.

Abaixo a letra do canto do nome *Sibakadi*.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Tânmê rowikitô, tetô nõmrõ.

Sikwatadi nõkrêze.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

Kumârê, ahê aha, aha, ahê, ahê, aha.

2.5.4. Smĩkadi nõkrêze

Nome *Smĩkadi* significa sujo de branco, esbranquiçado. Podem ser batizadas várias meninas com nome *Smikadi* na festa *dasĩpê*. Como nas demais situações, a menina é enfeitada pela parceira (*dasisdanãrkwa*), sendo ela que dança com a menina e tio da menina acompanha ela no círculo e tira ela no meio do círculo. Da mesma forma, os homens continuam cantando mais as três casas, para completar o batizado da menina. Aqui também sempre tem duas meninas no círculo, sendo uma só acompanhando como a parceira pelo

respeito (*dasisdanārkwa*). O nome *Smikadi* também são cantados nas casas com grupos de homens um mensageiro na frente para puxar a filas e fazer o círculo em frente da casa.

Segue abaixo a letra do canto de *Smĩkadi*.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

Huru zake wēki huhu wēki, huru zake wēki huhu wēki.

2.5.5 Hirê nōkrêze

Nome *Hirêki* significa, fininha. Podem ser batizadas várias meninas com nome *Hirêki* na festa *dasĩpê*. Ocorre o mesmo processo da menina ser enfeitada pela parceira (*dasisdanārkwa*), sendo ela quem dança com a menina e acompanhada pelo tio da menina que pega na mão dela e tira ela no meio do círculo, sendo que os homens continuam cantando mais as três casas, para completar o batizado das meninas. Da mesma forma que os outros nomes, aqui também sempre tem duas meninas no círculo, sendo uma a que está recebendo o nome e a outra menina está só acompanhando como a parceira pelo respeito (*dasisdanārkwa*).

Abaixo a letra do canto do nome *Hirêki*.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wēki uhu wahurê ki uhu wēki.

Wamhurê, wêki uhu wahurê ki uhu wêki.

2.5.6 Sipridi nōkrêze

Nome *Sipriki* significa abella-tubi-mansa. Ocorrem os mesmos procedimentos rituais que verificamos nos outros nomes.

Segue abaixo a letra do canto de *Sipriki*.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

Wanōri waza wdê sabuini, warākā, rākā, pukuni pukuni.

2.5.7 Tkidi nōkrêze

Em todos os nomes femininos específicos, seguem-se os mesmos procedimentos rituais que descrevi anteriormente. Assim, apresento aqui apenas as letras dos cantos desses nomes.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

Hêtêrê, hêtêrê, wazô tanōpreni, wazô tanōpreni.

2.5.8 Waktidi nõkrêze

Wakrdi tmã rowêki hiwa tihârâ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Supra kuiwa kusirê, airti mõnõ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Wakrdi tmã rowêki hiwa tihârâ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Supra kuiwa kusirê, airti mõnõ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Wakrdi tmã rowêki hiwa tihârâ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Supra kuiwa kusirê, airti mõnõ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Wakrdi tmã rowêki hiwa tihârâ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Supra kuiwa kusirê, airti mõnõ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Wakrdi tmã rowêki hiwa tihârâ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Supra kuiwa kusirê, airti mõnõ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Wakrdi tmã roweki hiwa tihârâ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.
 Supra kuiwa kusirê, airti mõnõ, nmõmõ kwaze hiwa tihârâ hâ, hâ, hâ.

2.5.9 Krkodi Nõkrêze

Aqui quero falar também quando os anciãos, junto com os homens, batizam a menina com nome *Krkodi*. As duas meninas são enfeitadas e pintadas e levadas para o Warã. Dali os homens saem na direção as casas para batizar as duas meninas. Quem vai na frente é uns dos mensageiros que vai guiando as pessoas. Chegando na primeira casa os homens junto com os anciãos começam a cantar, enquanto os jovens começam a emitir os macacos. Eles assobiam igual ao macaco e vão se coçando igual o macaco. Também saem mexendo nas coisas das casas, sendo que alguns jovens entram na casa para pegar alguns objetos. Por isso quando as famílias que estão na festa *dasîpê*, na aldeia onde está sendo feito a festa, ficam sabendo que vai ter nome feminino com nome *Krkodi*, elas escondem todos os objetos para que os jovens não possam encontrar. Por que na cantoria da nomeação feminino os jovens ficam emitando o macaco? Porque o macaco para o povo Akwê é bicho mais esperto da

natureza. Eles são muito sabidos e por isso as pessoas até criam filhotes de macaco na casa deles.

Depois de cantar em três casas a redor da aldeia, o tio da menina tira a sobrinha que estava no círculo. O tio tira a sua sobrinha na casa do parente dele, ou melhor, do clã dele. Mas que pode ser de uma casa do clã dele, ou da metade de cada clã. Depois fica só uma menina para ser tirada, também na terceira casa, a última menina é tirada pelo tio. Então os homens voltam para o *Warã* encerrando a nomeação da menina que recebeu o nome de *Krkodi*.⁴ Vale a pena lembrar que todo o nome feminino tem seu significado, porque todos os nomes são relacionados na natureza.

Quando as meninas são pintadas de pintura nova, tem pagamento para a seu parceiro da metade do clã que é *wasisdanãrkwa* ou *dasisdanãrkwa* que realizou a pintura. A pessoa que faz a pintura corporal da menina, ela recebe como pagamento comida de carne de caça ou frango caipira moqueado com mistura farinha de puba. Ou então mesmo a farinha grolado que se coloca como mistura na carne moqueada e entrega à mulher Akwê que pintou a criança. Na cultura Akwê a maioria dos trabalhos que são feitos tem pagamento, principalmente no dia da festa *dasîpê*.

Foto 9 – Tora grande Kwidê nitro



Fonte: SIRNĂWÊ (2015)

Foto 10 - Canto da Tora dupla



Fonte: MATOS (1976)

2.6 Corrida de tora grande e dupla (kuĩwdê)

⁴ No passado, quando os clãs da metade *Doi* moravam no lado poente e os *Wahire* no lado nascente, sempre dava certo o ritual e retirada da menina na terceira casa. Isso porque se o tio da menina era *Doi*, então os homens começavam a cantar no lado poente e então a menina era tirada sempre numa casa de um clã *Doi*. Quando a menina era *Wahire*, então começava a cantar no lado nascente e sempre o tio tirava a menina numa casa de um clã *Wahire*.

As corridas das toras pequenas no povo Akwê são muito disputadas entre os homens. E isso é uma preparação para os homens que vão correr com a tora dupla, (*ĩsitro*) no final da festa *dasĩpê*. Todos os dias acontece a corrida da tora pequena.

Para correr com a tora dupla, os homens têm de saber primeiro as quatro associações que são *Akemiahã*, *Krêrêkmõ*, *Anãrowa* e *Krara*, porque as quatro associações não podem estar presentes só em uma tora grande. Porque duas associações têm que estar presentes em uma das toras e outras duas associações tem que estar presente em outra tora. Os *Akemiahã* e *Krêrêkmõ* são as duas associações que são da tora *Htâmhã*. Os homens que vão correr na pintura *stêromkwa* são das associações *Anãrowa* e *Krara* (*amkeparu*).

Para a corrida da tora dupla, os homens que vão correr dormem no *warã*. À noite eles vão cantando os cantos da tora dupla. Eles fazem um círculo e começam a cantar. Todos os homens que vão correr participam da cantoria. Isso eles fazem umas três vezes, depois eles descansam e vão cantando a noite toda. Os homens que correm com a tora dupla *Htâmhã* e *stêromkwa* são pintados na mesma pintura da tora que ele vai carregar.

De madrugada os grupos *Htâmhã* e *Stêromkwa* começam a se provocar um ao outro. O grupo dos *Htâmhã* começa indo em direção do grupo *Stêromkwa*, depois é o grupo *Stêromkwa* que vai em direção dos *Htâmhã*. Eles vão batendo pé fazendo barulho com grito para outro grupo. Os homens que correm com a tora vão passar a noite no *Warã*, porque é muito perigoso um homem dormir fora do *Warã* ou junto com a esposa, porque isso os tornaria vulnerável e propenso a derrubar a tora e se machucar com a tora dupla. Por isso o homem precisa obedecer aos conselhos dos mais velhos.

Segue abaixo a letra do canto da tora grande.

2.6.1 Kuidê ktõrê nõkrêze

Tô smĩsi re aimõrĩ, Tô smĩsi re aimõrĩ
 Tô smĩsi re aimõrĩ, Tô smĩsi re aimõrĩ
 Tô smĩsi re aimõrĩ, Tô smĩsi re aimõrĩ
 Tô smĩsi re aimõrĩ, Tô smĩsi re aimõrĩ
 Tô smĩsi re aimõrĩ, Tô smĩsi re aimõrĩ

2.7 Quem são os cantores (*Nõkwa mnõrĩ brza danõkrê kwani*)

Os cantores são os próprios anciãos, ajudados pelos homens. Quando eles cantam na hora que os homens buscam a tora pequena, é quando eles ensinam os jovens para aprenderem a cantar no Warã. Todas as músicas que são cantadas na festa *dasĩpê*, os anciãos ensinam para os jovens. Aqueles que querem aprender vão a noite no Warã. Assim podem aprender as cantorias da nomeação das meninas e meninos, além também da cantoria da tora pequena. Os cânticos também são executados na hora que eles batizam as duas meninas com nome *Wake* e também quando que eles batizam a menina com nome *Waikwadi*, sendo este o último nome colocado na festa *dasĩpê*. São alguns anciãos que cantam os cânticos de maracá, ajudando o cantor à noite. Todos esses anciãos, junto com os jovens, cantam.

2.8 Corrida de tora pequena e dupla

Na festa *dasĩpê* acontece a corrida da tora pequena todos os dias. Os mensageiros preparam as toras para as mulheres, para os homens e para as crianças. Toda as tardes as mulheres e os homens correm e as crianças também correm com a tora pequena. Mas antes os mensageiros vão no brejo e derrubam um pé de buriti, para cortar em vários pedaços. Os mensageiros carregam as toras do brejo nas costas para colocar onde todos vão começar a corrida. A ferramenta usada para cortar e preparar as toras são machado, facão, lima, cavador. Os mensageiros colocam as toras mais o menos entre 3 e 4 km da aldeia e, para as crianças, a 1 km.

Quando eles acabam de preparar as toras, eles vão a aldeia para avisar as mulheres os homens e as crianças. Antes de sair da aldeia os anciãos falam para eles correrem com muito cuidado e dão conselhos para as mulheres, os homens e as crianças, para tomar muito cuidado na hora de correr com a tora. Para não cair com ela porque é muito perigoso quando as pessoas derrubam a tora, tanto a pequena quanto a tora que corre em dupla. Os anciãos cantam junto com os homens, que são os cantos específicos para a corrida da tora pequena. Da mesma forma, também com as mulheres existem cantos específicos, o mesmo acontecendo também para as crianças.

Depois dessa cantoria, eles saem juntos para onde as toras foram colocadas pelos mensageiros. Chegando aonde as toras estão, os mensageiros organizam os dois grupos que vão correr os pares de tora, as crianças, as mulheres e os homens. Os dois grupos se organizam em duas filas. Então um dos mensageiros carrega todas as chinelas das crianças, das mulheres e dos homens. Outro mensageiro grita três vezes para os dois grupos para começar a correr com a tora. Os primeiros grupos a correr são das crianças, depois vão as mulheres e, por último, são os homens que correm até chegar à linha da chegada no Warã, que fica meio da aldeia.

A corrida de tora pequena e grande, no povo Akwê, são muito disputadas entre os jovens, homens e mulheres e crianças. Isso é uma preparação para os homens que vão correr com a tora dupla, (*ĩsitro*) no final da festa *dasĩpê*. Por isso todos os dias acontece a corrida da tora pequena.

2.9 Finalização do *dasĩpê*

Foto 11 - Grupo *Ĩsake tdekwa nõri*



Fonte: TPÊKRU (2015)

Foto 12 - Grupo *Kbazi tdekwa nõri*



Fonte: TPÊKRU (2015)

Na final da festa *dasĩpê*, são batizados os meninos. Todos os meninos que foram levados na festa *dasĩpê* pelos pais são batizados pelas pessoas que foram escolhidos naquele dia para batizar os meninos (*turê nõri*). Mais ou menos duas horas da tarde é quando os homens saem do mato para o Warã, no pátio da aldeia. Cada homem usa pau bem curto para eles se cruzarem quatro vezes, fazendo barulhos bem fortes, emitindo som produzido na garganta: *Ã, Ã, Ã, Ã Ã*.

Depois vem as pessoas que vão gritar bem forte batizando os meninos que estão presentes na festa *dasîpê*. Um homem, acompanhado de duas mulheres, fica do lado leste que são do clã *îsake tdêkwa*, do clã *wahirê tdêkwa*, ou *krâiprehi tdêkwa*. E um homem, acompanhado de duas mulheres, ficam do lado oeste e são dos clãs *kbazi tdêkwa*, *kuzâp tdêkwa* ou *kritoi tdêkwa*. Lembrando que esses grupos de pessoas que batizam os meninos não podem ser só de um clã. Como, por exemplo, do *kbazi tdêkwa* pode chamar uma mulher do clã *kritoi tdêkwa*. Isso se não tiver uma mulher do clã *kbazi tdêkwa*. Assim o grupo do *wahirê tdêkwa* pode chamar de outros clãs da metade. Assim acontece os batizados dos meninos. Para gritar os nomes de cada menino, se for do clã do *wahirê tdêkwa* que vão gritar os nomes, os parceiros vão ser *kuzâp tdêkwa* que respondem confirmando o nome do menino.

Os anciãos de cada clã levam os meninos até o grupo que fica da parte leste (*sdakro watbrozem hawi*), de onde o sol nasce. Eles que gritam os nomes de cada menino que são levados para eles. Eles são do clã *îsake tdêkwa* para colocar os nomes e quem confirma os nomes são do *kbazi tdêkwa*, os quais ficam do lado oeste, onde o sol se esconde (*sdakro sbrezem hawi*). O ancião apresenta o menino e eles gritam bem alto batizando o menino com nome que os pais já colocaram na hora que o menino nasceu. O nome escolhido pelos pais deve ser do clã do pai ou de outro clã da sua metade. Se o clã do pai for da metade *Wahire* (*wahirê tdêkwa*, *îsake tdêkwa*, *krâiprehi tdêkwa*), então o nome poderá ser de um desses três clãs, mas como se fosse emprestado e sempre pedindo autorização para os anciãos de cada clã. Assim outros nomes que pertencem os clãs da metade *Doi* (*kbazi tdêkwa*, *kuzâp tdêkwa*, e *kritoi tdêkwa*), nenhum desses clãs da metade *Wahirê* pode utilizar os nomes *Doi*.

Todas as vezes que acontece a festa *dasîpê*, os anciãos de todos os clãs explicam para os jovens, para aqueles que quer aprender ou saber quais os nomes que pertencem o clã dele. Isso os anciãos explicam para os jovens à noite no *Warã*. Ou então eles explicam lá no mato quando eles estão cantando, durante três dias. No meio-dia, antes deles almoçarem, cada ancião se senta no meio do círculo com seus jovens, que se pintam nos três clãs da metade e explicam que esses nomes só pertencem o clã *kbazi tdêkwa*, *kuzâp tdêkwa*, ou *kritoi tdêkwa*. Nenhum desses três clãs não pode batizar os seus filhos com nomes que são de outra metade, que são do clã *wahirê tdêkwa*, *îsake tdêkwa* ou *krâiprehi tdêkwa*.

Depois de terminar nomeação dos meninos, à tarde não tem mais atividade cultural na aldeia ou onde está acontecendo a festa *dasîpê*. Só à noite que os homens que vão correr

com a tora. Eles passam a noite no Warã ou pátio da aldeia. No dia seguinte após a nomeação masculina é a corrida da tora dupla. Os homens colocam nome *Waikwadi* (peixe piranha) com a dança de tamanduá (*padi*), no meio do círculo. Terminando a nomeação, os tamanduás entram no meio do círculo onde estão os homens sentados em círculo. Lá está a comida dos *padi*. Os dois pegam, cada um a sua, e correm com a comida que eles entregam para suas primas-irmãs.

Para encerrar tudo, vem os discursos (*romkrêptkã*) dos anciãos. Esses discursos que os anciãos fazem é dando conselhos para os mais novos não esquecerem da festa *dasîpê*, para manter a cultura viva. Depois de terminar tudo, cada família volta para suas aldeias.

3 NARRATIVAS SOBRE A ORIGEM DO DASÏPÊ

Nesta seção trataremos das narrativas como surgiu a festa *dasÏpê* no povo Akwê e discutiremos e refletiremos sobre a festa no passado e no presente.

3.1 Como surgiu o *DasÏpê*

Quando um Akwê foi caçar, ele achou um tatu grande no buraco. Ele então foi cavando, cavando até quando a terra desabou com ele, que caiu no outro mundo, na outra terra lá embaixo desta terra onde moramos. Quando ele acordou, ou melhor, lembrou onde estava, ele sentiu que estava na copa do pé de buriti, bem em cima. Quando estava quase amanhecendo o dia, ele ouviu a fala de muita gente conversando e dizendo que tinha alguém lá em cima do pé de buriti. Aí começaram a derrubar os pés de buriti até onde o Akwê estava, porém não derrubou o pé de buriti onde ele estava, porque já estava amanhecendo. Eles foram embora deixando o pé de buriti onde estava o Akwê.

Quando amanheceu o dia, veio um grupo de porcões queixada que mandou o Akwê descer e ele começou a caminhar junto com eles na direção de onde ele veio. No caminho os porcões quebravam os coquinhos para o Akwê comer porque os porcões tinham facilidade de quebrar coquinho do mato, como o coquinho do cerrado e coquinho do tucum. Pois que os porcões ficam no mato onde tem muitos pés de tucum porque eles têm dentes resistentes para quebrar os coquinhos de tucum. Eles foram andando, andando, até que chegaram no local que eles iam passar para voltar na terra onde moramos. No caminho o Akwê foi aprendendo com os porcões como fazer para colocar doença nas pessoas e como curar. Quando chegaram no lugar de passagem, o Akwê já estava sabendo e os porcões concordaram de ele voltar, mas com o compromisso de que ele nunca caçaria um deles e sempre curaria os que fossem feridos pelos caçadores Akwê.

Os porcões explicaram para o Akwê que iriam passar no buraco onde tem bichos que pegam qualquer um dos porcões ou até mesmo podia pegar o Akwê. O bicho ficava no meio do buraco onde os animais passavam para a terra atual onde moramos. Porque lá que ele pegava os animais com facilidade. Esse buraco era único caminho onde passavam todas as

caças para a terra que moramos até hoje. Os porções recomendaram que o Akwẽ corresse no meio do grupo, pois o bicho pagava sempre aquele que ficava por último. Aí eles entraram no buraco onde viu bicho muito grande que comia quando passava um grupo de porção. Eles correram e o bicho pegou um deles, mas o Akwẽ escapou dessa e conseguiram sair do buraco de onde veio. O Akwẽ chegou na aldeia e contou o que tinha acontecido com ele. Ali começaram a festa *dasĩpê*, colocando o nome feminino e masculinos que até hoje os Akwẽ fazem a sua festa *dasĩpê*.

No outro dia ele convidou os homens da sua aldeia para caçada de porção queixada no mato para matar as caças. Isso porque antes dele ir para a sua aldeia, o dono da caça (o chefe dos porções) falou para ele o lugar onde os Akwẽ podiam matar com facilidade. No outro dia eles saíram para o mata para caçar porção. E esse Akwẽ levou seus parentes onde os porções estavam. Nessa caçada ele foi orientado pelo dono do porção para não matar as caças. Ele foi orientado só para observar enquanto os parentes dele estavam matando os porções. Por isso ele chegava em casa só com a carne que outros homens davam para ele. Era pedaço muito pequeno e a mulher dele reclamava muito com ele. Mas ele não podia matar nenhum porções porque foi orientado pelo dono para fazer isso, porque os porções que livraram ele da boca do bicho e também trouxe ele para a terra onde ele mora. Assim contam os anciãos do povo Akwẽ, porque antes não tinham *dasĩpê*. Mas depois que esse Akwẽ foi no outro mundo, surgiu *dasĩpê* no meio do povo Akwẽ.

3.2. Comparação entre o *dasĩpê* do passado e do presente

3.2.1. Festa *dasĩpê* do passado

Antigamente a festa *dasĩpê* durava muitos dias, sendo realizada mais o menos em dois ou três meses. E sempre acontecia num intervalo de um a dois anos. Os anciãos se reuniam junto com o cacique da aldeia no Warã, ou no pátio da aldeia, a noite para eles se organizarem para acontecer a festa *dasĩpê*. Cada ancião de todos os clãs de cada metade fazia discursos, ou melhor, pode também um ancião, de cada clã da metade dos três clãs, fazer discurso representando os clãs de cada metade. *Doi* (donos de círculos): *kuzâp tdêkwa*, *kbazi tdêkwa*, e *kritoi tdêkwa*; e outros os três clãs da metade *Wahire* que são os donos das listras:

wahirê tdêkwa, *ĩsake tdêkwa* e *krãiprehi tdêkwa*. Qualquer um desses clãs pode fazer discurso representando os três clãs.

Quando um ancião faz discurso representando os três clãs da metade dele, os dois clãs não podem falar nada. Eles só concordam com o discurso que o ancião fez. O discurso que o ancião faz é muito importante e por isso quando algum ancião está discursando ninguém não pode falar nada. Todos os outros anciãos, os homens que estão na reunião ficam calados. Ali o discursador está falando tudo que vai acontecer na festa *dasĩpê* e todos tem que respeitar uns aos outros, principalmente os dois mensageiros serão escolhidos.

Para iniciar a festa *dasĩpê*, os clãs que estiveram presentes na reunião fazem discursos para cada ancião dar a sua ideia. No final da reunião todos os anciãos entram de acordo que dia do mês vai começar a festa *dasĩpê* e quanto tempo vai durar a festa *dasĩpê*.

No passado mais antigo a festa *dasĩpê* demorava muitos dias. Os homens pescavam muito peixes, porque tinha muitos peixes. Os córregos onde o povo Akwẽ moravam tinham muitos peixes, tinham de todos os tipos de peixes como ladina, peixe piabanha, piau cabeça gorda, pacu, caranha, papaterra, peixe cachorra, surubim, peixe jaú, traira, peixe mariana e demais peixes que os pescadores Akwẽ pegavam. Eles passavam a noite pescando peixes nos córregos ou no rio Tocantins. Passavam uns três ou mais pescando para pegar muitos peixes. Eles retalhavam peixes e colocavam no sol para os peixes ficarem bem secos e para levar na festa *dasĩpê*. Como eu tinha afirmado anteriormente, se os homens pegassem muitos peixes, eram distribuídos entres as famílias presentes no *dasĩpê*. E se os pescadores pegassem poucos peixes, os mensageiros, juntos com algumas mulheres faziam moqueados de peixes ou até assava os peixes para todos as pessoas presentes comerem juntos com farinhas ou grolado. Cada pessoa adulta e criança ganhava peixe moqueado. Na hora que os mensageiros faziam a distribuição, até as crianças ganhavam para comer. Isso significava que o povo Akwẽ tem união muito forte, mostrando para os jovens continuar com essa união que os mais velhos vêm mostrando para os mais novos.

O povo Akwẽ fazia também tinguizada para matar muitos peixes. Eles faziam parapeixe no córrego onde eles vão bater os cipós na água para matar os peixes. Parapeixe é feito com muito pau. Eles cortavam muitos paus, palhas e taboca e faziam, no leito do córrego, uma caixa onde os peixes vão cair vivo. Dois homens eram escolhidos junto com um pajé para retirar todos os peixes que caíam no parapeixe. Eles têm que estar no parapeixe antes que os peixes chegam. Eles até podem andar matando os peixes na tinguizada que estão

tontos, mas a obrigação deles é pegar os peixes que vão cair no parapeixe. Os homens eram escolhidos para retirar os peixes, enquanto o pajé era escolhido para conversar com dono dos peixes (*Tpê tdêkwa*) para cair muitos peixes. Principalmente aquele homem que se tornou pajé através do dono dos peixes⁵, ele retira os peixes fazendo um monte para serem distribuídos entre todas as famílias que estão na tinguizada. Cada família que ganhava peixes, guardava e serviam para alimentação na festa *dasîpê*.

A tinguizada não pode ser feita no inverno. Só pode acontecer no verão na época da seca, quando os córregos ficam bem rasos, por isso ela acontecia no mês de junho em diante até mês de setembro. Em qualquer uns desse mês podem acontecer a tinguizada e pode acontecer só uma vez por ano naquele córrego.

Para acontecer a tinguizada os homens saíam de casa para passar uns dois dias fora de casa para participar da tinguizada. As mulheres Akwê faziam cofos para o seu esposo. Eles retiravam palha do “olho” de buriti pequeno no brejo e depois faziam cofo de vários tamanhos para serem usados na tinguizada.

Cada homem fazia um feixe de cipós de tingui na grossura dos dois braços juntos. Eles caçam os cipós no mato dia todo. Todos os homens que saíram cedo da sua casa eles se encontravam no local a beira do córrego a tarde, onde vai ser batida os cipós. Quando os homens chegam com os cipós eles tiram a embira de pau para amarrar os feixes pequenas para bater na água de madrugada no outro dia. Quando são batidos os feixes dos cipós na água ela fica preta, só com o sumo que sai dos cipós, que é chamado de veneno que entorpece os peixes ou os peixes vai ficando tonto⁶. Os peixes que ficam tontos, ficam na beira do córrego, tornando muito fácil para os homens flechar ou até mesmo cortar com facão. Cada feixe de tingui que homens trouxeram pode dar uns nove a doze feixes pequenos que pode caber para cada pessoa segurar com mão esquerda e bater com a direita.

Na tinguizada praticada no passado, era muito parecida com a que é realizada ainda hoje. Todos os homens da aldeia participam, até os jovens vão mais os pais, tios ou até mesmo mais o avô, nessa caminhada eles aprendem os saberes tradicionais que acompanhado com conhecimentos da sua cultura. De madrugada, mais menos as três horas, todos os homens que estão na tinguizada, eles começam a bater os cipós na água. Essa batida eles fazem só onde tem muitas pedras na beira do córrego, ou alguns paus que ficam na beira

⁵Ver sobre essa relação ontológica do povo Akwê com os donos controladores dos seres: Xerente (2020)

⁶ Veja Tito (2013) para uma descrição da tinguizada entre o povo Akwê/Xerente

do córrego, ou até mesmo eles cortam um pau grosso para bater os cipós sobre esse pau. Pode ficar quatro homens em cada pau que eles cortaram para bater os cipós.

Na tinguizada também existem regras para os homens que está com a sua esposa grávida, principalmente no primeiro mês. Os anciãos e os pajés fazem essa pergunta para os homens que estão na tinguizada, principalmente para os casados novos e jovens solteiros. Se alguns deles tem certeza de que a esposa está grávida, tem que falar para eles. Qualquer uns dos homens têm que falar para o pajé e ancião que estão na tinguizada. Porque se tem um homem com suspeita, eles mesmos tiram uma embira de cordas do mato para amarrar no braço da pessoa, ou no pescoço, e ele é aconselhado para andar quase muito atrás de outras pessoas que não estão sob suspeita.

Porque na regra do povo Akwẽ se alguns homens, que foi suspeito de gravidez da esposa, ele não pode andar na frente dos outros homens porque se andar na frente, o veneno dos cipós enfraquece na água e não consegue matar os peixes. E também os peixes vivos não descem para cair no parapeixe. Isto porque o cheiro forte dos cipós batidos na água faz com que os peixes dessam de pressa muito na frente da água contaminada de veneno, que até o ser humano não pode beber a água que está bem preto com a água que sai dos cipós. Os peixes vivos descem quando sentem o cheiro do veneno mais menos uns três quilômetros até quando chegar aonde os homens fizeram parapeixes. Por isso os peixes caiam no parapeixe vivo, porque os donos de peixe não gostam dessa atitude que o ser humano faz com sua criação de peixe.

Também tem regras para as mulheres que estão na aldeia ou lugar onde estão as mulheres. A regra é que elas não podem andar menstruada na tinguizada nem entrar na água. Ou aquelas que estão no começo da gravidez. Tudo isso os anciãos, junto com os pajés, não deixem que as mulheres andam na água, porque, como eu disse, os donos de peixes não acham bom quando o ser humano toma essa atitude. Essas pessoas andam com a corda amarrada no braço ou no pescoço. Todas elas precisam obedecer a regra que o ancião diz. Tudo que eles dizem são oralmente, mas são obedecidos por todas as pessoas.

Na tinguizada todas as pessoas participam. As mulheres e os homens e até as crianças podem andar junto com a mãe ou próximo parente das crianças. Para matar os peixes, os homens ficam na água bem rasa, onde eles enxergam os peixes passando no fundo da água. Quando eles enxergam bem os peixes, ele atira a flecha para flechar o peixe. E continua só

flechando os peixes até ficar de noite. Então ele vai no local onde estão as mulheres e as outras pessoas.

Onde estão outras pessoas cada família fazem as ocas de palhas de buriti, ou palha de coco, ou palha de bacaba. Isso eles fazem só para passar os dois dias enquanto eles estão na tinguizada. Os peixes flechados que foram mortos e aquele que ganharam do parapeixe, os Akwẽ retalham e colocam um pouco de sal e depois são colocadas no sol para ficar bem seco, podendo ficar muitos dias guardado na casa para eles comerem. Eles fazem também moqueado na folha que é do mato. Com isso podem ser guardados uns dois a três dias na casa. Para comer, misturam com farinha de puba, grolado, beiju e arroz. As mulheres também fazem berarubu com peixe. O berarubu é feito com mandioca mansa ou macaxeira ralada, enxugada no tipiti, ou no material que é feita pelos Akwẽ (*wazde*) feita com embira do pau do mato.

Antigamente os Akwẽ faziam tinguizada todos os anos, onde tem córregos que tem muitos peixes. Isso também era uma alternativa que os Akwẽ achavam para conseguir mistura para eles comerem e até mesmo serviam para a festa *dasîpê*.

No passado tinham muitas caças. Onde os Akwẽ moravam tinham muito veado do mato, anta, mateiros, paca, tatu. Os homens que iam caçar eles matavam muitas caças. Eles ficavam muitos dias no mato caçando. Até mesmo esperava no pé de pequi, ou mirindiba, quando começava a florada, que ficava bom para esperar as caças para matar com facilidade. O Akwẽ matava a caça a maioria das vezes à noite esperando, ou eles colocavam fogo de dia ao redor de um mato fechado onde as caças descansavam de dia. Eles colocavam fogo em círculo e deixavam uma trilha para as caças passarem. Aí os Akwẽ esperavam nessa passada, onde eles flechavam as caças com facilidade. Depois eles levavam as caças para aldeia e as carnes de caças eram distribuídas entre as famílias que estavam na festa *dasîpê*. Se eles matavam poucas caças, faziam moqueados. Os mensageiros chamavam as mulheres para ajudar de fazer moqueado da carne de caça.

Tradicionalmente os Akwẽ plantavam legumes na roça, que produziam muito bem. Os Akwẽ só viviam da roça, da pesca e da caça porque na década de 1930 até 1980, por exemplo, no meio do povo Akwẽ não tinha ninguém que ganhava do governo federal, estadual, ou municipal alguma ajuda, como aposentadoria. As pessoas não recebiam salários nem auxílio como: bolsa família, bolsa de estudo, agente de saúde, agente de saneamento, professor, motorista, técnico de enfermagem enfermeiro e também como os vereadores.

Mas para os anciãos e anciãs a festa *dasîpê* não mudou e continua com mesmo que vinha acontecendo no passado como os cânticos, a nomeação com nomes femininos, masculinos, nome específicos masculino e feminino, pintura corporal, o discurso (*romkrêptkã*), o respeito pelos clãs que são da metade. Isso para os anciãos ainda continua vivo e bem preservados, que os mais novos estão seguindo, cujos conhecimentos os anciãos estão passando para nova geração que vai continuar fazendo a festa *dasîpê*.

3.2.2 Festa *dasîpê* atual

Festa *dasîpê* de hoje continua com o mesmo ritual. Nomeação feminino e masculino, pintura corporal, discurso dos anciãos, corrida de tora pequena, corrida de tora grande carregada de duas pessoas, corrida de toras grande *îsitro* e *krãnrã*. A tora *îsitro* é carregada de duas pessoas enquanto a *krãnrã* pode ser carregada por duas ou até três pessoas ajudando, segurando a tora para não cair no chão. Esta é a tora mais pesada do que a tora carregada de duas pessoas. Tem o cumprimento de até 3 metros. Ela não é despontada e tirada a casca do pé de buriti (como a *îsitro*), sendo só escavada de 5 cm para os homens segurar a tora. Para correr com essa tora *krãnrã* fazem dois grupos. Um grupo dorme lá onde está a tora, esperando outro grupo de manhã bem cedo. Quando o grupo que foi de manhã, outro grupo já está no jeito de correr com a tora até chegar no pátio da aldeia.

O que percebemos como mudanças que ocorreram durante esses anos, está principalmente na comida e no tempo de duração dos dias e meses da festa *dasîpê*. Importante que o povo Akwê vem guardando a sua cultura milenar desde a descobrimento do Brasil até hoje.

Hoje para acontecer a festa *dasîpê* mudou muito sobre a alimentação do povo Akwê. Isso porque alguns dos Akwê trazem a comida da cidade, principalmente os funcionários que ganham salário. E também porque quase não temos mais caças perto de algumas aldeias, principalmente as que ficam na beira do rio Tocantins. Além de não terem caças, também não tem mais peixes suficiente para pegar como havia nos anos 1960 até início dos anos 2000, quando teve a construção da barragem da UHE Lajeado. Antes tinha facilidade de pegar muitos peixes nos córregos ou no rio Tocantins ou rio Sono. O povo Akwê vem sofrendo muito com essa construção da Barragem de Lajeado, antes da construção da

barragem os Akwê que moram na beira do Rio Tocantinas pegavam peixe com muita facilidade, plantavam muito feijão trepapau, porque o Rio Tocantins enchia muito, quando abaixava o Rio de volta deixava a terra limpo e adubado, no jeito de fazer plantio, isso não era só para os Akwê, mas aqueles que moravam na beira do Rio. Isso continuam prejudicando o Akwê que moram na beira no Rio Tocantins e infelizmente vai continuar.

Quero falar sobre a história do fogo kunmã waskuze, a história do fogo tem relação muito importante como a festa *dasîpê*, as divisões dos clãs, temos os clãs kuzâp tdêkwa, clãs *kbazi tdêkwa*, clãs *kritoi tdêkwa*, que são os donos de círculos que são os três clãs, e também os clãs *wahirê tdêkwa*, *îsake tdêkwa*, e *krâiprehi tdêkwa*, esses três clãs são os donos da listra, desses seis clãs os Xerente se dividem da metade, e dessa metade eles se respeitam muito. Por isso a história do fogo para os Akwê tem ligação diretamente na história, que os Akwê usam muito fogo, para cozinhar, fazer moqueado, fazer assado, queimar carvão, cozinhar jenipapo, fazer farinha, tudo isso pertecem na festa *dasîpê*.

3.3 Kunmã waskuze: a História do Fogo

Antigamente não existia fogo (*kuzâ*) para o povo akwê Xerente. Eles comiam as coisas do mato (*rowaste mba hã*) como casca de pau, (*wdê hã*) macaúba, (*kakdo*) coquinhos do mato, (*wasari*, *nrôrê*) etc. Eles comiam carne assada (*îñî zaza*) na pedra quente (*knê*): a pedra ficava quente, (*ktê wakro*) eles colocavam a carne de caça na pedra que ficava assada (*ktê wakro*). Os Xerente também mudavam muito da região onde eles ficavam e não moravam só em um lugar. Eles sempre andavam porque gostavam de fazer caminhada (*zâmôrî*).

Um dia um índio (*akwê*) foi caçar (*aikuwa*) e encontrou dois filhotes de arara vermelha no morro; (*krta kra nât ku kmêsã kurbe krê wa*) ele ouviu os gritos (*sdari re wapa*) dos filhotes (*krta kra*) de arara e pensou em tirar os filhotes, (*tazi nât kmã tsimãzus krta kra tê sanî nã*) mas não dava para ele subir onde estavam os filhotes. Ele pensou no cunhado mais novo (*tazi nât kârêbba nã tsimãzus*) que estava na aldeia (*dazakrui wa*). Ele voltou para aldeia (*dazakrui ku*) e chegou já à noite (*mãranã*).

Quando estava deitado com a esposa, (*tahã mrõ saikwar snã*) ele lembrou que tinha encontrado os filhotes de arara vermelha, (*krta kra*) e falou para a esposa no outro dia que ele ia levar o cunhado mais novo para tirar os filhotes de arara. Quando amanheceu, eles foram tirar os filhotes de arara vermelha. Ao chegarem ao morro, o índio tirou um pau comprido (*wdê pa zawre tê kmã saikur pibumã*) para o cunhado subir no morro onde estavam os filhotes, mas o rapaz (*wapte*) tinha pegado duas pedras brancas (*ktê ka*) no caminho (*bdâdi nã*) quando eles estavam indo para morro.

O cunhado (*wapte*) subiu até o lugar onde estavam os filhotes de arara vermelha, (*krta kra zô*). Entrou onde estavam os filhotes, saiu de volta e falou para o índio (*Akwê*) “Aqui não tem os filhotes, só tem dois ovos”. Aí o índio deu um grito (*tmã hã*) para o cunhado: “Tira os filhotes logo rapaz, e desce para nós voltarmos”. Aí o cunhado falou para o índio: “Aqui estão os dois ovos. Quer que eu jogue para você acreditar! Então o índio falou para o cunhado: joga então os dois ovos que você está vendo! Ele entrou, pegou uma pedra e jogou no chão (*tkai ku nãt ktê mẽ*). A pedra quebrou igual a um ovo de arara vermelha (*krda krê*). O índio se assustou (*nãtô tsikrãm*) e falou para o cunhado: “Tira a outra, vamos ver se vai quebrar igual a um ovo!” O cunhado entrou de novo e pegou a segunda pedra; ele jogou de novo, a qual quebrou igual a um ovo. Depois disso, o índio falou para o cunhado: “Pega a outra!” Mas o cunhado falou: “Não tem mais ovos!” Mas o índio falou para ele, pediu para entrar de novo. O cunhado obedeceu. Logo após ele entrar, o índio tirou o pau que o cunhado tinha subido, botou em outro lugar e foi embora.

Quando o rapaz saiu de volta, cadê o índio! Ele já tinha ido. O cunhado o chamou de volta, falou que tinha os filhotes de arara, mas o índio não lhe deu atenção. O cunhado passou muitos dias no morro sem comer (*saikõ snã*) e sem beber água, (*kã tê zêknẽ kõ snã*) chegou até beber o xixi (*tazi tô se nãt ku aimõ nêsi hêsi*). Depois de muitos dias, uma onça macho (*huku krêre*) passou pelo local, viu o rapaz e chamou: “Ei, o que você está fazendo aí?” Ele respondeu: “Fui deixado por um índio, ele me trouxe para eu tirar os filhotes de arara vermelha, mas eu o enganei, pois peguei duas pedras no caminho, joguei no chão, as quais quebraram igual a um ovo de arara. Por isso, ele me deixou aqui.” A onça macho falou para o rapaz: “Jogue esses filhotes para eu comer logo e depois desce para eu levar você onde eu moro.” O rapaz ficou com medo, (*wapte nãtô tpahi*) pensando que a onça ia comê-lo, mas assim mesmo, ele entrou e pegou os filhotes de arara e os jogou e a onça os comeu. Depois a onça o chamou: “Desce, vamos caminhar porque é longe onde eu moro.” O rapaz desceu

com medo. A onça deu até um susto, (*stokrã*) mas estava só brincando com ele. O pegou e foram embora, sem o rapaz saber para onde ele estava sendo levado. Quando eles chegaram no córrego (*kâ krarê*) para atravessá-lo, o rapaz com muita sede (*krbudi*) falou para a onça: “deixa eu beber essa água.” Mas a onça falou para ele: “Não, essa água você não pode beber, porque essa água é do urubu, (*sipahdu*) a gente não bebe.” Eles continuaram a viagem e quando chegaram a outro córrego (*kâ krarê*) o rapaz queria beber água, porque estava com muita sede, mas a onça outra vez não o deixou beber e falou para ele: “Não, você não pode beber essa água porque essa água é do curió, (*siwtakturê*) por isso a gente não bebe.” Eles continuaram andando até chegarem a outro córrego e o rapaz continuava querendo beber água, mas a onça falou para ele outra vez: “Você não pode beber essa água porque ela é da pipira (*Sikuze nîm kâ*).” Eles continuaram a viagem (*nâtô dure tinê*) e finalmente chegaram na água (*kâ mpê*) boa que a onça bebe e a gente bebe também. O rapaz bebeu tanto que a onça falou para ele: “Ei, pará de beber, você vai beber a água toda, vamos embora. Finalmente eles chegaram na casa onde estava a onça fêmea (*huku sîpikô*).

Quando a onça fêmea viu o rapaz, falou para a onça macho: “Para quê você está trazendo esse menino magro (*kwatbremî ktikre*), este menino tão feio (*aikte kunê zawre*). “A onça macho respondeu:” Vamos criar este menino, dê comida (*dasa*) para ele. Vá moquear carne (*îñî zaza*).” E ela moqueou carne e só eles que já tinham fogo, (*kuzâ*). Então, o menino comeu a carne moqueada (*îñî zaza*), a carne assada (*îñî zakro*). O menino comeu muito, ficou forte (*nâtô nîptêt*), ficou bonito (*nâtô thâipês*). O tempo, porém, foi passando e na aldeia (*dazakru*) os parentes (*dasiwadi*), a mãe (*dazeparkwa*), os irmãos (*îpnâi nôrî*) todos estavam com saudade (*kbure nâtô kmã pkêze*) do menino que não voltava.

Um dia, a onça macho falou para o menino: “Eu vou levar você para a sua aldeia onde os seus parentes estão esperando há muito tempo.” Quando a onça macho estava pintando o menino, ele deu conselho (*nâtô rowahdu tê tmã sakra*) para ele, se a mulher for atrás de você pode matar ela. Ele também fez um arco (*wakrowdê*) com várias flechas (*ti*) e uma lança (*knî*) para o menino. No outro dia, eles foram, a onça macho (*huku snî ambâ*) e o menino (*wapte*). No caminho, a onça macho falou para o menino: “Se tiver qualquer perigo (*mâr kunê aimã krâiwatbro wam pibumã*) você está preparado para defender. Se a mulher, a onça fêmea, vir atrás de você, você pode matar.” A onça macho deixou o menino perto da aldeia e foi embora.

Quando o menino caminhou um pouco, a onça fêmea chegou atrás dele. Ela quis comê-lo, mas o menino estava com o arco e flechas e a lança. Ele subiu numa árvore (*wdê*) e a onça atrás dele. Enquanto ela subia atrás dele, o menino atirou a lança contra ela, bem na clavícula (*ĩnsõkpâ krê wa*). A onça fêmea (*huku s̃ipikõ*) morreu, pois, o menino (*wapte*) a matou com sua lança e não usou arco e flechas (*wakrowdê kãtô ti*). Depois, o menino desceu e foi andando, chegou perto da aldeia e ficou parado. Nessa hora, os irmãos (*tahã pnãĩ nõrĩ*) dele estavam caçando lagarto (*kwatewirê*) e de repente o viram.

Eles correram de volta para a aldeia, contaram para a mãe deles. No entanto a mãe não acreditou nos filhos, já que fazia muito tempo que ele havia sumido. No outro dia, eles foram caçar de novo no mesmo lugar onde o menino estava novamente. Foram avisar a mãe e ela foi com eles. Quando ela viu o filho, chorou (*tuwwa*) muito, o abraçou (*nãtô kra kã*) e levou o filho para a aldeia. Todas as pessoas da aldeia se ajuntaram e choraram. Todos estavam com saudades e perguntaram o menino o que aconteceu, porque foi que sumiu, sem nunca mais voltar.

O menino contou tudo. Mais tarde o menino falou à mãe: “Vai buscar os cofos (*siknõ*) cheios de carne moqueada (*ĩnĩ zaza*) que a onça macho deixou perto da aldeia.” Quando chegaram com carne moqueada, todas as pessoas da aldeia queriam saber como que a carne havia sido moqueada. Todas as pessoas da aldeia experimentaram a carne moqueada e gostaram muito. Perguntaram ao menino, mas ele não quis falar para ninguém. Foi um velho (*wawê*) perguntar (*sdanã*) o menino (*wapte*) mas ele não contou para ele.

Quando foi o tio materno (*ĩsõkrêmzukwa*) do menino (*ĩsõkrêmzukwai ktabi*) tio legítimo a perguntar a ele (*krêmzu*) “sobrinho, conte como aconteceu se a carne foi assada na pedra quente e onde foi moqueada (*ktê wakro wa bãp ĩnĩ saza*).” Para o tio materno (*sõkrêmzukwa*) o menino contou tudo; “foi no fogo que a carne foi moqueada.” Em seguida, o menino falou, “vamos buscar este fogo”. Todos deviam se pintar (*dasiwawi*) todos deviam se enfeitar (*kbure dasiwawi mnõ pibumã*). Todos se enfeitaram e todos se pintaram com pau de leite (*arẽmsku waku*) e urucum (*bã*) como menino mandou. No outro dia bem cedinho saíram da aldeia para buscar o fogo (*kuzã*). Quando eles chegaram aonde estava o fogo, viram o fogo que era bem grande, pois a onça macho tinha colocado um jatobá (*Kakõ wdê*) muito pesado para fazer fogo.

Quando eles viram o jatobá grande (*kakõ wdê kuipdu*) aceso, ficaram assustados e eles perguntaram: “quem vai suspender este fogo, para carregar?” A anta (*kdã*) disse: “eu

vou.” Todos disseram: “você não vai. Você vai carregar este fogo no meio da chapada (*wdêhurêkre mba*) por isso não vai carregar.” Quem vai então? “Eu vou suspender o fogo” foi o veado (*po*) que falou isso. Todos foram ajudar a carregar o fogo para a aldeia. O fogo foi colocado bem no meio do pátio (*warã*) da aldeia. O fogo foi dividido e repartido entre todas as pessoas da aldeia. Cada um pegou a sua parte, os seus fogos e a partir daí todos os Xerente tiveram fogo nas suas casas, para moquear carne de caça (*ĩnĩ tkrê kmã sazai mnõ pibumã*) assar e cozinhar.

Naquela época todos os bichos do mato (*tasiwa kbure kbazêĩprã aire mrmẽ mnõdi*) falavam, pois que todos que participaram de carregar fogo naquele dia, viraram bichos. Ex: Seriema (*wakrdi*) que participou de carregar, “ela estava pegando as brasas que caíram no chão e passando nas duas pernas”. Por isso as pernas de Seriema são vermelhas. Mutum (*akka*) fez a mesma coisa. Ele foi comendo as brasas que estavam caindo no chão, por isso o pescoço (*akka pdu*) dele é vermelho. Assim fizeram outros animais (*kbazêĩprã*). Tatu-peba vinha cavando e botando as brasas para não pegar fogo no mato. Para os Xerente antigamente as caças (*kbazêĩprãĩ mnõ*) também eram gente, falavam como gente, mas quando descobriram fogo todos viraram bichos (*tasiwa tô kbure nãt aimõ siwamnãr*).

Quando os Xerente descobriram fogo, também teve a divisão dos seis clãs do povo Akwẽ Xerente, que é *Kuzâp tdêkwa*, *kbazi tdêkwa*, *krito tdêkwa*, que são os donos dos círculos, (*doi tdêkwa*) e a outra metade são *wahirê tdêkwa*, *krozake tdêkwa (ĩsake)*, *krẽprehi tdêkwa*, que são os donos das listas (*wahirê tdêkwa*). Esses seis clãs se respeitam muito, como no casamento (*dasinã damrõ*), rituais (*dasĩpsê mnõ*) nomeação dos meninos, e das meninas, nas festas indígenas, (*dasĩpsê mba hã*) e em outras ocasiões da aldeia. Para os Xerente o clã (*ambã siwawize siptê zawredi*) do homem é mais valorizado, porque os filhos dele são pintados com a mesma pintura do clã (*ptokwai siwawizep nã za tsiwawi*) do pai. Os filhos não são pintados o clã da mãe (*separkwai siwawizep nã siwawi kõdi*). Tudo isso acontece através da pintura corporal (*dasiwawi hawi zatô kbure ro krãiwatobr*).

Aqui quero complementar os nomes próprios de cada clã, que o pesquisador Valcir Sinã (2016) escreveu quando ele fez especialização em Cultura e História dos Povos Indígenas na UFT, sobre os nomes nomes de cada clã que os Akwẽ batizam os seus filhos: *Kuzâp tdêkwa*, *Kbazi tdêkwa*, e *Kritoi tdêkwa*, que são os três clãs da metade donos dos círculos pequeno, médio e grande (respectivamente) e também vou escrever os nomes dos três clãs da metade que são *Wahirê tdêkwa*, *ĩsake tdêkwa*. Sinã escreveu a maioria dos nomes

próprios masculinos e femininos, com significado de cada nome e a tradução para português. Também já tem os nomes próprios que o missionário Guenther Carlos Krieger mais sua esposa Vanda, fizeram um pequeno dicionário Akwê Xerente, Portugues/ Akwê, no qual eles escreveram vários nomes. Lembrando que alguns nomes masculinos acrescentei e também coloquei alguns tradução femininos que o colega não traduziu de acordo com que o nome estava pedindo. Todos os nomes masculinos e femininos são relacionados a natureza, os Akwê colocam os nomes nos seus filhos relacionados a caças, pássaros, mel, vereda onde eles tiram olho de buriti, marimbondo etc.

3.4 Nomes pessoais por clãs

Tabela 1 - Nomes próprios masculinos do clã Kuzâp tdêkwa, Kuzâp tdêkwai snĩ ambã nōrai sisize.

Nomes	Significados
Ainährâ	Grito da sua tia
Bruwê	Roça bonita
Dakawapsikwa	Machucador de costa dos outros
Damsõkêkwa	Que faz trilha para os outros
Dabâzârkwâ	Cortador de calda
Dapibuikwa	Que visita os outros
Dawakrêikwa	Que fura os outros de algo
Hkâwê	Brinca bonita
Hmõwê	Pos queima bonita
Krâirdu	Cabelo encaracolado
Krunõmrĩ	Colocar rato, dual
Ktêmrã	Pegar duas pedras
Kumnãse	Ciumar alguém ou algo
Kumnkêdi	Costas quebrados
Pizumêkwa	Lançador de buriti
Rbemêkwa	Lançador de mirindiba fruta típica
Romkre	Apaziguador ou algo frito
Rowprê	Algo pesado ou aquele que chega pra animar
Shârrã	Corta algo branco
Simnã	Ciumar ou ciumento
Smnākru	Não gosta de ciumar

Sinã	Chegaram/dobra
Sirnãwê	Linda flor
Srowasde	Ave no mato
Siwarriru	Que penteia enrolado
Sizdakra	Ave que de perna preta
Smĩsuite	Que faz pelo novo no braço
Sõwarê	Peito estreito
Srêmtôwê	Ave de olho bonito
Srêwasa	Mastigar ave dual
Srêzasu	Pássaro assado
Suprawêkô	Areia de chuva
Tãibã	Rabo de chuva
Wakrowa	Óleo de tucum/se você esquentar
Rhãwe	Grito bonito
Sirnãrê	Tem florzinha

Fone: SIRNĂWÊ (2021)

Tabela 2 - Nomes próprios masculinos do clã Kbazi tdêkwa, Kbazi tdêkwai snĩ ambã nōrai sisize

Nomes	Significados
Dbatêkrdu	Moça de perna curta
Kasuwamrĩ	Palha pequena
Kbazdimêkwa	Lançador de algodão
Krêwanĩsu	Cabeça da ponta cortada
Krkoz dabu	Barba de macaco
Krtitmôwê	Gafanhoto de olho bonito
Kuhânĩpi	Trabalho de porco queixada
Nrôrêkwa	Lançador de coco
Panhã	Passarinho de algo
Pnĩrê	Que tem um pouquinho de mel
Prerde	Vermelho puro
Sakruikawê	Que tem aldeia bonita
Samrĩ	Banheiro de água,
Sêikô	Que não tem gosto
Skmôwê	Gavião que tem chifre bonita
Ssãpte	Aves pássaro que tem calda amarela
Sôwêkô	Não gosta de pescar
Srêkupari	Dar suporte alguém
Srômnê	Parece já era feita

Tpêmêkwa	Lançador de peixe
Wakmõpte	Testa dorsal amarela

Fone: SIRNĂWÊ (2021)

Tabela 3 - Nomes próprios masculinos do clã Krito tdêkwa, Krito tdêkwai snĩ ambâ nõrai sisize.

Nomes	Significados
Dakawazrêkwa	Aquele que tira as costas dos outros
Dapazârkwa	Aquele que corta fígado
Dbakro	Moça solteira de cheiro ruim
Dbanĩnãrĩ	Moça que pede
Dbazakrsêkõ	Moça excluída
Kmõnse	Aquele que guarda no chifre
Kmõwamrĩ	Chifre pequeno
Krititêmkê	Gafanhoto de perna esquerda
Kruze	Rama que amarga
Ktêmêkwa	Lançador de pedra
Kukawnõmrê	Colocador de cuia/cabaço
Kupkrtãmêkwa	Lançador de taboca
Kurbepete	Rocha de pedra vermelha
Pasiku	Gavião comprida
Pawimêkwa	Lançador de tabaco
Prase	Colocar junto com ele
Rkopê	Fácil de pegar fogo
Sakruiwê	Lugar muito linda
Sapakõ	Ele não quer, não se importa
Sawrekmõzê	Grande que tem chifre gostoso
Sêikõ	Não tem gosto
Sikuwakârkwa	Aquele que pega que é igual a ele/ela
Sipahimêekwa	Lançador de asa
Srêkbukrã	Pássaro de cara preta
Wahinnê	Igual a mim
Waĩkairê	Minhas costas pequenas
Wakrãwi	Quando escurecer
Wakuke	Lua listrada
Wasde	Que não está bem/ boa
Wassurê	Das nossas folhinhas
Wawêmrà	Mata velha ou pagaram os dois velhos
Wazapa	Vou apagar

Wrewē	Pássaro preto bonito
Smiwaikâ	Que ajuda
Smipibu	Visita outros
Rtiwe	Muito bonito
Ktemekwa	Lançador de pedra

Fone: SIRNÁWĒ (2021)

Tabela 4 - Nomes próprios masculinos do clã Wahirê tdêkwa, Wahirê tdêkwai snī ambâ nōrai siseze.

Nomes	Significados
Aināsiwē	Sua tia está namorando
Aināto	Se juntou com a sua tia/olho de sua tia
Amnē	Confirmação de alguns, algo
Azâwē	Coruja bonita
Dakmānārkwa	Aquele que pinta os outros
Krumsa	Um dos nomes de um vento que passa de madrugada
Kuiromēkwa	Lançador de borduna
Kumnkawē	Espingarda bonita
Kwatēpomēkwa	Lançador de fita de palha de buriti
Mrākrāwēkō	Que não gosta da noite
Mmīrkopte	Candeia/que faz fogo amarelo
Pikōiwaka	Mulher que não faz nada
Prordo	Caburé/Coruja
Rokmrā	Fruta, qualquer fruta
Sahēmbaikō	Invisível
Saipisi	Que come sozinho
Saparzuze	Aparador de alguma coisa
Sapturē	Escolhido
Simnāwē	Ciúme bonito
Simrāmi	Dizer sempre que não tem
Sipkuze	Pássaro do cheiro ruim
Siprā	Que não tem cuidado com nada
Sitmōru	Dedo polegar torto
Sitomnē	Parece que está junto
Siwēpisdu	Que tem namorado (a) sozinho
Sizapi	Pássaro que vão ter mel
Sizdazē	Pássaro cheiroso
Skrawē	Galho bonito
Smīrezanē	Coxo direito/ parece ser de coxo direito

Sõpre	Olhar (plural)
Sîpiprã	Que trabalha de vagar
Srêkbupre	Pássaro de cara vermelha
Srêkrurmê	Pássaro que deixou seu ninho
Srêmse	Guardar meu pássaro
Srêpawê	Pássaro de fígado bonito
Srêwakmōwê	Pássaro de chifre bonito
Suzawre	Muito peludo
Waïkarnãse	Colocou com minhas costas
Waïkazdahite	Minhas costas de perna/ perna de costas novas
Wairokrã	Cabeça folgada
Wakrêro	Nossas cabeças coçadas/ de coceira
Wdêkruwê	Árvores de rama bonita

Fone: SIRNÃWÊ (2021)

Tabela 5 - Nomes próprios masculinos do clã isake tdêkwa, isake tdêkwai snĩ ambã nōrai sissime.

Nomes	Significados
Dakburōikwa	Aquele que une
Darêrkêkwa	Aquele que derruba
Dasarkwa	Aquele que puxa
Dawapsikwa	Aquele que machuca os outros
Dbarã	Moça solteira branca
Dbazanō	Simular de bater a moça solteira
Dbaze	Urina de moça solteira
Hêspomêkwa	Lançador de banana
Kasumrã	Pegar de palhas
Kazamrĩ	Ondas de água
Kmōre	Chifre pequeno
Kranĩpi	Trabalhar com cabeça
Krãrãte	Cabeça branca nova
Ktãpomêkwa	Lançador de enxada
Kukrekã	Cabeça que tem água
Kwanhã	Dente sensível
Mrãzdanãrĩ	Que faz pergunta para a mata
Simrihu	Vai ocupar orvalho
Rawasde	Sujo de mata
Saparzanê	Aparar algo

Sikrbowê	Que tem pena bonita
Simrĩpte	Vai ficar no lugar da amarela
Sinãrĩ	Perguntar/ que gosta de perguntar
Sinõmrĩ	Colocar dois pássaros
Sipiĩprã	Que não trabalha bem
Siwakru	De qualquer jeito
Sõka	Aberto
Srêkruzanê	Que não gosta de ninho de pássaro
Srênõku	Água de passarinho
Srêzê	Pássaro delicioso, gostoso
Wabuwa	Óleo de talo de buriti
Wabuzakrã	Talo de buriti escuro
Waĩkainê	Parece minhas costas
Wairurã	Eu torto branco
Waka	Que não gosta de trabalhar
Wakõmêkwa	Lançador de quati
Wakukepre	Lua de listra vermelha
Wawêkrurê	Rato pequeno velho
Wazakru	Nossa aldeia/ vou mandar
Wazase	Vou colocar

Fone: SIRNÁWÊ (2021)

Tabela 6 - Nomes próprios masculinos do clã Krãiprehi tdêkwa, Krãiprehi tdêkwai snĩ ambã nõrai sisize.

Nomes	Significados
Amkã	Gigante
Hêsukamêkwa	Lançador de papel
Hmõpre	Mata queimada vermelha
Kanõsê	Você vai colocar
Kmõhizanê	Chifre que tem cabelo
Krãssãpte	Cabeça amarela
Kunre	Tinha guará
Kunrê	Enterrar guará
Kupsinã	Pode cobrir
Kupte	Costa amarela
Prakumse	Pé que está coçando
Romtêpre	Calcanhar vermelha
Samuru	Correr com ele torto

Sawrepte	Grande amarela
Sôzê	Com vontade de pescar
Srênôkrã	Pássaro de peito preto
Srêwê	Pássaro bonito
Sukê	Quebrar pelo
Waïkakkbupre	Minhas costas de cara vermelha

Fone: SIRNĂWĒ (2021)

Tabela 7 - Nomes próprios femininos, que podem se batizadas as meninas pikõi nōrai sisize.

Nomes	Significados
Aptudi	Abelha
Arbodi	Morcego
Asakredi	Maribondo preta
Asatedi	Maribondo branca
Azâdi	Coruja
Brudi	Ela tem roça
Brunside	Tipo de pássaro gavião
Brupahi	Andorinha
Brutudi	Existe pau Brasil
Duiti	Tem capim
Hirêki	Fininha
Hmōdi	Lugar que queimou
Kakrkmêkudi	Tem fruta do mato.
Kêti	Existe mel
Kêtwawê	Abelha sanharó
Krattudi	Pássaro mãe daguá
Krawadi	Tem paca
Krêdi	Tem periquitinho
Krênkêdi	Estão todos quebrados, caídos
Krêtidi	Tem tanajura
Krêttêrêdi	Tem periquitinho
Krikpidi	Tem grilo
Krkodi	Tem macaco
Krtadi	Arara vermelha
Krtidi	Tenho gafanhoto
Ktipre	Gafanhoto vermelho
Krukwanê	Moquear rato
Ktâkuptidi	Tem vaca

Kubadi	Tem canoa
Kukãidi	Tem jaboti
Kukawdi	Tem cuia
Kukedi	Listrada
Kukredi	Tem cuia
Kupãrdi	Tem abanador
Kupkrtãdi	Tem taboca
Kupredi	Guara vermelho
Kuzadi	Esta emblualhada
Kuzêidi	Guará gostou
Kwapredi	Dente vermelho
Mhõdi	Lugar queimada, limpo
Mrãitidi	Tem mata sim
Mrõtõdi	Mulher solteira
Nãmnãdi	Tipo de um pássaro do mato
Nëprerê	Pássaro juriti
Pikumdi	Tem abelha
Pirkodi	Tem borboleta
Pizadi	Tem panela
Popradi	Pé de veado do mato
Predi	Está vermelha
Sdupudi	Pássaro do mato bico comprido
Sekwahidi	Tem libélula
Sibãdi	Tem urucu
Sibakadi	Tem garça
Sidi	Tem pássaro
Sikadi	Tem galinha
Sikuptidi	Pássaro gavião
Sikwatadi	Tem maribondo
Simnãitedi	Pássaro xexéu
Sinõkrzakadi	Animal que gosta de mel
Sinõskêdi	Pássaro quero quero
Sipredi	Pássaro vermelho
Sipriki	Abelha preta
Sirtudi	Pássaro arrepiado
Skrãzasedi	Tem escorpião
Smĩkadi	Suja de branco
Smĩkidi	Tem cinza
Ssuiti	Olho de buriti
Stukrãipredi	Pássaro pica pau

Tkadi	Tem terra
Tkazâpti	Terra bruta
Tkidi	Flecha
Tokidi	Pássaro preto
Tpêdi	Tem peixe
Waikwadi	Peixe piranha
Waitidi	Muito afastado
Wake	Tirica
Wakepre	Tirica vermelha
Wakôdi	Tem quati
Wakrârê	Um pouco escuro
Wakrtadi	Tem pente
Wakrtidi	Seriema
Wareti	Tem buritirana
Waridi	Está salgado
Wĩkidi	Tem pássaro perdiz
Wredi	Pássaro preto
Zârêki	Tem maracazinho
Wasidi	Tem estrela

Fone: SIRNĂWÊ (2021)

3. 5 Músicas executadas na nomeação masculina e feminina

3.5.1 Nomeação de Wakedi

As músicas do ritual de nomeação *Wakedi* (masculino), primeiro canta na hora que batiza o menino (*turê*). Abaixo estão as letras dos cantos da nomeação de *Wakedi*, que são executadas pelas mulheres.

Canto 1.

Tewê za aisarõtô, tewê za aisarõtô
Tewê za aisarõtökwa, tewê za aisarõtökwa,
Tewê za aisarõtô, tewê za aisarõtô
Tewê za aisarõtökwa, tewê za aisarõtökwa,

Tewê za aisarõtõ, tewê za aisarõtõ
 Tewê za aisarõtõkwa, tewê za aisarõtõkwa.

Tradução.

Vocês vão pular, vocês pular.
 Venha vocês para pularem

Canto 2.

Īkāmādākâ, ĩkāmādākâ
 Tetô zê ĩkāmādākâ
 Īkāmādākâ, ĩkāmādākâ
 Tetô zê ĩkāmādākâ
 Īkāmādākâ, ĩkāmādākâ
 Tetô zê ĩkāmādākâ

Tradução.

Me olha, me olha
 Você está me olhando, você está me olhando.

Canto 3.

Tôka bāt, bāt ĩrēmẽ
 Tôka bāt ĩrēmẽ, bāt ĩrēmẽ
 Tôka bāt, bāt ĩrēmẽ
 Tôka bāt ĩrēmẽ, bāt ĩrēmẽ
 Tôka bāt, bāt ĩrēmẽ
 Tôka bāt ĩrēmẽ, bāt ĩrēmẽ

Tradução.

Você me abandonou, me abandonou
 Você me abandonou, me abandonou.

Canto 4

Hê ĩsiwẽ nãre are tô kũwamsi ĩrēmẽ mõnõ

Are tô kūwamsi ãrēmē mōnō.
 Hê ãsiwē nãre are tô kūwamsi ãrēmē mōnō
 Are tô kūwamsi ãrēmē mōnō.
 Hê ãsiwē nãre are tô kūwamsi ãrēmē mōnō
 Are tô kūwamsi ãrēmē mōnō.

Tradução.

Nós ainda somos namorados
 Ainda tenho você não pensamento, tenho amor por você,
 e estamos afastadas, vocês vão nos abandonar.

Canto 5

Ambâ za tet dure ãmã aiwara.
 Ambâ za tet dure ãmã aiwara.
 Ambâ za tet dure ãmã aiwara.

Tradução.

Você é homem, mas está correndo de mim novamente,
 Você é homem, mas está fugindo de mim novamente.

Canto 6

Hê, aha, hê aha, hê waza tô ãmōrĩ
 Hê, aha, hê aha, hê waza tô ãmōrĩ
 Hê aha, hê aha, hê, hê hê
 Hê aha, hê aha, hê, hê hê.

Tradução.

Ta bom, ta bom, vou embora sim

Esses são os cânticos que são cantados na hora que as mulheres batizam o menino com nome *Wakedi*. Esse é um dos nomes específicos que o menino recebe cantados pelas mulheres Akwê. Na verdade, o nome *Wakedi* é uns nomes que são começados a festa *dasîpê*.

As mulheres se pintam com leite do pau do mato misturado com carvão do mato. Ficam em fileiras mais o menos trinta a quarenta mulheres para cantar todos os dias de manhã. Isso leva mais o menos três dias. O menino que ganha o nome *Wakedi*, todos os dias ele fica no meio das mulheres dançando junto com elas até três dias. A mulher que fica na primeira fila, ela segura maracá para balançar e é ela que começa a cantoria para as outras mulheres, segurando e balançando o maracá. E a maioria das vezes ficam viradas para o oeste onde o sol se esconde à tardinha. Assim elas vão dançando e balançando o corpo e os pés até uns duzentos metros. Elas vão cantando as músicas que são cantadas todos os dias. A mulher da primeira fila começa o cântico e as outras acompanham. Quando ela para de cantar as outras mulheres que ficam perto dela param também. Então quem responde é a mulher que fica em última na fila. É ela que começa a cantoria e as outras a acompanham. No último dia o tio do menino (*ĩsokremesukwa*) cozinha muita comida, como peixe cozido ou moqueado na brasa, ou cozinha muita carne de caça, mistura com farinha de puba ou até mesmo com grolado para as pessoas que querem dar presente para o tio. A pessoa pega a comida na cuia ou no prato em troca de um colar de tirica. O tio pega os colares para guardar de presente. Aí se encerra a nomeação do menino com nome próprio *Wakedi* masculino. Depois disso, se quiser podem colocar outro nome específico, como por exemplo *Brupahi*, que é nome feminino também, como eu tinha citado anteriormente. Pode ser colocada muitos nomes específicos como *Krkodi*, *Tpêdi*, *Predi* e demais nomes. Todos esses nomes têm cantorias próprias para cantar quando batizam a menina.

No final da festa *dasîpê* tem o nome *Waikwadi* significa (peixe piranha). Enquanto os homens vão cantando e batizando a menina, os dois tamanduás (*padi*) saem do mato onde eles se vestiram com as palhas de bacaba. Os dois anciãos vestem os dois homens que vão dançando no meio do círculo até acabar de batizar a menina. Os homens cantam nas três casas e para terminar eles encerram no pátio da aldeia com nome *Waikwadi*. Depois os dois tamanduás pegam a comida deles no meio do círculo que são oferecidas só para os dois homens, cada um pega a sua cuia com comida e saem correndo na direção a mato. Mais o menos vinte metros depois de eles saíram do círculo eles entregam para mulher deles a comida. Depois os dois vão de volta no mato onde se vestiram com a máscara. Então se encerra a nomeação da menina com nome próprio *Waikwadi*.

3.5.2 – Cantos executados quando se tem a nomeação do nome feminino *Wake*

Canto 1

Wake nõkrêze

Hrtâ pre siremẽ

Hrtâ pre siremẽ

Hrtâ pre siremẽ

Hrtâ pre siremẽ

Hrtâ pre siremẽ

Hrtâ pre siremẽ

Tradução.

Algo vermelho está separando.

Algo vermelho está separando.

Canto 2

Wa siwa wanõkrê, wa siwa wnõkrê nã, wa siwa wanõkrê nã

Wa siwa wanõkrê, wa siwa wnõkrê nã, wa siwa wanõkrê nã

Wa siwa wanõkrê, wa siwa wnõkrê nã, wa siwa wanõkrê nã

Wa siwa wanõkrê, wa siwa wnõkrê nã, wa siwa wanõkrê nã

Wa siwa wanõkrê, wa siwa wnõkrê nã, wa siwa wanõkrê nã

Wa siwa wanõkrê, wa siwa wnõkrê nã, wa siwa wanõkrê nã

Tradução.

Vamos cantar junto, vamos cantar junto mesmo, vamos cantar junto mesmo.

Canto 3

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tetôre ãmã aisipêsê.

Tradução.

Você está me enfeitando muito bem.

Canto 4

Ïwêkô, ïwêkô kunêdi

Are pikôï pisi

Ïwêkô, ïwêkô kunêdi

Are pikôï pisi

Ïwêkô, ïwêkô kunêdi

Are pikôï pisi

Tradução.

É ruim, muito ruim você não me gosta de mim.

Somente ela sozinha.

Esses são os cânticos que são cantados na hora que os homens batizam a menina com nome *Wake*. Essas são algumas das músicas dos nomes específicos que a menina receba o nome cantados pelos homens Akwê. Na verdade, o nome *Wake* também é uns dos nomes que são começadas a festa *dasîpê* antes de começar a nomeação feminina na parte da manhã. O nome *Wake* é tanto feminino como masculino e pode ser uns dos primeiros nomes ser batizada a menina ou menino. Os homens se pintam com leite do pau do mato misturado com carvão do mato. Eles ficam em fileiras mais o menos trinta a quarenta pessoas para cantar todos os dias de manhã. Isso leva mais o menos três dias e a menina que ganha o nome *Wake*, todos os dias ela fica no meio dos homens dançando junto com eles até três dias. O homem que fica na primeira fila ele segura maracá para balançar e é ele que começa a cantoria para os outros homens segurando e balançando o maracá. E na maioria das vezes ficam virados para o oeste onde o sol se esconde à tardinha. Assim eles vão dançando e

balançando o corpo até uns duzentos metros e eles vão cantando as músicas que são cantadas todos os dias. Quando eles batizam a menina com nome *Wake*, eles não andam nas casas como eles andam quando batizam as outras meninas. O homem da primeira fila começa o cântico e os outros acompanham. Quando ele para de cantar os outros homens que ficam perto dele param de cantar também. Aí quem responde é o homem que fica na última fila. Ele que começa a cantoria e os outros acompanham ele. O último dia o tio (*ĩsõkremuzekwa*) da menina cozinha muita comida, como peixe cozido ou moqueado na brasa, ou cozinha muita carne de caça e mistura com farinha de puba ou até mesmo com grolado para as pessoas que quer dar presente de colar de tirica para o tio. A pessoa pega a comida na cuia ou no prato em troca de um colar de tirica. O tio pega os colares para guardar de presente. Essa comida é feita para muita gente e quem pega a comida tem de ter colar feito antes da festa *dasîpê* e guardado na casa. Senão ele não pega comida que o tio da menina faz.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 História do contato com não-indígena e prática do *dasîpê*

Para os Akwê a festa *dasîpê* é muito importante, porque nela pode acontecer a maior parte das histórias do povo Akwê/Xerente. Quando acontece a festa *dasîpê* em alguma das aldeias Akwê, a maioria das aldeias vai à festa *dasîpê* levando seus filhos para serem batizados. Vão os anciãos, os homens, os mais jovens, as mulheres, todas essas pessoas são muitos importantes para estarem na festa *dasîpê*. Como venho falando, sem essas pessoas não acontecem à festa *dasîpê*.

Mas as pessoas mais importantes são os anciãos e anciãs para estarem na festa *dasîpê*. No povo Akwê o maior evento que acontece é a festa *dasîpê*. Nós fazemos isso para acontecer os batizados das meninas (*tarê nõrî*) e os meninos (*turê nõrî*), corrida de tora pequena todos os dias como feminina e masculina, corrida de tora grande carregado de duas pessoas (*ĩsitro*), corrida de tora maior ainda (*krãkrã*) carregado de duas pessoas ou até mais pessoas segurando a tora para não cair no chão, as quatro associações (*dakrsu*) *akemhã*, *krêrêkmõ*, *krara* e *ainãrowa*, nomes femininos específicos, nome específico masculino.

Na festa *dasîpê* todas as pessoas que estão presentes têm que estar pintadas. Os seis clãs pintam seus parceiros para cada indivíduo se conhecer, principalmente os mais jovens que estão pela primeira vez vendo os seus parceiros (*wasisdanãrkwa*) pintados no seu partido. Porque se não pintar no seu clã, alguns jovens não conhecem seus parceiros. Algumas dos meninos ou meninas são pintados na pintura dos tamanduás, que representam a pintura do tamanduá, pintura da onça, que representa a pintura da onça e a pintura da paca, representando a pintura da paca. Essas crianças geralmente são pintadas na idade de 1 até 7 anos. Lembrando que nessas pinturas não pode ser pintadas os meninos acima 7 anos, porque já estão mudando de ciclo de vida.

Também queria falar porque na festa *dasîpê* não pode acontecer, ou melhor, os Akwê não podem fazer como casamento, escolher outro cacique, festa como forro, fazer mutirão para trabalhar fazer roça, assistir tv em casa, tocar som muito alto, ou jogar futebol. E enquanto acontece a festa *dasîpê*, os anciãos proíbem esses tipos de coisas para não

acontecer. Mas depois de terminar, estão livres de acontecer normalmente tudo que foram proibidos.

No passado a festa *dasîpê* acontecia durante muitos dias, durando um mês ou dois meses, porque tinham poucas aldeias, mais o menos oito aldeias. Os Akwê de todas as aldeias se ajuntavam e ficavam esses dias fazendo atividades que os anciãos mostravam para os jovens e demais pessoas presentes na festa *dasîpê*.

Todos os conhecimentos, saberes tradicionais são repassados na festa *dasîpê*. E continuam passando esses saberes para gerações novas, para que não parem de fazer a festa *dasîpê*. No passado, os Akwê iam de pé para a festa *dasîpê*, porque naquela época os Akwê não tinham bicicletas, motos, carros, mas chegavam muitos Akwê para a festa *dasîpê*; A comida dos Akwê era tudo natural tirada da roça, como beiju, grolado, farinha de puba, moqueado, assado, berarubu, carne de caça do mato, peixe dos rios, ou córrego. Os Akwê dormiam no chão na esteira feita de palha de buriti, rede feita pelos Akwê com fitas de buriti. Os mais velhos dormiam na beira da fogueira e todos os materiais eram feitos com matéria prima que buscava no mato, no brejo. Porque para Xerente a festa *dasîpê* é muito importante, muito rico na tradição, cheio de conhecimentos milenares e saberes tradicionais que sempre estão presentes juntos. Sempre os anciãos falam para os mais novos que continuem com essa prática da festa *dasîpê*. Porque se não continuarem quem vai continuar com essa prática de *dasîpê*?

Depois que os Akwê tiveram contato com os não indígenas, a festa *dasîpê* teve algumas alterações como nas comidas tradicionais, na tecnologia, meio de transporte. Mas na festa *dasîpê* os Akwê são muito fortes para guardar a sua tradição milenar. Também diminuíram os dias da festa *dasîpê* hoje os Akwê fazem a festa *dasîpê* por 15 a 30 dias. Atualmente hoje a maioria dos Akwê vão à festa *dasîpê* de bicicletas, motos e alguns de carros. Também nem todas as aldeias vão à festa *dasîpê*, porque hoje na área Xerente e funil têm mais de 95 aldeias.

No passado a festa *dasîpê* não era filmada, nem eram tiradas fotos, porque não tinha a tecnologia. Atualmente as festas *dasîpê* são filmadas. Tiram muitas fotos pelos próprios índios Akwê e pelos não indígenas que vão na festa *dasîpê*. Muitas das vezes amigos não indígenas são convidados para fazer gravação de áudio ou até mesmo fazer filmagem para serem guardadas como um documentário. Porque hoje a maioria das aldeias têm celular digital e máquina de filmagem. Até mesmo internet tem em algumas das aldeias. Atualmente

os jovens Akwê eles fazem isso, mostrando para as pessoas que não conhecem a cultura Akwê, como eles fazem a festa *dasîpê* que vem sendo praticada milenarmente, postando até mesmos nas redes sociais. Hoje em dia os Akwê pedem às autoridades como os políticos, órgãos que cuidam dos Akwê, para eles fazerem a festa *dasîpê*. Mas a maioria das vezes eles não são atendidos pelas autoridades, por isso os anciãos falam que a festa *dasîpê* tem que acontecer várias modalidades que os anciãos repassam para os mais novos.

4.2 Reflexões sobre a prática do *dasîpê* atualmente

Aqui quero explicar um pouco sobre a prática da festa *dasîpê* atualmente. Para ser feita a festa *dasîpê*, os anciãos continuam a se reunir junto com cacique da aldeia para acontecer a festa *dasîpê* naquela aldeia. Discutem qual tema que vai acontecer durante os dias na festa *dasîpê*. Hoje em dia as reuniões estão acontecendo de manhã ou a noite com os anciãos e demais pessoas para se organizar e acontecer a festa *dasîpê* no mês seguinte. Depois de tudo combinado, quando chegar o dia, os anciãos escolhem os dois mensageiros na presença de todas as pessoas, para irem nas aldeias vizinhas, convidar todos para que os pais levam os seus filhos na festa *dasîpê*.

Todos que estão presentes na aldeia participam da escolha dos dois mensageiros. Os dois mensageiros não podem ser do mesmo clã, tem que ter os dois clãs da metade que é *wasisdanârkwa* (clãs parceiros que se respeitam). Eles são pessoas importantes na festa *dasîpê*, são os dois que tem mais contato com os anciãos. São eles que buscam leite de pau e carvão ou jenipapo para todas as pessoas presentes se pintarem. Todos os clãs pintam os seus parceiros. São os mensageiros que buscam lenhas para os anciãos fazer fogueira no *warã*, eles que pegam água para os anciãos beberem, eles que cortam as toras pequenas todos os dias para as crianças, mulheres e homens correrem, todas as tardes eles fazem esses serviços.

São os mensageiros que puxam as filas quando os anciãos e os homens batizam a menina, fazendo círculo nas casas e andando na frente até acabarem de batizar as três meninas na parte da manhã e na parte da tarde são batizadas outras três meninas. A festa *dasîpê* é iniciada pela nomeação das meninas, principalmente com algum nome específico, como tinha argumentado anteriormente. São batizadas muitas meninas naquela festa *dasîpê*.

Enquanto não terminar de batizar todas as meninas os homens não podem entrar no mato para eles começarem a cantar as músicas que são cantadas no mato.

Também quero falar que a festa *dasîpê* passa muitos dias porque têm muitas meninas para serem batizadas. Nessa festa *dasîpê* pode também acontecer o nome específico masculino que é nome *Wakedi*, único nome que é batizado o menino nos primeiros dias que acontece a festa. Nesta nomeação de *Wakedi* o tio paterno oferece a comida em troca de colar de semente de tirica. Vale a pena lembrar que essa comida pode pegar qualquer pessoa que quiser comer a comida feita pelo tio do menino que foi batizado com nome *Wakedi*, mas dando em troca colar de semente de tiririca.

Depois os anciãos entram no mato juntos com os homens onde os mensageiros limpam, debaixo de uma árvore grande que faz sombra, para eles cantarem durante três dias para depois eles saírem ao pátio da aldeia onde batizam os meninos que estão presentes na festa *dasîpê*. Os homens que saem para o pátio, eles se pintam nos rostos e essas pinturas são feitas pelos parceiros da metade (*wasisdanârkwa*). Também são escolhidas duas mulheres para participar na nomeação dos meninos. Essas duas mulheres usam o maior arco e flecha, que são feitas pelos seus parceiros. No outro dia tem a corrida de tora grande que pesa mais ou menos 120 kilos que é carregado de duas pessoas. Tem um grupo de nome *Htâmhã* e grupo de nome *Stêromkwa*, nos quais entram as quatro associações masculinas que são *Akêmhã* e *Krêrêkmõ* que podem correr no partido de *htâmhã*, e as duas associações que são *Krara* e *Ainârowa*, que correm no partido *Stêromkwa*.

4.3 Conclusão

Para escrever sobre maior festa *dasîpê* do povo Akwẽ foi feita uma pesquisa longa e também presenciei muitas festas *dasîpê* que aconteceram na área Xerente e Funil. Fui a algumas das aldeias nas quais fiz entrevistas com ancião sobre a festa *dasîpê*. Eles são maiores conhecedores da cultura do povo Akwẽ e são os principais guardiões que moram nas aldeias. Eles guardam tantos conhecimentos que contam muitas horas para aqueles que querem conhecer sobre as histórias Akwẽ.

Os anciãos são principais historiadores que ficam nas aldeias, eles são as principais bibliotecas do nosso povo Akwẽ. Por isso quando morre um ancião, perdemos uma biblioteca muito rico. Talvez esse ancião não tenha dado essa informação da metade do conhecimento que ele tinha. Por isso fiz maior esforço perguntar a eles para me passarem as nossas histórias sobre a festa *dasîpê*, porque sem essa grande festa para os Akwẽ não tem como serem batizados as meninas e os meninos, porque os Akwẽ precisam batizar essas meninas e meninos nos quais os pais colocam os nomes nas meninas e meninos quando nascem, porque são nomes próprios que as crianças recebam dos pais.

Todos os nomes próprios são ligados à natureza e a maioria dos nomes femininos e masculinos têm significados como o pesquisador Valci Sinã escreveu sobre os nomes próprios masculinos e femininos com todos os significados (Xerente, 2016). Aqui eu acrescentei alguns nomes que faltaram ser colocados pelo pesquisador. Todos os três anciãos e uma anciã entrevistadas me receberam bem nas suas casas, passando todos os conhecimentos, saberes tradicionais milenares que eles guardam na memória. Todos esses conhecimentos eles me passaram oralmente. Eu fiz filmagem com meu celular, gravei em áudio eles falando e tirei fotos de todos os entrevistados.

Os anciãos ficam muito felizes quando recebem um pesquisador indígena do seu próprio povo. Por muitos anos eles não tinham visto um Akwẽ fazendo entrevista na sua própria língua. “Isto é muito bom vocês estudarem para escrever as nossas histórias, e ficar registrados para sempre.” Assim é a fala do ancião Luiz kmõwamri Xerente, da aldeia Mirassol, que diz o índio pode usar celular, ter moto ou carro, usar relógio no braço, usar chapéu na cabeça, mas ele nunca vai deixar de ser índio. Então fico feliz passando esses saberes tradicionais para os nossos jovens, do meu próprio sangue, através desta dissertação.

Isso me chamou muito a atenção ao refletir sobre a fala do ancião. Não foi fácil fazer a minha pesquisa nas aldeias onde moram alguns anciãos que entrevistei. Também foi difícil porque esses anos 2020 e 2021 tivemos a pandemia, doenças que abalou com tantas mortes no mundo inteiro. Inclusive nós, o povo Xerente, perdemos alguns anciãos conhecedores da nossa cultura milenar. Para mim foi chocante que nos deixou um ancião que eu queria fazer entrevista com ele, mas não deu certo eu gravar a fala dele e nem filmei ele. Somente oralmente que ele me passou os conhecimentos tradicionais do povo Akwẽ.

O povo Akwẽ, nós precisamos continuar fazendo a festa *dasîpê* que os mais velhos vinham praticando fazendo o que eles mais pediam para a gente fazer: cantar, dar conselhos,

contar história e passando todos os conhecimentos que eles têm na festa *dasipê*. Antigamente esses conhecimentos eram repassados na casa dos solteiros que é *Warã*. Atualmente esses conhecimentos são repassados na festa *dasipê*, mais do que nas escolas indígenas Xerente. Por isso todos os anciãos são muito preocupados com geração nova. Eles incentivam muito para os jovens estudarem e não se esquecerem de fortalecer a cultura Xerente, praticando a festa *dasipê*.

REFERÊNCIAS

BRITO, Sinval de; XERENTE, Silvino Sirnãwẽ - *Proposta de Projeto Político Pedagógico para as escolas do povo Akwẽ*. Monografia de especialização em Educação Intercultural: gestão pedagógica. Goiânia, UFG, 2014.

MELO, Valéria Moreira Coelho de. *O movimento do mundo. Cosmologia, alteração e xamanismo entre os Akwẽ-Xerente*, Manaus. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas. 2016, 211 p (Tese de Doutorado).

NIMUENDAJU, Curt. *The Serente* (transl. by Robert H. Lowie). Los Angeles: Southwest Museum (Frederick Webb Hodge Fund, Publication Volume IV), 106 p, 1942.

RAPOSO, Clarisse Marina dos Anjos. *Sobre voragem e fertilidade; parentesco, nomiação e alteridade nos modos Akwe-Xerente de composição da vida*. Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019, 361 p. (Tese de Doutorado).

SILVA, Cleube Alves da. Os Xerente e a luta pela terra. XVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, ANPUH, 2015. (http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427977184_ARQUIVO_Osxerenteelutapelaterra-ANPUH.pdf)

TITO, Maria do Carmo dos Santos Pereira - *A tinguízada Xerente: comida, conhecimento, cosmologia*. Palmas, Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente, 2013, 120 p. (Dissertação de Mestrado).

WEWERING, Sílvia Thêkla. Povo Akwẽ Xerente, Vida Cultura Identidade. Editora Rona, 2013.

XERENTE, Afonso Tiikwa. A corrida de toras curtas e longas entre o povo Akwẽ/Xerente no Dasipê – Festa Cultural. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020, 110 p. (Dissertação de mestrado)

XERENTE, João Kwanhã. Warã: comunicação e educação Akwẽ/Xerente. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Universidade Federal do Tocantins, Palmas/TO, 2020, 91 p. (Dissertação de Mestrado).

XERENTE, Valci Sinã - Nomes próprios masculinos e femininos do Povo Akwẽ Xerente e os significados dos nomes. Pós-graduação lato sensu em Culturas e História dos Povos Indígenas. UFT - Campus universitário de Miracema, 2016.

XERENTE, Valci Sinã. *Akwe Xerente nisizem re hã hêsuka. Nomes próprios do povo Xerente*. Projeto extraescolar apresentado para conclusão de curso da Licenciatura Intercultural em Educação Superior Indígena. Goiânia. UFG, 2011.

XERENTE, Valcir Sumekwa - Conhecimentos akwẽ e conhecimentos científicos ocidentais sobre meio ambiente e interações das espécies da fauna. Um estudo na interdisciplinaridade e interculturalidade. Dissertação de mestrado PGCIAMB– UFT- Palmas, 2020.

XERENTE, Valteir Tpêkru. Os substantivos em Akwẽ mrmêze: uma proposta lexicográfica na perspectiva da identidade Xerente. Programa de Pós-Graduação em Letras Ensino de Línguas e Literatura. Universidade Federal do Tocantins, Araguaína/ TO, 2021, 133 p. (Dissertação de Mestrado).